



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

IGOR PEREIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A DESINFORMAÇÃO:
ANÁLISE E COMPREENSÃO DE INFORMAÇÕES MUDIÁTICAS**

**SANTARÉM-PA
2023**

IGOR PEREIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A DESINFORMAÇÃO:
ANÁLISE E COMPREENSÃO DE INFORMAÇÕES MUDIÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará,
como requisito para obtenção do título de mestre.
Orientador: Prof. Dr. José Ricardo e Souza Mafra

**SANTARÉM-PA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S237f Santos, Igor Pereira dos
Formação de professores e a desinformação: análise e compreensão de informações midiáticas / Igor Pereira dos Santos. – Santarém, 2023.
122 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Orientador: José Ricardo e Souza Mafra.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
1. Formação de professores. 2. Desinformação. 3. Educação Midiática. I. Mafra, José Ricardo e Souza, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.71



Universidade Federal do Oeste do Pará
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA Nº 106

No primeiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, às nove horas, por videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores Dr. José Ricardo e Souza Mafra (orientador e presidente), Dra. Carmem Lucia Artioli Rolim (membro externo) e Dr. Gilson Cruz Junior (membro interno) a fim de argüirem o mestrando Igor Pereira dos Santos, com a dissertação intitulada Formação de professores e a desinformação: análise e compreensão de informações midiáticas. Aberta a sessão pelo presidente, coube ao candidato, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, o candidato respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(x) Aprovado, fazendo jus ao título de Mestre em Educação.

() Reprovado.

Documento assinado digitalmente
gov.br CARMEM LUCIA ARTIOLI ROLIM
Data: 01/11/2023 15:19:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. CARMEM LUCIA ARTIOLI ROLIM, UFT

Documento assinado digitalmente
gov.br GILSON CRUZ JUNIOR
Data: 01/11/2023 19:27:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. GILSON CRUZ JUNIOR, UFOPA

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE RICARDO E SOUZA MAFRA
Data: 03/11/2023 14:47:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JOSE RICARDO E SOUZA MAFRA, UFOPA

Presidente

IGOR PEREIRA DOS SANTOS

Mestrando

Documento assinado digitalmente
gov.br IGOR PEREIRA DOS SANTOS
Data: 06/11/2023 10:58:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

IGOR PEREIRA DOS SANTOS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A DESINFORMAÇÃO:
ANÁLISE E COMPREENSÃO DE INFORMAÇÕES MUDIÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação para obtenção do título de mestre; Universidade Federal do Oeste do Pará; Área de concentração: Educação.

Conceito: Aprovado

Data de aprovação: 01 / 11 / 2023

Prof. Dr. José Ricardo e Souza Mafra
Orientador – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Gilson Cruz Junior
Universidade Federal do Oeste do Pará

Profa. Dra. Carmem Lúcia Artioli Rolim
Universidade Federal do Tocantins

O presente estudo é dedicado à minha **Mãe**,
Maria Ivaldete Pereira dos Santos. Meu
exemplo de ser humano, caráter e luta.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por me possibilitar ter esta oportunidade.

Em seguida, agradeço a toda a minha família que sempre me incentiva e que apoia os meus estudos, em especial, ao meu avô - Joaquim (*in memorian*) e à minha avó - Bibiana. Que, quando foi necessário, colaboram para que eu pudesse continuar em minha caminhada acadêmica.

Deixo meu agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor José Ricardo e Souza Mafra, que abriu mais um espaço na sua vida corrida e aceitou me orientar, deu o suporte necessário durante esta pesquisa para que pudéssemos chegar a este resultado. Estendo estes agradecimentos ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática e Interdisciplinaridade na Amazônia – GEPEIMAZ – e seus participantes que colaboraram com os debates e indicações de melhorias.

Da mesma forma, tenho que agradecer ao Renan Rodrigues que me acompanhou durante todo este período e me deu força para continuar e concluir. Igualmente, faço os meus votos de gratidão ao meu amigo/irmão Cássio Breno que está ao meu lado sempre que necessito de um ombro amigo e de um apoio para me reerguer.

Deixo aqui meu carinho a todos e todas que tive a honra de conhecer durante este período do mestrado, em especial, a todos da turma 2021 do PPGE/Ufopa. E também minha gratidão aos meus amigos, amigas, colegas, companheiras/os e conhecidos que, por algum motivo ou ocasião, estiveram ao meu lado.

Encerro, agradecendo aos servidores da Ufopa e dos meus colégios da educação básica que são as pessoas que fazem a educação pública acontecer em nosso país. A eles ficam os meus votos de dias melhores e da valorização de cada profissional que dedica seus dias por uma educação pública de qualidade e emancipatória.

RESUMO

O fenômeno da desinformação é uma das grandes problemáticas que humanidade vem enfrentando neste último período da sociedade, a era das tecnologias digitais é a grande impulsionadora deste fenômeno, que conjuntamente com a pós-verdade e o período histórico da pós-modernidade vêm dando sustentação para que essa situação se agrave cada vez mais. Portanto, o presente estudo buscou investigar na formação inicial de professores o desenvolvimento de ambientes de ensino e aprendizagem que visem a analisar e compreender as informações midiáticas frente à desinformação. O caminho metodológico é de uma pesquisa qualitativa e exploratória, sendo desenvolvido um conjunto de atividades como encaminhamento educacional em vista de colaborar com o processo de formação inicial de professores, no que tange à relação da desinformação e suas interferências na sociedade. Este conjunto de atividades foi aplicado, de forma preliminar, com 14 estudantes de graduação do curso de licenciatura em informática educacional da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), como forma de analisar a viabilidade e o desenvolvimento das atividades. Utilizou-se como instrumento para a organização e tratamento das informações: questionários, diário de campo e também uma entrevista em grupo. Os resultados finais dão conta de que o ambiente da formação inicial de professores ainda não consegue abranger a complexidade da situação em que a desinformação se encontra, contudo entende-se ser o ambiente mais favorável para propagar as habilidades de enfrentamento à desinformação, de que a educação é de vital importância para lidar com este processo, sendo ela um dos pilares de embate, e de que é preciso ampliar os estudos sobre essa temática.

Palavras-chaves: Educação Midiática. Formação de Professores. Desinformação.

ABSTRACT

The phenomenon of disinformation is one of the major problems that humanity has been facing in this last period of society, the era of digital technologies is the great driver of this phenomenon, which together with post-truth and the historical period of post-modernity have been giving support to that this situation becomes increasingly worse. Therefore, the present study seeks to investigate the development of teaching and learning environments in initial teacher training that aim to analyze and understand media information in the face of disinformation. The methodological path is qualitative and exploratory research, with a set of activities being developed as educational guidance in order to collaborate with the initial teacher training process, with regard to the relationship between misinformation and its inferences in society. This set of activities was applied, in a preliminary way, with 14 undergraduate students from the degree course in educational information technology at the Federal University of Western Pará (Ufopa), as a way of analyzing the feasibility and development of the activities. The following instruments were used to organize and process information: questionnaires, field diary and also a group interview. The final results show that the initial teacher training environment is still unable to encompass the complexity of the situation in which misinformation is found, however, it is considered to be the most favorable environment to propagate the skills for tackling misinformation, of which education It is vitally important to deal with this process, being one of the pillars of conflict, and it is necessary to expand studies on this topic.

Keywords: Media Education. Teacher training. Disinformation.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Domicílios com acesso à internet 2017 e 2021.....	49
Imagem 2 – Plataformas de mídia social mais usadas no Brasil (2023).....	50
Imagem 3 – Dados da população de Santarém/Pa.....	54
Imagem 4 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Desinformação nas redes sociais”...81	
Imagem 5 – Slide de apresentação da proposta – equipe “A rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News”.....	82
Imagem 6 – Slide de apresentação da proposta – equipe “A rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News”.....	83
Imagem 7 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Vício comportamental em redes sociais”.....	84
Imagem 8 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Educação Midiática na Era da Desinformação”.....	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet – comunicação e redes sociais.....	39
Gráfico 2 – Índice de acesso à internet nas escolas públicas por região.....	47
Gráfico 3 – Mapa conceitual da pesquisa.....	64
Gráfico 4 – Como você consome informações – Redes Sociais.....	68
Gráfico 5 – Como você consome informações – WhatsApp e Similares.....	69
Gráfico 6 – Como você consome informações – Site de Jornais conhecidos.....	70
Gráfico 7 – Como você consome informações – Site e Jornais Independentes.....	70
Gráfico 8 – Como você compartilha informações – Facebook.....	72
Gráfico 9 – Como você compartilha informações – Instagram.....	73
Gráfico 10 – Como você compartilhamento informações – WhatsApp.....	73

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARPAnet	Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Lanted	Laboratório de Aplicação das Novas Tecnologias Educacionais
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNBL	Plano Nacional de Banda Larga
PNE	Plano Nacional de Educação
ProInfo	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PSEI	Processo Seletivo Especial Indígena
PSR	Processo Seletivo Regular
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação
UPE	Universidade de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 A EDUCAÇÃO EM UM MUNDO CONECTADO E DESINFORMADO	23
2.1 As mudanças tecnológicas que mudaram perspectivas	23
2.2 A explosão de desinformação como consequência da era digital	27
2.3 Pós-modernidade: a perda de credibilidade e a chegada da individualidade.....	33
2.4 Formação de professores como pilar de uma possível mudança	38
2.5 Educação na região norte: a exclusão digital e a disseminação de desinformação	45
3 OS TRILHOS BASILARES DA PESQUISA	53
3.1 O recorte de belezas: Amazônia, Pará e Santarém	53
3.2 Território percorrido: o lócus de pesquisa.....	56
3.3 Caminhando pela metodologia da pesquisa	57
3.4 Os passos da sistematização e da análise	62
4 DESCRITORES DAS ATIVIDADES FORMATIVAS	65
4.1 A construção dos encaminhamentos educacionais	65
4.2 Consumo e o compartilhamento de informações nas mídias sociais.....	67
4.3 Processo formativo dialogado: desinformação e educação midiática em foco.....	74
4.4 Processo formativo prático: construindo proposições educacionais.....	79
4.5 Avaliação do questionário inicial e final.....	86
4.6 Entrevista em grupo	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	106
ANEXOS	121

1 INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século passado e a primeira década do século XXI foram marcadas por intensas modificações na estrutura, tecnologia e também nas pessoas. Foi nesse período que os computadores foram evoluindo até suas funções chegarem a estar presentes nos telefones celulares, na palma da mão dos usuários, fazendo com que estes tivessem a possibilidade de deixar de serem somente consumidores de conteúdo para tornarem-se produtores de conteúdo. Além dessa quebra de paradigma com relação ao uso dessas ferramentas, esse avanço colaborou para a transmissão de cultura e da língua de um país para outro, levando a compressão do tempo e espaço entre as pessoas.

Esse paradigma é quebrado pelo fato de os meios de comunicação terem evoluído ao ponto de que as pessoas pudessem se comunicar com mais rapidez e em tempo real. Como já foi citado, as pessoas passaram a poder se expressar através da rede mundial dos computadores, por meio dos sites, blogs e redes sociais. Estas mudanças possibilitaram que os usuários pudessem ser mais ativos nesses espaços, isso ocasionou uma grande elevação na quantidade de informações existentes na internet.

Em contrapartida, surgiu conjuntamente o uso de forma maliciosa de produção de conteúdo com a intenção de manipular e enganar aqueles e aquelas que viessem a consumir esse conteúdo, diferentemente de épocas anteriores quando era mais comum o controle da informação, agora o que ficou generalizado é descontextualizar e fraudar informações para ganhos próprios.

Esses conteúdos se espalharam por todas as redes e espaços, seja nas redes pessoais como também nos grupos da família e do trabalho, esses conteúdos ficaram conhecidos como *Fake News*, mas podemos utilizar também o termo desinformação. É em meio a essa situação que as escolas e a comunidade escolar têm sido afetadas com essa conjuntura, as pessoas de um modo geral e, mais especificamente, os estudantes que estão cada vez mais conectados nas mídias sociais, as quais contêm milhares dessas informações sem credibilidades, essas crianças e adolescentes estão ainda mais suscetíveis a serem manipulados por esses conteúdos, já que estão em processo de desenvolvimento de suas identidades.

Diante desses fatos, trabalhos como de Versuti (2021), Bernardi (2021), Almeida (2021), dentre outros passaram a apontar que as escolas deveriam ser o lócus de produção de conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades que viessem a contrapor a desinformação, proporcionando aos estudantes a possibilidade de serem usuários críticos dessa enxurrada de informações contidas na rede mundial de internet. Os docentes devem, então, ser os

impulsionadores desses debates. Contudo, para que isso ocorra, é preciso que os docentes tenham uma preparação específica para lidar com estes assuntos; não se pode considerar colocar essas temáticas durante as aulas sem que haja uma formação antecipada.

Este cenário global da desinformação na sociedade e de que a educação seja o lócus de enfrentamento é ainda mais complexo quando passamos a analisar o contexto dos estados da região norte que compõem o território amazônico do Estado brasileiro. A região norte sofre há séculos com o processo de colonização e centralidade sul/sudeste das políticas públicas. Como citado por Ferreira (2019), estas políticas são pensadas e executadas, em sua grande maioria, sem haver nenhuma consulta daqueles que serão afetados por essa ação.

Dessa forma, as políticas públicas quando aplicadas neste território, por vezes, não alcançam o objetivo que havia sido previsto. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – Contínua dos anos de 2016 a 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – mostram que a educação na região norte do país está atrás das demais regiões quando se trata da média de escolaridade. A parte amazônica está a 0,8 anos distante ainda da meta 8 do Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024, como veremos no tópico 2.4 da seção seguinte.

A situação da região norte do Brasil, ao observamos no que tange ao acesso à internet, é ainda pior, por conta da pobreza e da falta de cobertura de internet em uma boa parte desse território: uma quantidade significativa de residências não consegue ter acesso próprio à internet. O caso se replica nas escolas desta região: mais da metade dos educandários não tem acesso à internet de nenhuma forma, de acordo com os dados do PNAD Contínua/IBGE de 2020, dificultando a produção de atividades tecnológicas e pedagógicas para a atuação dos professores.

A exclusão de parte das populações amazônicas do Brasil não inviabiliza a disseminação de desinformação, visto que há cidadãos amazônidos que já estão conectados nas mídias digitais ou pelos aplicativos de mensagens instantâneas; por meio dessas pessoas pode haver essa propagação de mentiras e manipulações para os demais membros do grupo de contato ou de forma oral, o que contribui com a ampliação da disseminação.

A propagação pelas vias orais, ainda que seja uma forma lenta, é um mecanismo eficaz para o avanço da desinformação criada em um ambiente em que não há outros meios que possam trazer informações fácticas daquela determinada temática. Pressupõe-se que se houver professores capacitados nesta discussão, estes poderiam tratar, por meio de suas atividades, das características de uma informação e das possíveis formas de identificação se é verdadeira, falsa

ou manipulada, mesmo não sendo ambiente repleto de tecnologia ainda é um espaço que também precisa lidar com a desinformação, como apresentaremos com mais ênfases no tópico 2.5 da seção seguinte.

Nesse sentido, é preciso organizar formas de preparação dos docentes para atuarem com essas temáticas na sala de aula. Nessa perspectiva, Soares (2014) afirma que no cenário atual é necessário haver formações continuadas para os docentes e que seja em um contexto contemporâneo para que eles possam ter habilidades para reconhecer a educação de forma multicultural, para serem desenvolvedores de questionamentos e que sejam capazes de compreender os estudantes como sendo sujeitos de processos comunicativos, de valorização da cultura midiática dos jovens e o entendimento dos meios de comunicação.

É também imprescindível que nessa formação os professores sejam preparados para lidar com as novas formas de linguagens que existem na internet, sejam elas por meio de texto, áudio ou vídeo, observando os caminhos que cada narrativa utiliza para repassar o que deseja. Estes novos modelos característicos de professor precisam integrar as competências pedagógicas com as inovações tecnológicas considerando a subjetividade dos estudantes, para que supra a sua formação tradicional (Soares, 2014), abarcando várias visões e posições sobre o mundo, para que o docente possa compreender a importância nessa luta contra a desinformação.

Logo, ao analisarmos esse debate sobre a formação de professores para lidarem com esse ambiente de desinformação, entendemos que os docentes precisam mais do que preparação para o uso dos recursos tecnológicos. É preciso desenvolver junto com eles o pensamento crítico e reflexivo sobre os conteúdos consumidos. Nessa perspectiva, Chaves e Melo (2019) indicam que o caminho deva ser a educação midiática, eles concluem que é “eficaz para capacitar crianças e jovens imersos em um mundo em transformação, em que todos somos impactados por novas formas de nos relacionar e de nos informar” (Chaves e Melo, 2019, p. 78).

Assim, torna-se necessário investigações que busquem ajudar na indicação de proposições de formação de professores, seja na formação inicial de professores, nos cursos de licenciaturas, seja na formação continuada de professores, que atinge os que já estão atuando.

Este trabalho focou na primeira formação citada, em vista de que os licenciandos estão “se preparando para efetivar as tarefas práticas de ser professor. Dado que não se trata de formá-lo como reprodutor de modelos práticos dominantes, mas capaz de desenvolver a atividade material para transformar o mundo natural e social humano” (Pimenta, 2005, p. 524).

Entendemos que este seja o lócus mais apropriado em virtude do espaço e do tempo, que podem subsidiar a pesquisa de forma inicial e do ponto de vista educacional, e que poderia nos oferecer a discussão de conteúdos que envolvessem os discursos e narrativas na composição e estruturação de informações. Portanto, a questão central desta pesquisa trata de: Como desenvolver, na formação inicial de professores, a análise e compreensão de informações midiáticas através de propostas e práticas pedagógicas?

Nosso principal objetivo versou sobre investigar na formação inicial de professores o desenvolvimento de ambientes de ensino e aprendizagem que visem a analisar e compreender as informações midiáticas frente à desinformação. E para embasar, tivemos como específicos os seguintes objetivos: discutir questões teóricas sobre a temática numa perspectiva pós-moderna que venha subsidiar e fundamentar a pertinência em ambientes educacionais; analisar a relevância da proposta, na formação inicial de professores, com base em possíveis caminhos necessários para a superação da desinformação; e apresentar uma composição inicial de encaminhamentos educacionais, visando a realizar a análise e compreensão de informações midiáticas, envolvendo a diversidade de conteúdos existentes.

Para tanto, o presente estudo busca entender se a formação inicial de professores é um importante passo para colaborar com a área da educação no enfrentamento ao avanço desenfreado da desinformação na sociedade, entendendo que a educação é um dos pilares fundamentais para que haja o processo de repressão ao seu avanço. Tal movimento ganhou força nas últimas décadas com as transformações tecnológicas e com a presença mais evidente das características da pós-verdade na sociedade, as quais, a partir do ano de 2016, foram definidoras para este enraizamento.

Essas transformações têm colocado os povos e nações em situações complexas no âmbito da política, da saúde e da educação, como também vêm causando alterações nos comportamentos, hábitos e nas culturas das sociedades.

É sabido, como explicado anteriormente, que o ato de utilizar informações para manipular situações e fraudar informações, a desinformação, para enganar as pessoas, não é um fenômeno somente do atual período, estas atitudes vêm de muito tempo antes. Mas, cabe a academia científica estudar os meios que venham colaborar com o processo de contenção dos efeitos desses fenômenos na sociedade.

Ao tratarmos sobre o mapeamento desse estudo, é preciso compreender que já havia estudos relacionados ao uso da informação dentro de espectros específicos, como mostrado pelos historiadores Lazzarini (2015) e Claussen e Zenobi (2022). Contudo, a desinformação

torna-se umas das pautas centrais dos debates e estudos a partir de 2016 e ganha o *boom* com a fala do ex-presidente norte-americano, Donald Trump, ao rebater um jornalista com a seguinte frase: “*You are fake news*”.

O termo *fake News* passa a ser um termo recorrente nas falas do ex-presidente e ganha grande repercussão. A partir desse fato, é que muitos estudos passaram a ser realizados ao redor do mundo, que interligam diversas áreas que são afetadas por este fenômeno, inclusive, a educação. Somente o banco de dados da SciELO apresentou um resultado de 164 trabalhos da busca com o termo *fake News*. No Brasil, podemos encontrar trabalhos relacionados com a área da comunicação, da saúde e também com a política, com relação à desinformação e à educação. Estudos nesse campo também têm sido realizados, principalmente, os que visam a verificar formas e possíveis contribuições da inclusão dessa temática junto aos estudantes da educação básica.

No entanto, a presente pesquisa buscou focar o estudo na formação inicial de professores, por entender que estes são os agentes responsáveis por mediar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e que eles podem e devem ser os promotores desses debates em sala de aula. Além de compreender que a formação inicial de professores é o ambiente adequando tanto para o preparo destes futuros docentes quanto para que estes já sejam propagadores dessas compreensões para outras pessoas do seu círculo de convivência.

Entretanto, o que pudemos perceber é que essa temática específica ainda carece de muitos estudos que possam nos mostrar os caminhos que teremos que trilhar para que possamos formar nossos atuais e futuros docentes para serem mediadores do conhecimento sobre a desinformação. Dentre os muitos caminhos possíveis, a Educação e a Formação docente necessária sobre essa problemática, é um deles. É nesse interesse que estamos apresentando essa pesquisa. Buscamos aqui mostrar alguns resultados iniciais e considerações que podem vir a ser pontos de discussões e reflexões sobre a formação de professores e a desinformação.

Para isso, fizemos o levantamento de pesquisas e estudos que mais se aproximassem da linha desse trabalho, o qual foi realizado em quatro bases de dados, sendo elas: Catálogo de Teses e Dissertação da Capes¹, Biblioteca Digital Brasil de Teses e Dissertação², SciELO³ e nos Dados Abertos da Capes⁴. Em todas essas usamos os seguintes termos para realizarmos as buscas: “Desinformação” *and* “formação de professores” e “Fake News” *and* “formação de

¹ Link de acesso ao banco de dados: [Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES](#).

² Link de acesso ao banco de dados: [BDTD \(ibict.br\)](#).

³ Link de acesso ao banco de dados: [SciELO.org](#).

⁴ Link de acesso ao banco de dados: [Dados Abertos \(capes.gov.br\)](#).

professores”. Na SciELO e nos Dados Abertos da Capes não foram encontrados nenhum resultado como retorno da busca.

No Catálogo de Teses e Dissertação da Capes, com o primeiro termo, tivemos retorno de 7 dissertações, sendo que somente 3 trabalhos tinham ligação próxima a este estudo; os demais estavam com outros vieses de aplicação; na busca com o segundo termo, obtivemos 4 dissertações, constituídas por 1 trabalho fora do eixo da pesquisa, 2 pesquisas que focavam nos estudantes da educação básica e 1 trabalho que já havia sido encontrado na primeira busca.

Já na Biblioteca Digital Brasil de Teses e Dissertação, com o termo “Fake News” *and* “formação de professores” foi encontrada 1 dissertação que, novamente, tinha o objetivo de analisar os estudantes do ensino médio e 1 tese que dialogava com este trabalho, porque tratava de um estudo ligado à formação de professores de física; com o termo “Desinformação” *and* “formação de professores” não foi encontrado nenhum trabalho segundo a plataforma.

O levantamento resultou na obtenção de 3 dissertações no Catálogo de Teses e Dissertação da Capes e de 1 tese encontrada na Biblioteca Digital Brasil de Teses e Dissertação, resultando em 4 estudos como base de revisão de estudos utilizados nessa pesquisa.

Tabela 1 – Relação dos dados dos trabalhos recuperados

Ano da Defesa	Autor(a)	IF	Programa	Nível	Título do Trabalho
2021	Ana Paula de Alencar	UFF	Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano	Dissertação	Competência crítica em informação e prática docente: Uma análise sobre a relação do professor com a desinformação
2019	Jonas Martins Santos	UNEB	Programa de Pós-graduação em educação e diversidade	Dissertação	Letramento informacional e dispositivos móveis como instrumentos de combate à desinformação na educação básica
2021	Lucinalva de Almeida Silva	UPE	Programa Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares	Dissertação	A influência da Fake News e da desinformação na era da pós – verdade: saberes e estratégias de professoras do ensino fundamental no contexto de uma pesquisa – formação
2019	Danilo Cardoso	USP	Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências	Tese	Mídia, Ciência e Ensino: Problematizações na formação inicial de Professores de Física

Fonte: Elaborada pelo autor.

Estes trabalhos que foram encontrados nos repositórios nacionais serão, de forma sucinta, apresentados a seguir:

O primeiro trabalho recuperado é a dissertação de Alencar (2021) que busca discutir uma alternativa de combate à desinformação, para isso a autora investiga a relação cotidiana dos professores da Rede Municipal de Ensino de Niterói (RJ), com a seguinte questão “como a relação cotidiana do professor com a informação reflete em sua prática docente, em específico, no combate à desinformação?” Com o objetivo de investigar a relação cotidiana das participantes com a informação e quais os desdobramentos práticos, a fundamentação teórica deste estudo é com base em Kellner e Share (2008), Kellner (2001 [1995]), Schneider (2019). Sua hipótese é de que a relação do professor com a informação no seu dia a dia é o que determina como será a abordagem dele com a desinformação em sala de aula.

Ainda sobre este estudo, a autora considera que os professores podem ser agentes de transformação nesse contexto e que devem ter uma alfabetização crítica da mídia. Por isso, a pesquisa de cunho exploratório e abordagem hipotético-dedutivo teve como participantes professores dos anos finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental de escolas da cidade de Niterói/RJ. Foram coletados dados através de entrevistas estruturadas e analisadas por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A pesquisa concluiu que os professores têm conhecimento sobre *fact-checking* e de outros mecanismos de verificação e análise, os professores consomem informações de forma mais utilitária do que crítica. Por fim, indica que a hipótese se sustenta, tendo em vista todos os esforços de instituições globais e iniciativas específicas para a América Latina. Além disso, apresenta uma síntese do roteiro de atividades que podem contribuir com a formação de professores para o combate à desinformação.

Outra pesquisa que foi recuperada nesse processo foi de Santos (2019) que tratou da análise do uso de dispositivos móveis no processo de letramento informacional. O estudo abordou sobre quais são as possibilidades e os limites do letramento informacional de estudantes de educação básica frente ao problema da desinformação e da prática de disseminação de informações falsas.

Seu objetivo foi de “Analisar formas de uso dos dispositivos digitais móveis de comunicação que podem contribuir no processo de letramento informacional na educação básica em uma escola de Senhor do Bonfim/BA”. Para isso, esta pesquisa utilizou como referências centrais Kenski (2012), Gómez (2015) e Dudeney (2016).

Santos (2019) realiza sua pesquisa com 9 docentes que atuavam no Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Senhor do Bonfim, no município de Senhor do Bonfim / BA. Realizou

com eles entrevistas semiestruturadas, observação participante e a análise de conteúdo, adotando as estratégias de Bardin (2016).

Considerou que o processo de letramento informacional para aqueles que participaram é intenso e delicado, que os professores não conseguiram compreender a dimensão da desinformação e de como isso pode vir a interferir no ambiente educacional. Apesar disto, mostra que os professores conseguiram pensar em formas de utilizar o letramento informacional como metodologia educativa.

Dentro desta recuperação de trabalhos já realizados na mesma temática, encontramos também a dissertação de Silva (2021) que investigou os processos formativos de professoras de escolas públicas de um município em Pernambuco. Sua questão-problema versou sobre a influência das Fake News e da Desinformação na era da pós-verdade e de como os docentes devem lidar em sala de aula. O objetivo da pesquisa visou a compreender os processos formativos de saberes e estratégias para que professoras de anos finais pudessem lidar com estas situações. Utilizou diversas referências teóricas ao longo do texto, como Tardif (2010), Bauman (2001) e Santaella (2018); foram alguns autores das bases centrais do estudo.

Este estudo foi realizado com professoras de seis escolas integrantes da Rede Municipal de Educação no município de Afrânio/PE, sendo cinco delas localizadas na zona rural e uma na zona urbana. Foi uma pesquisa-formação que considerou a vivência das professoras antes e durante a realização da pesquisa, entrelaçando a formação com as professoras e a ação delas em suas aulas. Os dados foram coletados do diário de observação por encontro, entrevista gravada por meio de smartphone, no coletivo e em pequenos grupos, de rodas de conversa no coletivo e de outras formas. Através deste estudo, concluiu-se que os processos formativos precisam ser permanentes, já que os docentes necessitam de espaços de trocas de novos saberes. E entrega ainda uma formação/guia que traz seis encontros propostos tratando sobre as estratégias para identificação de Fake News, a navegação segura na e pelas mídias e a aprendizagem colaborativa.

Já a tese de Cardoso (2019), problematiza a questão dos motivos de ensinar ciências na atual sociedade, visto que este ensino tem indicado, segundo o autor, que o conhecimento científico não dever ser realizado somente para ser o fim de si mesmo. Considera, portanto, que este ensino tem ligação com problemáticas emergentes, como é o caso das mídias sociais, que têm acesso aos conhecimentos do mundo e de relações interpessoais, mas também tem dado espaço para as fake News. O autor traz algumas questões que guiam seu estudo, dentre elas estão: “como Professores em formação inicial de física avaliam e propõem a inserção da mídia

na educação científica?” e “Como Professores em formação inicial de física avaliam e propõem a inserção da mídia na educação científica?”.

Seu objetivo foi investigar as possibilidades e limitações da aproximação entre a educação científica e a educação para as mídias. Em específico, a formação inicial de professores no curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo. Portanto, os sujeitos da pesquisa são os estudantes de duas disciplinas ofertadas no 5º e 7º semestres do curso. Os dados coletados se dão através da disciplina que o autor ministrou e dos trabalhos produzidos pelos estudantes, que foram analisados pela Análise Textual Discursiva. Por fim, considera que “educação científica deve ser um meio e não fim em si mesma, estando relacionadas a objetivos formativos que considerem problemas sociais emergentes, defendemos a inserção da mídia em aulas de física” (Cardoso, 2019, p. 270).

As dissertações e a tese encontradas durante o levantamento trazem ótimas reflexões e contribuições para o cenário acadêmico e educacional, mas também colaboram com a reflexão, o desenvolvimento e a sustentação da presente pesquisa. Alencar (2021), ao investigar a relação do cotidiano dos professores com a sua prática, reflete muito bem a interferência que a desinformação vem causando também na educação e, portanto, tais profissionais necessitam de formação.

Em contrapartida, Santos (2019) revela através do estudo sobre formação de professores, que ainda que tenha essa necessidade de formação, isso não é algo fácil, que é preciso de muita força de vontade e dedicação. Já Silva (2021) apresenta uma ótima ação formativa que faz refletir que a ação formativa de professores não cabe somente para o desenvolvimento das aulas, mas também para o seu próprio cotidiano. E encerrando, Cardoso (2019) vem com sua tese avaliar a formação durante duas disciplinas de graduação e reflete que esta formação não deve ser somente por si própria, mas que deve se interligar com questões contemporâneas, inclusive, da inclusão das tecnologias para o ensino de física.

Por fim, é preciso destacar que o levantamento de trabalhos utilizados na revisão de literatura foi realizado com muitas dificuldades, pois as plataformas utilizadas não retornavam números significativos para os parâmetros utilizados, alinhados à temática de pesquisa. É evidente que há pesquisas direcionadas para o fenômeno da desinformação e Fake News, mas estes estão com mais densidade no campo da comunicação.

Demonstrando a necessária observação do coletivo educacional para que logo se tenha mais trabalhos nesta mesma linha. Caso haja mais trabalhos de níveis de pós-graduação no campo pesquisado neste estudo, não foram apresentados por estas plataformas.

Apresentamos a seguir uma síntese das seções que estão contidas nesta dissertação. Na **seção 2**, serão explanados os avanços tecnológicos e de como essas ferramentas passam a ser de uso comum entre as pessoas. Como isso passa a interferir na vivência e convivência entre as pessoas, nas consequências delas e no uso para propagação da desinformação, inclusive na educação. De como isso está ligado com o período histórico da pós-modernidade e também com a pós-verdade. E como a formação de professores deve se organizar para ser um dos pilares de colaboração para barrar este avanço da desinformação.

Já na **seção 3**, faremos a explanação de todo o caminho da pesquisa, o desenvolvimento metodológico, apresentando o recorte espacial, com contexto social e cultural, o local da pesquisa, quem são participantes e quais os instrumentos utilizados. Buscando também compreender as bases teóricas que se encoraja a pesquisa, como foram as coletas de dados e as formas de análise delas.

Observaremos na **seção 4** a construção dos encaminhamentos educacionais e as descrições das ações realizadas com os estudantes de graduação, apresentando os momentos de encontro, o desenvolvimento de proposta de aulas pelos próprios estudantes e as avaliações dos participantes em relação ao processo formativo. Ainda são descritos os dados coletados, bem como é feita sua análise.

Por fim, a **seção 5** trará uma exposição dos resultados finais da pesquisa em relação aos objetivos e a questão-problema feita no início do estudo. Será feita ainda a explanação sobre as considerações que o pesquisador abstraiu ao longo do processo de pesquisa que foi realizado.

Com este trabalho, esperamos contribuir com o campo da educação, apresentando um estudo que trate de temáticas contemporâneas e emergentes que tem afetado a sociedade como um todo. Que possa ser um material de sensibilização e de fundamentação para o debate de enfrentamento à desinformação por meio da educação midiática crítica no âmbito do ambiente escolar, mas compreendendo que deva, antes disso, realizar a preparação dos docentes.

2 A EDUCAÇÃO EM UM MUNDO CONECTADO E DESINFORMADO

Nesta seção, trataremos da evolução tecnológica ocorrida nas últimas décadas, da ampliação da presença desses dispositivos no meio da sociedade e das consequências deste avanço. Esta evolução das ferramentas tecnológicas moveram os usuários da posição de serem somente consumidores para o espaço de produtores de conteúdos, gerando uma quebra de paradigma. Além disso, essa mudança fez com que houvesse uma explosão de informação presentes nos espaços das mídias digitais.

Esta quebra de paradigma também abriu espaço para que pessoas e grupos utilizassem esses ambientes para propagarem informações falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas que vieram afetar milhares de pessoas que consomem informações nesses espaços e não tinham conhecimentos e filtragem daquilo que elas recebiam. Isso ocasionou muitas situações danosas para diversas pessoas, como é caso de Fabiana de Jesus e Alex Jones que serão explanados posteriormente. Estas mudanças encontram confluência e são advindas, também, da pós-verdade e da pós-modernidade.

É por isso que apresentamos ao final dessa seção um debate sobre essa situação que vem se atrelando cada vez mais à educação. E de que o espaço educativo pode vir a colaborar com a preparação de usuários críticos para estes ambientes e que isso deve iniciar pela formação de professores.

2.1 As mudanças tecnológicas que mudaram perspectivas

É por volta da segunda metade do século XX que o mundo começa a passar por um processo de evolução tecnológica que viria a ser dispositivos expoentes para os grupos de disseminação de desinformações no meio da sociedade.

O ponto central e que marca o início desse processo de evolução é a liberação do computador, que foi a grande inovação daquele momento, para uso da população em geral e posteriormente ao acesso a conhecida hoje internet. Suas aplicações iniciais foram muito sutis e de pouco impacto social, mas com muita rapidez essas tecnologias foram avançando.

Dessa maneira, essas tecnologias foram ganhando novas utilidades a cada momento e logo “explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o escopo das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes” (Castells, 1999, p. 44).

Essas mudanças resultaram não somente na melhoria desses artefatos tecnológicos, mas também para ampla expansão de uso desses modelos mais robustos por parte da sociedade, principalmente durante a década de 90, como Castells (1999) nos informa que a ARPAnet⁵, hoje conhecida como Internet, até 1996 já tinha cerca de 20 milhões de usuários.

A internet é, certamente, a mais importante infraestrutura de comunicação jamais criada pelo homem, uma rede mundial descentralizada que ampliou de forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação da informação pela liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social (cultural, política, econômica) (Lemos, 2021, p. 33).

Entretanto, a primeira década do século XXI é um divisor de águas na evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs. Ao passo de essa evolução ser constante e rápida, nesse período os computadores tornaram-se menores ao ponto de poderem ser deslocados junto ao seu usuário; os telefones celulares móveis que haviam surgido na década anterior como uma evolução dos telefones fixos passaram a estar mais presentes na vida cotidiana da população e, posteriormente, se tornaram um computador de “mão”, visto que as funções que foram acopladas nele.

Conjuntamente com a evolução desses artefatos, outra tecnologia que havia sido desenvolvida no mesmo período também teve um importante melhoramento, com a “disponibilidade de alcance da banda larga de alta velocidade transformou a internet do meio mais barato e mais rápido de publicação já inventado em algo que teria um impacto cultural, comportamental e filosófico muito mais profundo” (D’Ancona, 2018, p. 50). Além disso, possibilitou um leque de conexões entre os artefatos tecnológicos cada vez maiores e mais amplos.

Esses novos ou atualizados artefatos colaboraram para mudanças no processo de propagação de informações e de comunicação. É neste cenário de grande evolução e popularidade desses recursos que, concomitantemente, é ampliado o fácil acesso aos “dispositivos digitais que permitem o recebimento, o armazenamento, a edição e a distribuição de conteúdos audiovisuais” (Chaves; Melo, 2019, p. 63) e ainda por poderem ser “recortadas, combinadas, ampliadas, fundidas, de acordo com os interesses e as necessidades de quem as acesse” (Kenski, 2012, p. 40). Esse fluxo de conteúdos disponíveis na internet, como a produção

⁵ A ARPAnet (*Advanced Research Projects Agency Network*, em português, Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados) foi a primeira rede de computadores, construída em 1969 como um meio robusto para transmitir dados militares sigilosos e para interligar os departamentos de pesquisa por todo os Estados Unidos. Disponível em: <https://developer.mozilla.org/pt-BR/docs/Glossary/Arpanet>.

e divulgação em massa, passam a não ser mais uma exclusividade dos meios de comunicação tradicionais (TV e Rádio).

Os blogs/sites e, posteriormente, as redes sociais deram aos usuários dessas plataformas a possibilidade de poder expor suas opiniões e divulgar conteúdos próprios, democratizando e descentralizando as produções audiovisuais, portanto, temos aqui um marco importante na história da humanidade, a primeira evolução significativa da internet, a partir da qual os usuários deixam de ser sujeitos passivos (meros receptores dos conteúdos existentes na internet e em suas plataformas) e passam a poder ser sujeitos ativos (podendo produzir e divulgar seus próprios conteúdos) nesses ambientes, o que podemos denominar de saída da Web 1.0 para a Web 2.0. Vale lembrar que se seguiu com evoluções cada vez mais rápidas e hoje podemos considerar que vivemos, no momento que se escreve este trabalho, a Web 5.0 ou “Internet das Coisas”⁶.

Outro ponto que precisamos levar em consideração, ao que foi pontuado acima, é que não necessariamente todos os usuários passaram a ser sujeitos ativos na internet. Há de se colocar que parte dos usuários continuaram sendo receptores dos conteúdos existentes nas plataformas ou então passaram a ser somente impulsionadores dos conteúdos que lhe agradavam, através do compartilhamento. Temos ainda as pessoas, principalmente de idades mais elevadas, que passaram a se conectar nesses ambientes para ter mais informações.

Contudo, assim como aconteceu em outros períodos da humanidade, o desenvolvimento tecnológico não fica somente ligado às mudanças nos artefatos tecnológicos que surgiram ou que foram melhorados. Esse processo de evolução também resultou em mudanças de características temporais, espaciais e nas formas de comunicação entre as pessoas, os grupos, as comunidades e populações, transformando a vida cotidiana de toda a população mundial. Atualmente já é “difícil imaginar um mundo sem smartphone, Google, Facebook ou YouTube ou considerar, por exemplo, hospitais, escolas universidades, agências de ajuda humanitária, instituições beneficentes ou economia de serviços desalojada dessas ferramentas” (D’Ancona, 2018, p. 50).

Essas ferramentas possibilitaram desde a melhoria no atendimento para um simples cadastro até a compressão das distâncias que eram, até então, barreiras entre as nações. As notícias que antes demoravam para chegar, agora podem chegar com mais antecedência até se

⁶ Em inglês, Internet of Things, ou IoT, se refere a uma revolução tecnológica que tem como objetivo conectar os itens usados no dia a dia à rede mundial de computadores, como eletrodomésticos, meios de transporte e até mesmo tênis. Com informações de [Internet das Coisas: o que é, como funciona e exemplos de uso \(techtudo.com.br\)](http://techtudo.com.br).

tornar em tempo real, como acontece atualmente. Com isso, também se passou a falar com uma outra pessoa em outro continente ou do outro lado do mundo com mais facilidade.

Essa interconexão entre pessoas de locais distantes colaborou para que outras formas de compartimentos de informações pudessem acontecer. Foi por meio desses artefatos que a cultura, língua, hábitos e tradições de um povo ou de uma nação puderam ser divulgadas e compartilhadas com outros grupos. Sendo assim, é muito importante compreender que essas mudanças tecnológicas também atingem diversos aspectos da sociedade. Kensky (2012, p. 21) busca nos explicar que

a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.

Assim sendo, essas mudanças tecnológicas podem modificar toda ou parcialmente a estrutura de uma sociedade, visto que as transformações que ocorrem no comportamento individual e no grupo social vêm também a interferir nos “modos de pensar, sentir, agir, de se relacionar socialmente e adquirir conhecimentos” (Kensky, 2012, p. 40) dos membros dessas nações. Essas interferências já eram vistas por Manuel Castells na última década do século passado. O sociólogo apresentou três aspectos para o novo paradigma das tecnologias da informação que estavam surgindo a partir das transformações tecnológicas que vinham acontecendo e de que estes deveriam ser vistos como guia nos trilhos da transformação social que ocorreria. Castells (1999) afirma que:

A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima. *São tecnologias para agir sobre a informação*, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores. O segundo aspecto refere-se à *penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias*. Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico. A terceira característica refere-se à *lógica de redes* em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade da interação e aos modelos imprevisíveis de desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação (Castells, 1999, p. 108).

Essas transformações já podem ser vistas no meio social da humanidade. Grande parte das sociedades e nações já tiveram, ao longo das últimas duas décadas, transformações significativas em suas estruturas, sejam no campo da própria estrutura, como também no compartilhamento para outras nações da cultura, culinária, línguas, entre outros. Podemos aqui citar como exemplos atuais: as comidas tradicionais de determinados países que são

encontradas facilmente em outro país bem distantes, a criação de grupos de conversas com pessoas de diferentes nações e podemos citar os grupos de K-pop sul-coreanos que tem disseminado ao redor do mundo a música e a cultura de seu país.

Isto posto, entende-se que as mudanças nas sociedades já ocorreram ou então estão ocorrendo. Mas, o que pode parecer algo inquestionável e/ou indefeso vem corroendo dia após dia as nações, seus governos e até mesmo a vida de pessoas. É o que veremos a seguir.

2.2 A explosão de desinformação como consequência da era digital

Na esteira dos avanços tecnológicos e das mudanças nas sociedades, como apresentamos até aqui, precisamos também colocar em debate as consequências da ampliação desses dispositivos de produção e disseminação de informações e das mudanças nos modos de pensar e agir das pessoas.

Com a explosão das redes sociais por meio da internet, os usuários no geral puderam utilizar esses espaços para ecoar suas vozes, seja com comentários sobre questões ligadas à política, ao mundo dos famosos, entre outros, como também através de suas próprias produções, elevando-se de meros consumidores para o *status* de produtores. Essas mudanças são destacadas por D’Ancona (2018, p. 50) ao dizer que a

Web 2.0 não era apenas um fenômeno tecnológico: substitui as hierarquias pela recomendação par a par, as deferências pelas colaborações, os encontros agendados pelos *flashs mobs*, a informação de propriedade particular pelo software de código aberto e o consumo passivo da mídia eletrônica pelo conteúdo gerado pelo próprio usuário.

Nessa perspectiva, o que até então era de atuação de profissionais, como o jornalismo, passa a estar à disposição de pessoas comuns, visto que elas puderam ser usuárias ativas cada vez mais nesses ambientes; o que antes seriam somente pequenos textos soltos nessa grande rede, hoje dá a possibilidade a esses usuários de produzirem seus próprios jornais e sites com divulgação de matérias escritas e até com produções audiovisuais com bastante facilidade, gerando um aumento exponencial da quantidade de informações contidas na internet.

É a partir dessa configuração que passa a crescer, concomitantemente, a reprodução de notícias e informações descontextualizadas, manipuladas e até falsas, produzidas por pessoas e/ou grupos que encontraram na rede mundial de internet a oportunidade de propagar suas posições contrárias que não seriam amplificadas pelos modos tradicionais.

O processo de usar e/ou descontextualizar uma informação em busca de ganhos próprios ou mesmo para manipular os receptores não é uma crise que começou agora. Ao longo da

história da humanidade, vimos nações e povos lutarem uns contra os outros em busca de serem os maiores ou para provarem ser os mais fortes. Ao observarmos como se deu o processo de disputa, verificamos que os governos/reinados passaram a considerar como uma das “armas” decisórias desses confrontos o acesso à informação ou a falta dela.

Pode-se considerar que campanhas de desinformação (termo atual) estiveram presentes em atos como a Caça às Bruxas⁷ e até mesmo a Santa Inquisição⁸, visto que foram sustentadas por círculos de mentiras como Marc Bloch (1921) explana em seu relato. Outro exemplo que pode ser citado, do período medieval, é a monopolização da informação como instrumento dos governos/reinados em vista de prevalecer sobre os antagonistas nas chancelarias italianas em que se passou a ocultar ou distorcer fatos de forma sistemática com o intuito de retardar ou acelerar aquilo que as altas cúpulas queriam passar a diante ou esconder (Lazzarini, 2015).

Vale destacar que ainda que nestas distintas épocas os padrões de uso e manipulação das informações tenham um possível padrão comparativo, é importante entender que as formas e o tempo para se propagar os círculos de informações distorcidas ou manipuladas também eram diferentes. Apesar disso, estes exemplos nos mostraram que o acesso à informação e a distorções de fatos influenciou e interferiu nos rumos das sociedades, no equilíbrio de poder, nas mudanças do regime, nos costumes e práticas (Claussen; Zenobi, 2022).

Nos tempos atuais, essas ações são operadas através de formas mais expansionistas por conta das mídias digitais, fazendo com que as desinformações produzidas fossem propagadas de forma mais rápida e generalizada (Martins, 2020), chegando nos mais diversos ramos da sociedade. Tornou-se algo rotineiro nas rodas de amigos, nos grupos de famílias, do colégio e até mesmo do trabalho e modificou o entendimento de pessoas que receberam estes conteúdos de cunho alarmista, com apelo à emoção e de forma polarizadora.

D’Ancona (2018) nos coloca com os pés no chão ao dizer que:

Entramos em uma nova fase de combate político intelectual em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade por um movimento rumo à autocracia. [...] A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D’Ancona, 2018, p. 19).

Entretanto, podemos considerar dois fatos que são marcantes na compreensão desta situação e que acenderam as “luzes de emergência” sobre a desinformação permeada na

⁷ Foi um movimento durante o século XV ao século XVIII que perseguiu as mulheres que supostamente possuíam poderes sobrenaturais.

⁸ A Inquisição, ou Santa Inquisição, aconteceu especificamente na Baixa Idade Média (séculos XI e XV), criada por grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana. Estes julgavam os “hereges” (pessoas não adeptas ao cristianismo).

sociedade, são elas: a vitória do Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América, em 2016, e o referendo do Reino Unido que decidiu a saída do bloco da União Europeia, conhecido por *Brexit*.

Esses episódios são considerados como “sinais de alerta para o aumento da influência das notícias falsas sobre os processos de constituição da opinião pública, de modo a interferir na tomada de decisões de interesse local, nacional ou mesmo global” (Cruz Jr., 2021, p. 275), em virtude da quantidade de notícias e informações falsas e manipuladas que foram impulsionadas durante o período dessas escolhas populares.

Precisamos, antes de seguir, destacar um outro episódio que vem marcar o grande uso de uma expressão. Em 2016, durante uma entrevista coletiva em que Donald Trump, então candidato a presidente norte-americano, ao ser questionado pelos jornalistas, responde esbravejando o seguinte termo: “*fake news*”, com intuito de negar as notícias negativas que vinham sendo propagadas pelas mídias tradicionais (Martins, 2020).

Essa expressão tornou-se tão popular a partir desse momento que houve um uso crescente. Em 2017, obteve um aumento de 365% comparado ao ano anterior, tanto que o jornal *The Guardian* considerou o termo *Fake News*, ou notícia falsa, a “expressão do ano” de 2017.

Essa expressão continua sendo muito utilizada atualmente, mas seu uso tornou-se banalizado ao ser associada principalmente aos debates políticos e eleitorais. Assim como Donald Trump, outros líderes de nações passaram a utilizar essa expressão ao entender que poderiam usar essa mesma forma para desvirtuar os fatos e emplacar o contraste com o que eles passaram a chama de “verdade alternativa” (D’Ancona, 2018), como forma de rebater qualquer crítica que pessoas, meios de comunicações ou organizações da sociedade civil viessem a expor.

Além disso, o conceito deste termo não consegue abarcar a complexidade da problemática em que nos encontramos, sendo de condição de veicular uma informação mentirosa sobre determinado tema. Para Lemos, o termo *Fake News* são “ações intencionais criadas para atingir grupos ou pessoas, tendo como motor a lógica da performatividade algorítmica das redes sociais, indo muito além do boato, ou do erro jornalístico” (Lemos, 2021, p. 33). Entretanto, o que pode ser percebido, ao analisar os sites, blogs e redes sociais é que a situação desses espaços é mais complexa e ampla do que somente uma Notícia Falsa, *Fake News*.

A exemplo do que encontramos nesse ambiente das mídias digitais, podemos citar o caso do radialista norte-americano Alex Jones, que, entre diversas conspirações, propagou através de várias rádios digitais que o massacre que deixou 26 mortos na escola infantil Sandy

Hook⁹, em 2012, havia sido inventado pelo governo como forma de desacreditar a política armamentista, que as crianças mortas e os pais eram atores e que os policiais haviam forjados as cenas dos crimes. Este caso resultou em ameaças e perseguições aos pais que haviam acabado de perder seus filhos, aos policiais que acompanharam o caso do massacre e até mesmo aos túmulos das crianças que faleceram.

Outro caso que podemos citar é o de Fabiane de Jesus¹⁰. Em 2014, esta mulher foi linchada por moradores do bairro de Morrinhos IV da cidade de Guarujá, no estado de São Paulo, porque havia sido confundida com a mulher de um retrato falado, divulgado por uma página no Facebook que alocava o crime de sequestro de crianças para usar em “magias negras”. Fabiane foi morta neste linchamento por conta de boatos surgidos nesta rede social, sem nem mesmo haver denúncias oficiais nos órgãos policiais. Fabiane foi vítima de pessoas que quiseram fazer justiça com as próprias mãos por uma notícia de uma página que inventou um caso para ganhar repercussão.

Estes dois casos podem nos ajudar a entender que a situação em que nos encontramos é muito mais que uma simples notícia falsa, perpassa pelo sentir e agir das pessoas, no buscar de ganhos pessoais ou de grupos com defesas intransigentes. Em vista disto, nesse “novo cenário, digitalização e interconexão global, a emoção está recuperando sua primazia e a verdade batendo em retirada” (D’Ancona, 2018, p. 38). De como a crença pessoal faz com que pessoas realizem ações inexplicáveis em retaliação a ações que venham a ferir seus ideais.

Estas e outras atitudes advém do que tem sido chamado de “pós-verdade”, essa expressão foi eleita pela *Oxford Dictionaries Word of the Year* (Palavra do Ano) 2016, que significa “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford, 2016, s/n).

No caso da Fabiane de Jesus, o criador da “notícia” usou temáticas que certamente chamariam a atenção dos usuários daquela rede social: sequestro de crianças para ganhar curtidas, comentários e compartilhamentos. Por outro lado, aqueles que receberam a informação por aquele meio foram afetados pela emoção e pela irracionalidade, não buscaram saber mais informações sobre aquilo que havia sido divulgado, passaram a responder com agressões à mulher que eles pensavam que fosse a sequestradora.

⁹ O caso teve grande repercussão internacional, foi noticiado pelos meios de comunicação do Brasil, inclusive pela Tv Globo, e está disponível: [Notório inventor de fake news, conspiracionista americano é condenado a pagar US\\$ 1 bilhão | Fantástico | G1 \(globo.com\)](#).

¹⁰ Foi noticiado pela mídia brasileira e pode ser encontrado para mais informações em: [G1 – Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP – notícias em Santos e Região \(globo.com\)](#).

Em contrapartida, o caso de Alex Jones foi um ato intencional que buscava contrargumentar os efeitos que vinham surgindo no meio da população em relação à política armamentista. O autor da desinformação injetava nos defensores dessa legislação que o governo e a polícia arquitetaram aquela situação para criar essa animosidade na população e por isso deviam agir contra essas pessoas. Utilizando da emoção e da crença pessoal para fortalecer a defesa de que uma arma pode te defender de tudo e que o governo está totalmente contra você.

Podemos citar também outros grupos conspiracionistas que existem, em especial, às questões relacionadas ao campo das ciências, injetando a crescente campanha do “negacionismo científico”, como é o caso dos terraplanistas, que acreditam e propagam que o planeta terra tem seu formato de área plana e que os cientistas e os governos têm mentido para a população.

Outro que podemos citar é o movimento de antivacinação. Este grupo busca divulgar no meio da sociedade que há um pacto entre os governos e a indústria farmacêutica para, ao mesmo tempo em que proporciona proteção contra uma doença, sejam geradas outras novas doenças nessas pessoas. Desta forma, será necessária a ampliação da quantidade de compra de materiais farmacêuticos e hospitalares, proporcionando mais recurso financeiro para essa indústria.

D’Ancona (2018) vem dizer que:

Quando a verdade desabafa como valor social as continuidades da prática social que ela apoiou são postas em perigo. Antes da ascensão do movimento de antivacinação, as doenças contra as quais as crianças eram inoculadas de modo rotineiro eram assumidas amplamente como sendo coisas do passado. No entanto, tanto na saúde pública como na política, a pós-verdade gera uma volatilidade espantosa (D’Ancona, 2018, p. 72).

As ideias conspiracionistas passaram a ganhar ainda mais força a partir do momento que os materiais das mídias de massa passaram a ser questionados gerando um desgaste na confiança por parte das pessoas. Isso abriu espaço para que as ideias conspiracionistas pudessem chegar com mais robustez nos indivíduos e encontrou nas mídias sociais o ambiente propício para a sua propagação. Esse conjunto de fatores teve efeito significativo na sociedade, como no caso do movimento antivacina e suas ações midiáticas. Silva (2021, p. 33) diz que isso “motivou diversas famílias a se posicionarem contra a imunização, o conhecimento cientificamente comprovado é alvo de falácias, e isso repercute na saúde pública coletiva exponencialmente”.

O fortalecimento e a amplificação desta visão de “verdade” que é construída e distribuída por essas pessoas, baseada nas características da pós-verdade, surge a partir da crise de confiança da população nas autoridades constituídas. Crise essa que foi gerada ao longo do

tempo em consequência dos escândalos envolvendo agentes políticos. Tal colapso de confiança “é a base social da era da pós-verdade: todo o resto flui dessa fonte única e deletéria. Em outras palavras, todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau relativamente alto de honestidade” (D’Ancona, 2018, p. 42). É em seguida a este colapso que as concepções da pós-verdade se estabelecem e fazem com que as pessoas passem a colocar suas concepções e crenças pessoais em primeiro lugar ao invés de confiar nas instituições científicas e nos fatos concretos.

Outro fato que deu sustentação para o crescimento e popularização dessas ações foi a ascensão da extrema-direita em vários países ao redor do mundo na década passada. O que pode ser percebido através da atuação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, líder da extrema-direita e que governou o Brasil de 2018 a 2022, na gestão da saúde durante a pandemia do Novo Coronavírus. O ex-presidente desdenhou da vitalidade do vírus, atuou contra as medidas sanitárias, indicou medicamentos sem comprovação científica e propagou, através de sua posição de chefe da nação, que a vacina não era eficaz; tais posições foram repassadas ao ex-presidente por grupos de antivacina que eram apoiadores dele.

Essa atuação pífia na gestão do Brasil e da pandemia nesse período gerou milhares de mortes em todo o Estado nacional e também a defasagem da cobertura vacinal de diversas doenças erradicadas no país. Segundo a Agência Brasil (2023), com informações do Observatório da Atenção Primária da Umane, o Estado brasileiro atingiu a menor cobertura vacinal em 20 anos, “de 2001 a 2015, a média nacional de cobertura vacinal se manteve sempre acima dos 70%, mas, em 2016, diminuiu para 59,9% e vem caindo desde 2019, atingindo os 52,1% em 2021” (Albuquerque, 2023).

É nessa via de muitas mãos que se encontra a disseminação de informações falsas, manipuladas e descontextualizadas com objetivos muito distintos, mas que se agrupam no que acabamos de caracterizar, a pós-verdade, que se amplia pelos ambientes amplos e largos que são as mídias sociais e “ao compararmos a disseminação entre fato e fake, a notícia fabricada (fake) tem alcance e impacto muito maior, tornando-se rapidamente disseminada, 70% a mais em detrimento ao fato (verdade)” (Silva, 2021, p. 35).

Compreendendo que o termo “Fake News” não consegue englobar o que queremos debater neste trabalho e de que as “campanhas de desinformação preparam o terreno para a era da pós-verdade. Invariavelmente, seu propósito é semear dúvida, em vez de triunfar de imediato no tribunal da opinião pública” (D’Ancona, 2018, p. 42), é que reafirmamos que utilizaremos a expressão *desinformação*.

Entendemos que a expressão escolhida consegue melhor abarcar grande parte da problemática que temos acompanhado atualmente, visto que é caracterizada como “a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” (Martins, 2020, p. 8).

Ainda nesse alinhamento, D’Ancona afirma que desinformação “é a difusão sistemática de mentiras por organizações de fachada que atuam a favor de grupos de interesse que desejam suprimir a informação precisa ou impedir que outros grupos ajam contra eles” (D’Ancona, 2018, p. 46). Esses conceitos sobre a desinformação englobam o interesse deste trabalho e alinham muito mais com os fatos que acenderam as luzes de alerta e os casos que citamos anteriormente.

O que se percebe é que estamos vivendo em ambientes entupidos de desinformações por todos os lados, que estas pessoas perderam o senso da vergonha por propagarem conteúdos totalmente fraudulentos e que há pessoas sedentas por conteúdos como estes que vem ao encontro de suas ideias e ideais distorcidos. Portanto, o diagnóstico disso é de que todos e todas estão suscetíveis, em algum momento, de caírem em uma dessas notícias que são falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas.

Portanto, é a partir desse contexto e com a conceituação dos autores que passamos a compreender a desinformação como um conjunto de ação que são premeditadas e organizadas para disseminar conteúdos manipulados e fraudulentos com o objetivo de manipular a sociedade através do uso da emoção, do fundamentalismo¹¹ e da ignorância temática das pessoas.

2.3 Pós-modernidade: a perda de credibilidade e a chegada da individualidade

Como dito anteriormente, a honestidade é a base de uma sociedade bem-sucedida; havendo um certo grau de desconfiança estes grupos/pessoas tendem a ficar mais propensas a acreditar nas desinformações. É o que vem sendo observado nesta última década, de que é essa “a trajetória em que o mundo embarcou quando uma série implacável de perturbação conspirou para esgotar as reservas restantes de confiança” (D’Ancona, 2018, p. 42).

Diversos setores da sociedade que gozavam de muito prestígio e credibilidade com a população tiveram nos últimos períodos escândalos ou atuação de mentiras que foram

¹¹ “Fundamentalismo” é um movimento ou uma corrente de pensamento que prega obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios fundamentais. Pode estar presente na economia, na política, na educação e em outras instâncias da vida humana. Dossiê – Fundamentalismo e Democracia, pode ser encontrado em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23696>.

corroendo suas repercussões positivas, como é o caso dos fatos históricos, a exemplo do antissemitismo, da negação do holocausto e dos golpes cívico-militares, que passaram a ter cada vez mais seguidores e apoiadores.

Assim também, o conhecimento científico que há muito tempo vem sendo o grande ponto de consenso e validade entre as pessoas, ampliando as formas de mobilidade, de vivência, de consumo, de conhecimento e, também, salvando vidas, passa a sentir o confronto sobre esses consensos de uma parte da sociedade. Lyotard afirma que o saber científico é “uma espécie de discurso. Ora, pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas de vanguarda versam sobre a linguagem” (Lyotard, 2009, p. 3).

As narrativas de que os cientistas e o governo, em conjunto com as grandes corporações, trabalham para usar a população como cobaia e para ganhar dinheiro vêm se alastrando como um vírus. Através desses discursos contra o conhecimento científico, que já vinha sendo questionado pela sociedade, atualmente vem sendo inquirido numa crescente ainda maior para ser revisto.

“A tarefa do populismo é simplificar a todo custo, comprimir fatos inconvenientes em uma forma preordenar ou excluí-los totalmente” (D’Ancona, 2018, p. 45), como é o caso do formato da terra, das vacinas protetivas, do aquecimento global entre outros, além de órgãos e entidades que historicamente têm colaborado com o avanço da humanidade. A estratégia é fazer com que a população desconfie destes fatos comprovados até o patamar de desacreditar totalmente.

Toda essa desconfiança vem emergindo da própria evolução tecnológica e também do avanço do conhecimento para as massas, que vieram a poder desenvolver novas técnicas de pesquisas. Lyotard afirma que é “um efeito do desenvolvimento das técnicas e das tecnologias a partir da Segunda Guerra Mundial, que deslocou a ênfase sobre os meios de ação, de preferência a ênfase sobre os seus fins” (Lyotard, 2009, p. 69).

A base teórica da pós-modernidade, apresentada por Lyotard (2009), faz com que a ciência passe a ser, assim como a igreja que já havia sido anteriormente, questionada pelo seu privilégio de ter em mãos a construção do que é “verdade ou falso” e “justo ou injusto” e o espaço de validação dos fatos apresentados.

Como base Lyotard, Andriolo questiona, “aí que se abrem as questões de ‘quem decide o que é verdade’ e ‘como se prova a prova’” (Andriolo, 2020, p. 53). Na mesma linha, D’Ancona (2018) faz os seguintes questionamentos “quem vai dizer o que é falso? O que

impedirá o fornecedor da ‘notícia falsa’ de afirmar ser um obstinado digital combatendo a ‘hegemonia’ perversa da grande mídia?” (D’Ancona, 2018, p. 85).

A crise instalada no contexto atual vincula-se ao que passaremos a tratar a partir de agora: as consequências da ascensão da desconfiança e deslegitimação nas ciências e no conhecimento produzido e ratificado somente pelos pares de cada área específica; é o ponto central da crítica de Jean-François Lyotard (2009), autor e propulsor do pensamento da pós-modernidade na filosofia. Diz ele:

A “crise” do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o final do século XIX, não provêm de uma proliferação frutífera das ciências, que seria ela mesmo efeito do processo da ciência e da expansão do capitalismo. Ela procede da erosão interna do princípio de legitimação do saber (Lyotard, 2009, p. 71).

Com a erosão interna da legitimação do saber que o autor levanta em seu manuscrito, nos leva a compreender que os sujeitos, para ele o referente, precisam se apegar em algo para crer novamente, colocando-se expostos a instrumentos de poder, manipulações e a ideologias de grupos/pessoas que buscam espalhar seus pensamentos conspiratórios.

Essa abertura para a deslegitimação da ciência e dos fatos é o que gera a necessidade de as pessoas terem que se apegar a novas narrativas, somando-se com o aspecto da informatização que o Lyotard (2009), no final do seu livro, indicou que seria uma nova forma de controle e de terror. Isso nos faz refletir sobre a relação que este período histórico, defendido por Lyotard, pode vir a ter com a complexa crise que é encontrada atualmente em meio à sociedade, a desinformação.

As narrativas que emergem nessa crise de desinformação contidas, principalmente, nas mídias digitais abstraem algumas características inversas aos preceitos do conhecimento científico que foram descritas no decorrer do texto. Os materiais usados costumam ser apresentados com jogos de linguagem que são as “dinâmicas de enunciados em que interlocutores fazem ‘lances’ e, através deles, mudam suas posições em relação uns aos outros” (Andriolo, 2020, p. 53). Utilizam também de posições conotativas e que estão fechadas aos questionamentos que venham refutar os conteúdos.

Com essa fragilização dos parâmetros basilares para a validação dos conteúdos, “verdades pré-estabelecidas e comprovadas cientificamente se dissolvem, sendo refutadas por opiniões, visando manipular a verdade, sem comprovação científica” (Silva, 2021, p. 30), caracterizam a pós-modernidade e a pós-verdade. Como explana D’Ancona (2018):

Quando a verdade desaba como valor social, as continuidades da prática social que ela apoiou são postas em perigo. Antes da ascensão do movimento antivacinação, as

doenças contra as quais as crianças eram inoculadas de modo rotineiro eram assumidas amplamente como sendo coisa do passado (D’Ancona, 2018, p. 72).

Como dito anteriormente, a confiança é a base da sociedade. A quebra de confiança e o sentido da “verdade” sendo fragmentado, em conjunto com o grande espaço das mídias digitais e o crescimento exponencial de conteúdos manipulados, falsos e descontextualizados fizeram com que as pessoas ficassem sem saber em que acreditar, em quem alocar sua confiança ao receber as informações.

É através disso que começa a gerar um movimento de transferência da noção de autoridades “das instituições sociais, tais como a mídia impressa e a ciência, para a lista de contatos das redes sociais. Essa mudança de enfoque favorece o colapso da confiança, que se torna um dos fundamentos da pós-verdade” (Andrade, 2020, p. 52). A combinação da pós-verdade, que prioriza a crença pessoal, com a pós-modernidade, que mostra a deslegitimação da ciência, com a flexibilidade dos fundamentos existentes nas duas concepções nos faz clarear o que tem ocorrido nas sociedades nessa última década.

Os grupos conspiracionistas e aqueles que desejam propagar alguma desinformação têm colaborado ainda mais para questionar a ciência, desferindo-lhe golpes ainda mais fundos, utilizando-se da pós-verdade que vem a esse passo para fazer as pessoas olharem em primeiro lugar para sua individualidade e suas crenças pessoais e propagando isso pelos espaços tecnológicos.

Além disso, algumas atitudes têm sido resultantes desse conjunto de fatores, no que tange ao uso da internet. A pós-modernidade tem usado estes ambientes como mais “uma ferramenta de fragmentação do pensamento e suscita uma discussão em torno dos limites da liberdade de expressão no mundo virtual” (Andrade, 2020, p. 49). O alto número de conteúdos disponíveis nas redes sociais passa a impressão de que tudo se pode fazer, pois não há responsabilidade com relação ao conteúdo produzido ou compartilhado.

Ademais, vimos que a partir da quebra de confiança e do senso de credibilidade das instituições, que deixa as pessoas mais sensíveis e propensas a terem ideais modificados, passamos a observar que “a interação com os conteúdos publicados passou a ser norteadada segundo as crenças pessoais de cada usuário, logo qualquer posicionamento em desacordo com sua crença passa a ser invalidado e ainda alvo de possíveis retaliações” (Andrade, 2020, p. 49).

Estes fatores têm afetado o mundo virtual, assim como o mundo físico. Tem interferido diretamente na convivência entre as pessoas; algumas dessas não conseguem mais discernir o suficiente para compreender o seu limite de expressão e a posição do outro, portanto, já que estamos vivendo em “uma sociedade multiétnica e multirreligiosa, o objetivo nunca pode ser

impor uniformidade absoluta: isso seria indefensável etnicamente, assim como terrivelmente enfadonho” (D’Ancona, 2018, p. 97).

Compreendendo que existem posições distintas, devem ser respeitadas ainda que não venha a convergir com os ideais, concepções de mundo e ideologias que você venha a ter. “Chegamos a uma relativização do mundo, em que os parâmetros de avaliação são permeados pela subjetividade de cada indivíduo, o que alicerça outras tendências pós-modernas” (Andrade, 2020, p. 47). A fragmentação do pensamento, da coletividade e do bem comum tem reduzido as bases de avaliação e análise dessas pessoas.

A crise instalada a partir desse conjunto de fatores vem afetando também a composição das identidades das pessoas. Hall (2005) afirma que até a modernidade a identidade das pessoas era única e fixa, não abrindo muito espaço para mutações ao longo da vida. Em contrapartida, o período histórico da pós-modernidade trouxe consigo a fragmentação das identidades e, com a presença mais intensa das mídias digitais e dos

sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (Hall, 2005, p. 75).

Sendo assim, essa fluidez nas identidades já gera muitas possibilidades de afetar as pessoas, ainda que tenham uma base de formação sólida, devido ao alto consumo de conteúdo das mídias digitais que moldam seus *feed* a partir da realidade e das percepções de cada indivíduo através dos algoritmos, compondo assim os “filtros bolhas” (Andriolo, 2020).

Na contramão disso, pessoas que não têm uma formação crítica e sólida, que não têm habilidades de distinguir a informação e desinformação, ficam suscetíveis a serem manipuladas. É o caso das crianças e adolescentes em período escolares que estão no período de desenvolvimento de suas ideias e das suas identidades.

É preciso compreender que as sociedades conviveram e continuaram a conviver com situações deste tipo. Mas, cabe às instituições responsáveis pensar e agir frente ao processo de fragilização da sociedade. E há caminho para isso, como D’Ancona afirma:

A diversidade é, e vai continuar a ser, um dado básico, mesmo com a nova coorte de nativistas afirmando o contrário. O desafio é identificar o denominador comum de troca social, intelectual e prática sobre a qual todos concordam. A pós-verdade alimenta a alienação, o desarranjo e o silêncio entorpecedor. A maior missão cívica que temos pela frente é esvaziada a calha (D’Ancona, 2018, p. 98).

O caminho para encontrar o denominador comum deve perpassar pela compreensão da realidade atual e de forma efetiva trabalhar para esse enfrentamento, assim entende-se que a educação, isto é, a formação de professores é um pilar fundamental para que possamos esvaziar essa calha. É o que passaremos a discutir na seção seguinte.

2.4 Formação de professores como pilar de uma possível mudança

Compreendendo que a “era digital impôs-se nas nossas vidas, na economia, na cultura e na sociedade, e também na educação. Nada foi programado. Tudo veio de supetão. Repentinamente. Brutalmente” (Novoa, 2022, p. 34). Portanto, os ambientes escolares encontram-se em meio a todo esse contexto da alta da desinformação que tem afetado a sociedade.

Desta forma, as escolas são ambientes que não são bolhas fechadas para a interferência dos acontecimentos que ocorrem na sociedade. Pelo contrário, estão ainda mais aptas a serem invadidas por essas situações, já que os estudantes estão cada vez mais imersos nas mídias sociais.

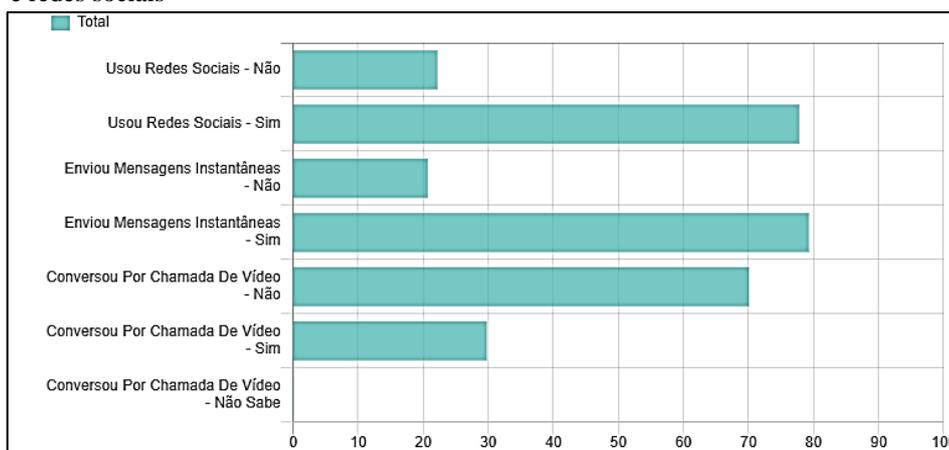
No ano de 2016, a Pesquisa Brasileira de Mídia¹², realizada pela Associação Brasileira de Agências de Publicidade – Abap – em solicitação do governo federal, trazia dados que detectavam que os adolescentes e jovens vinham utilizando a internet para se informar. Naquela época, a pesquisa obteve o resultado de que 51% dos adolescentes de 16 e 17 anos e 50% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos consumiam notícias pelos veículos existentes na internet.

Mais atualmente, no ano de 2021, TIC Kids Online Brasil¹³ realizou outra pesquisa que demonstrou que 78% das crianças e adolescentes, entre 9 a 17 anos, entrevistados usavam a internet para acessar as redes sociais. Como pode ser visto abaixo, no Gráfico 1.

¹² Reúne dados de todos os estados brasileiros para mostrar hábitos de consumo de mídia dos brasileiros (por localização geográfica e corte socioeconômico) e conhecer o nível de confiança da população em diversas fontes de notícia (rádio, jornais impressos, revistas, sites, blogs, redes sociais). Pode ser acessado em: [pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf \(abap.com.br\)](https://abap.com.br/pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf).

¹³ A pesquisa TIC Kids Online Brasil tem como objetivo gerar evidências sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Acessando em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>.

Gráfico 1 – Crianças e adolescentes, por atividades realizadas na internet – comunicação e redes sociais



Fonte: CGI.br/NIC.br, Cetic.br, Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2021.

Esses dados nos confirmam as questões que são visíveis a olho nu e que estão em grande parte nos debates das rodas dos pais ou responsáveis: as crianças e adolescentes estão imersos nas mais diversas plataformas existentes na internet e nos meios digitais de múltiplas formas, inclusive para se informar. Contudo, fica também constatado que estes usuários precisam cotidianamente lidar com o bombardeamento de desinformação que está disponível na rede, estando, portanto, suscetíveis a aliciamento por parte destes conteúdos.

Os estudantes, por estarem imersos nas mídias digitais, acabam consumindo milhares de informações cotidianamente, inclusive notícias e informações fraudulentas, manipuladas e/ou descontextualizadas; tais conteúdos se adaptam para cada situação e assim conseguem se espalhar (D’Ancona, 2018). Esta realidade vem afetando constantemente o sistema educacional e os próprios educandários com a repercussão da desinformação.

O ambiente da sala de aula passa a receber o resultado dessa situação através das colocações dos estudantes que vêm permeadas com tais desinformações. É, portanto, a escola que recebe os anseios, dúvidas e até questionamentos dos estudantes ao se depararem com o conteúdo que têm apontamentos divergentes daqueles que eles viram, leram ou ouviram nas mídias digitais, ou então, em conversas entre os pais/responsáveis e/ou familiares.

É o caso das teorias infundadas do terraplanismo, visto que, enquanto cientificamente temos diversos estudos que demonstram sua comprovação e até fenômenos que ocorrem aos nossos olhos que ajudam a comprovar o formato do planeta terra, há grupos divulgando e tentando fazer com que acreditem que a terra é plana. Os dados também demonstraram que a sociedade tem desacreditado, por exemplo, do Holocausto.

Em 2014, uma pesquisa de opinião realizada com mais de 53 mil pessoas em mais de cem países, mostrou que apenas um terço da população mundial acreditava que o Holocausto foi registrado perfeitamente em relatos históricos; 30% afirmaram que era provavelmente verdade que os “judeus ainda falavam muito sobre o que lhes aconteceu no Holocausto”. Em um preocupante presságio para o futuro, aqueles com menos de 65 anos eram muito mais propensos a dizer que achava que os fatos acerca do genocídio tinham sido distorcidos (D’Ancona, 2018, p. 77).

Outro que poderíamos citar é a negação ao nazismo, com a distorção de fatos e construção de narrativas para movimentar outros campos que não são baseados nos fatos concretos. Contudo, há também muitas desinformações que estão fora do âmbito direto de um determinado assunto que podem vir a ser muito conhecidos como os citados anteriormente e que podem até ser pontos de questionamentos dos estudantes aos professores.

Como já dito, as escolas têm sido apontadas como o ambiente adequado para trabalhar com estas temáticas e consideradas como essenciais para que sejam incluídos os estudos das mídias como aparatos tecnológicos que promovam o bem-estar e a participação ativa dos estudantes no cotidiano da sociedade (Bernadi, 2021).

Nesse sentido, o autor Versuti (2021, p. 40) vai dizer que é preciso incluir “temas como multiculturalismo, estudos de mídia e tecnologia, aspectos sociológicos, formas de democracia e autoritarismo e uma série de transformações que ocorreram na sociedade e provocaram alterações nas noções de conhecimento”. Assim, os docentes são levados a assumirem mais uma ocupação, de ter que dialogar com as desinformações e, em conjunto, com os ambientes das mídias digitais ainda que estes não tenham nenhuma proximidade com esses artefatos.

É partir dessa indicação – de que as escolas devem ser um dos espaços de preparação e enfrentamento à crise de desinformação – que os professores passaram a ser requeridos para serem os mediadores do debate e do aperfeiçoamento das competências necessárias que os estudantes precisam ter para lidar com o ambiente das mídias digitais e suas armadilhas, ficando sob a responsabilidade dos docentes.

Para tanto, a educação tecnológica e a democratização dos meios digitais que são outras temáticas que já vinham sendo discutidas para que houvesse essas inclusões na educação básica, ganha nos últimos anos uma forte pressão para que também fosse feita a inclusão dessa preparação dos estudantes para lidarem com esses ambientes.

Alguns pesquisadores têm apresentado alguns termos distintos para debater vieses dessas temáticas, tais como *alfabetização midiática e informacional* que “proporciona aos cidadãos as competências necessárias para buscar e usufruir plenamente dos benefícios desse direito humano fundamental” (Unesco, 2022, p. 16); *Literacia midiática* que é o “ensino dos jovens, para que possam adquirir competências de acesso, análise crítica, articulação e

comunicação, utilizando as mídias para promover impacto positivo em suas vidas e também da sociedade” (Versuti, 2021, p. 12); e também é possível encontrar o termo *Educomunicação* que é caracterizada como os “conjuntos das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos, em espaços educacionais ou virtuais (Soares, 2002, p. 24).

Estes vários termos e suas definições ainda que tenham proximidade nas conceituações, acabam por colocar seu foco em questões diferentes, como mostrado no parágrafo anterior. É por conta disso que se compreende que a conceituação que engloba a ampla e difícil situação em que nos encontramos em relação à desinformação é o conceito de Educação Midiática que é, também, defendido e apresentado por autores da área e instituições que discutem essa temática.

A Educação Midiática para a Educamídia é um “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional em todos os seus formatos, dos impressos aos digitais” (Educamídia, 2019, p. 50). Já para Hobbs e Jensen é “uma conceituação expandida de alfabetização; o propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática” (Hobbs; Jensen, 2009, p. 7) e que requeira uma investigação ativa e pensamento crítico daquilo que os estudantes vão receber ou divulgar.

Essas conceituações sobre a educação midiática nos trazem o entendimento de que cada estudante, assim como qualquer outro usuário, precisa adquirir habilidade para navegar por esses ambientes, precisa ter criticidade com cada conteúdo que é consumido e também com os materiais que os próprios estudantes e usuários vão compartilhar.

No que tange ao desenvolvimento da criticidade, essas conceituações encontram respaldo na concepção de Silva (2021, p. 38) sobre a função da escola, a qual para ela é de “construir competências básicas privilegiando a criticidade, devendo ensinar a discernir o que constitui conhecimento de manipulação e empatia de apatia”. É com essas habilidades que poderemos alcançar uma primeira base para começar a barrar o avanço da desinformação do meio da sociedade.

Portanto, pode ser considerado que há um alinhamento entre esses autores e suas concepções de que é o espaço escolar o adequado para trabalhar com a educação midiática, visto as suas funções educacionais. É nesse espaço que podem ser produzidos com os estudantes os entendimentos da sua presença virtual nas mídias digitais e a relação com o mundo midiático, buscando desenvolver o pensamento crítico deles (Alencar, 2021).

Compreendemos também que os docentes devem desenvolver as ações para a promoção desses saberes nos estudantes de forma transversal e em conjunto com os assuntos que estão elencados na matriz curricular de cada série escolar. Para isso, é necessário que os docentes tenham uma preparação instrumental e crítica para o uso das TICs, visto que é

necessário ultrapassar limites instrumentais de acesso e uso das TICs entre professores, é imperativo que se estimule um trabalho coletivo que busque de forma colaborativa e na troca entre pares, novas formas de mediação e apropriação das mídias que possam ser aplicadas de forma transversal e constante no cotidiano da sala de aula (Alencar, 2021, p. 117).

Desta forma, será possível promover uma educação mais colaborativa e que seja distinta da atual conjuntura da sociedade, na qual as mídias digitais têm causado a individualidade e a fragmentação dos vínculos. Entretanto, apesar desse entendimento e da importância de tratar dessa temática nos espaços escolares, é fático que esbarramos na carência formativa dos docentes para trabalharem com esses saberes.

Com isso, compreende-se que é preciso com urgência promover a preparação destes professores seja na formação continuada daqueles que já estão em atuação de suas funções, seja na inclusão na formação inicial de professores, a fim de que promovam os saberes da dimensão crítica dos conteúdos veiculados aos regimentos que estão em vigor, como já indicado por Alencar (2021), para então tornarem-se aptos a “desempenhar seu papel de preparar cidadãos conscientes, [...] calcada no aspecto crítico e colaborativo em relação á temáticas emergentes à contemporaneidade” (Silva, 2021, p. 39), compreendendo as mudanças que sociedade passou nas últimas décadas, como já foi pontuado anteriormente. E é nesse sentido que

O século XXI configura uma nova forma de ser professor, uma vez que este tem que participar ativa e criticamente em seu contexto e transmitir aos futuros cidadãos e cidadãs certas formas de comportamento democrático, igualitário, que respeite a diversidade cultural e social, o meio ambiente etc (Imbernón, 2016, p. 52).

É através desses espaços de formação que pode se esperar que a classe de docentes possa ter os conhecimentos necessários para lidar com essa massa da desinformação e assim compartilhar com os estudantes, preparando-lhes para lidar de forma correta com estes conteúdos. Por isso, é urgente que este debate se amplie no meio da comunidade educacional, devido a educação ser ato de repercussão a longo prazo, como Novoa (2022) nos coloca ao dizer que

a educação define-se sempre num tempo longuíssimo, nunca num tempo curto. Mas em certos momentos, como agora, as escolhas que temos perante nós são absolutamente decisivas. Não há inevitabilidades, nem histórias já determinadas. Em cada dia, definimos um pouco, ou muito, da história do futuro (Novoa, 2022, p. 30).

É por isso que os docentes precisam ser preparados para saberem e compartilharem essas habilidades de tratamento de cada conteúdo e, assim, dar início à formação de outros agentes contra a desinformação. Esta formação de professores, sejam os que já atuam ou os que estão em formação, perpassa por vários tipos de conhecimento. Entende-se que necessitam tanto dos conhecimentos instrumentais como também da relação da teoria e prática.

Alencar (2021, p. 77), defende que seja “um processo formativo que contemple, porém ultrapasse, a instrumentalização e substitua o conceito de ‘competência’ por saberes alcançáveis no diálogo crítico entre a prática e a teoria”. Assim, os docentes saberão usar os dispositivos e as maneiras de serem usuários e produtores críticos do que está ou será compartilhado nas mídias digitais, compreendendo que tais professores poderão produzir suas aulas nestas temáticas para compartilhar com os estudantes. Mas, também que estes professores terão formação para que debatam ativamente essas temáticas quando forem participar da elaboração do projeto político pedagógico da escola, planos de educação em suas esferas e até mesmo políticas públicas de combate à desinformação.

Ainda Alencar (2021, p. 76) nos coloca que a

formação crítica midiática subentende prioritariamente uma interação sujeito-objeto, uma vez que os sujeitos já estão previamente em interação com a mídia (objeto), mas o desenvolvimento crítico dessa interação exige uma atenta combinação de aspectos de diferentes dimensões. O pilar da dimensão técnica viabiliza a transmissão e apreensão de práticas para o uso ferramental das TICs, que mesmo não produzindo por si nenhuma ação crítica, é uma etapa fundamental e sem a qual não é possível avançar. No outro oposto, a dimensão sociocultural, imprescindível para o desenvolvimento do pensamento e ação crítica, não pode prescindir de elementos da dimensão cognitiva, onde se processam as informações e se articula racionalmente a tomada de decisão que leva à ação.

Estas indicações completas e complexas que Silva (2021) e Alencar (2021) fazem para o processo de formação dos professores é resultante do ambiente que a desinformação gerou na sociedade. Temos, desse modo, que desenvolver formações que estejam contempladas por aspectos instrumentais, críticos, psicológicos e emocionais. Tais professores precisam ter preparo para lidar, tratar e questionar as informações falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas que virem a chegar e assim poder compartilhar esses saberes com os estudantes.

Consequentemente, poderá haver o entrelaçamento das propostas de currículos destas formações e assim poderá chegar na “valorização do conjunto do desenvolvimento profissional docente, isto é, a capacidade de pensar a formação inicial em relação com a indução profissional

e com a formação continuada” (Novoa, 2022, p. 79). Como dito, a formação continuada e até mesmo a indução profissional serão transformados conjuntamente.

Assim, estes professores poderão realizar uma “formação adequada para os nossos educandos, tentando torná-los aptos à realização de análise concisa e de leitura crítica no meio que os insere e nas relações líquidas, potencializando uma postura responsável e pacífica na rede de internet” (Silva, 2021, p. 39).

Desse modo, as crianças e adolescentes ficam mais preparadas para lidar cotidianamente com o bombardeamento das desinformações nas redes sem que isso venha afetar de forma grave o desenvolvimento de sua identidade nesse período de pós-modernidade que são construídas historicamente e deslocadas continuamente, portanto com uma fluidez maior, conforme é explanado por Stuart Hall (2005).

É nesse sentido que os docentes precisam compreender e atuar para “ensinar e aprender a complexidade de ser cidadão e as diversas sensibilidades nas quais se materializa: democrática, social, solidária, igualitária, intercultural e relativa ao meio ambiente” (Imbernón, 2016, p. 51). Temáticas que estão alinhadas ao caos da desinformação na sociedade, mas, ao compreender o sentido de ser cidadãos e cidadãs conscientes, será possível torná-los pessoas que combaterão a desinformação.

Além disso, é preciso trabalhar tanto com os docentes como com os estudantes uma visão e atuação da importância da coletividade na sociedade, desse modo poderá ser feito o enfrentamento à individualização que é consequência do mundo midiático, que também fortalece a crescente onda da desinformação que temos visto atualmente e debatido no presente estudo.

É necessário compreender isso e entender que a educação “não é um ato individual, precisa dos outros. A autoeducação é importante, mas não chega. O que sabemos depende, em grande parte, do que os outros sabem. É na relação e na interdependência que se constrói a educação” (Novoa, 2022, p. 44). Importante também pensar o que poderá ser feito para reduzir os efeitos na sociedade dos conteúdos manipulados, falsos e descontextualizados que estão nas redes.

A formação de professores é um dos pilares de uma possível mudança no cenário que nos encontramos atualmente. Para isso, é necessário que professores aprendam a usar os recursos, como eles são usados para inverter as posições das pessoas e de que forma a sua atuação nas salas de aula poderá ser relevante no enfrentamento à desinformação.

2.5 Educação na região norte: a exclusão digital e a disseminação de desinformação

A reflexão feita até este ponto consiste numa visão global da relação da educação com as tecnologias no contexto da pós-verdade e da pós-modernidade. Mas convidamos você para trazermos ela para o contexto da Amazônia brasileira¹⁴, mas especificamente, os estados da região norte. Que tem na sua imensa extensão territorial múltiplas faces com muitas perspectivas. De antemão, deixamos claro que este contexto não está afastado do avanço da desinformação, visto que, assim como a escola, a região norte não é uma bolha fechada do restante do meio.

O norte do país, que tem toda sua extensão dentro do território amazônico, historicamente sempre sofreu com os fenômenos que ocorrem em consequência do sistema econômico e cultural em vigor mundialmente, o capitalismo, sistema que gera grande quantidade de desigualdade.

Para seus moradores, ele é a “periferia da periferia do mundo”, no sentido de dizer que este território é relegado frente aos demais territórios nacionais, e que o Brasil é relegado perante os países chamados de “desenvolvidos” ou de potências mundiais. Esta situação é possível ser vista através das políticas pública que chegam nesta região. Ferreira (2019, p. 51) coloca que

tais políticas, ao longo da história, vêm sendo tomadas a partir de decisões centralizadas, suprimindo os aspectos regionais, culturais – cheios de especificidades. [...] Segue-se a lógica de considerar como verdadeiros os conhecimentos produzidos no Centro-Sul do país e estes devem ser repassados para as demais regiões, exercendo influências na elaboração de políticas educacionais para todo o país.

Este é um fenômeno comum desde que o Brasil foi invadido pelos portugueses. O que decorreu de processo de colonizar um povo ou território, colocando estes sempre debaixo dos requisitos, dogmas e preceitos que o colonizador entende ser o melhor e/ou mais apropriado a partir de sua perspectiva, sem que aqueles que serão afetados possam opinar ou escolher como e o que será feito.

É com essa relação histórica que a região norte vem sendo tratada há muitos séculos, o que resulta em atrasos em muitos fatores, como é o caso do acesso à educação. Os dados do PNAD Contínua, entre os anos de 2016 a 2019, mostram que a região norte é a que tem menor média de Escolaridade, como pode ser visto no quadro 1.

Esses dados também nos mostram que a região norte se deslocou positivamente de 10 anos de escolaridade média, em 2013, para 11,2 anos no ano de 2021, estando a 0,8 anos de

¹⁴ O recorte territorial será mais bem detalhado no tópico 3.1.

diferença na Meta 08¹⁵ do PNE 2014-2024, que buscava alcançar uma média de 12 anos de escolaridade até o ano de 2024.

Ao analisarmos o comparativo entre as regiões, verificamos que a região norte figura junto com a região nordeste na última posição entre as demais regiões, estando ambas 0,8 anos atrás da região Sul e Centro-oeste, e 1 ano da região Sudeste que é a mais avançada com 12,2 anos, em média, de anos de estudos.

Quadro 1 – Escolaridade média, em anos de estudo, da população de 18 a 29 anos, por Brasil, grande região e unidade da Federação – 2016-2019

Região	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	Ano	População de 18 a 29 anos	Média de anos de estudo	População de 18 a 29 anos	Média de anos de estudo	População de 18 a 29 anos	Média de anos de estudo	População de 18 a 29 anos	Média de anos de estudo	População de 18 a 29 anos
2013	3.718.053	10,0	11.770.595	9,9	16.916.277	11,4	5.729.541	11,3	3.230.425	11,1
2014	3.757.890	10,1	11.663.254	10,0	16.877.442	11,5	5.706.908	11,3	3.284.058	11,2
2015	3.759.839	10,3	11.581.016	10,3	16.875.325	11,6	5.645.502	11,4	3.229.073	11,3
2016	3.844.845	10,4	11.302.411	10,4	16.904.752	11,7	5.691.083	11,4	3.222.151	11,3
2017	3.807.560	10,6	11.420.433	10,5	16.807.107	11,8	5.756.682	11,6	3.200.511	11,6
2018	3.884.722	10,8	11.459.358	10,7	16.740.566	11,9	5.741.154	11,7	3.196.777	11,7
2019	3.948.055	10,9	11.352.793	10,8	16.706.404	12,0	5.705.496	11,8	3.204.575	11,8
2020	3.889.669	11,2	11.473.219	11,1	16.344.414	12,1	5.501.818	12,0	3.308.262	12,0
2021	4.109.910	11,2	11.272.901	11,2	16.275.915	12,2	5.342.466	12,0	3.213.135	12,0

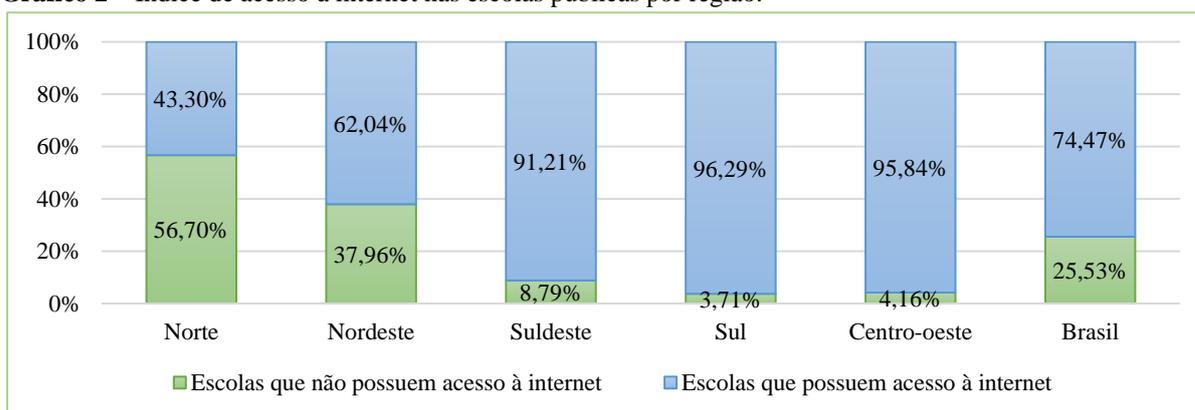
Fonte: Elaborado pela DIREN/INEP com base em dados da PNAD Contínua/ IBGE (2020).

Isso demonstra que os jovens do Norte e do Nordeste continuam tendo menos tempo/ano estudando em relação às demais regiões, causando uma probabilidade menor de que essas populações tenham possibilidade de melhorias de vida, ainda que grande parte das famílias vejam na educação um caminho promissor para essa mudança.

Portanto, é necessário que as escolas sejam ambiente de “execução de medidas que venham a ajudar na solução de problemas sociais e econômicos que possam afetar a ordem social e política vigente, concebendo a educação como forma de redução da pobreza e possibilidade de empregabilidade” (Ferreira, 2019, p. 51), ainda que somente esta política pública não seja o suficiente para contemplar este anseio das camadas populares.

Esses dados também comungam com os dados de infraestrutura das escolas, mas especificamente do acesso à internet nos educandários e da possibilidade de uso pedagógico nas salas de aula. No gráfico 2, abaixo, podemos ver que mais da metade das escolas da região norte nem se quer tem acesso à internet. Somente 43,30%, o que vale 8804 escolas, tem acesso, enquanto as escolas das regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste tem mais de 90% das escolas com acesso à internet em algum espaço escolar.

¹⁵ Elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Mais informações em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao>.

Gráfico 2 – Índice de acesso à internet nas escolas públicas por região.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da Pnad contínua/ IBGE (2020).

Estes dados são singulares para entender que a região norte, a parte amazônica do país, está distante dos contextos das demais regiões, em especial o centro-sul do Brasil. Ao falarmos sobre a democratização tecnológica, compreendemos que esta região precisa de ações emergentes para que supra essa deficiência que é a exclusão digital e que também exclui socialmente as populações que aqui vivem, sejam elas da cidade, ribeirinhas, dos quilombos, aldeias ou dos demais territórios tradicionais.

É preciso salientar que desde, pelo menos o final da década de 90 do século passado até os dias atuais, há programas nacionais de implementação de ações e recursos tecnológicos nos espaços escolares, como é o caso do Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo¹⁶, assim como ProInfo Integrado, que atualmente é articulado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Há também o Programa de Inovação Educação Conectada¹⁷.

No entanto, os dados nos mostram que mesmo com estes projetos ainda há uma grande discrepância entre as regiões. Ainda segundo os dados do PNAD Contínua/IBGE de 2020, das 8804 escolas da região norte, somente 17,5% delas possibilitam o uso da internet para ser utilizada durante as atividades pedagógicas de ensino e aprendizagem, já na região nordeste são 26,23%, sudeste são 61,75%, sul são 69,67% e centro-oeste são 61,94%.

Uma disparidade muito grande, mais de 50% entre a região norte e a região sul, área com maior utilização de internet nas aulas de forma pedagógica. Mostrando mais uma vez que a educação nortista fica ainda mais desfalcada, agora no âmbito do desenvolvimento de ações

¹⁶ É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Mais informações: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/proinfo>.

¹⁷ Apoiar a universalização do acesso à internet de alta velocidade e fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais na Educação Básica. Saiba mais: <https://educacaoconectada.mec.gov.br/>.

tecnológicas e educacionais juntos aos estudantes, que, em grande parte, encontraria no espaço escolar a oportunidade de ter acesso a essas ferramentas.

Atualmente, o governo federal tem trabalhado para implementar a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas que visa a organizar e alinhar os projetos e as políticas para que possam universalizar a internet nos educandários de todo o país; serão investidos R\$ 8,8 bilhões de reais com o objetivo de atender 138,3 mil instituições de educação até 2026. Espera-se que a região norte seja contemplada e priorizada, visto a discrepância existente entre ela e as demais regiões.

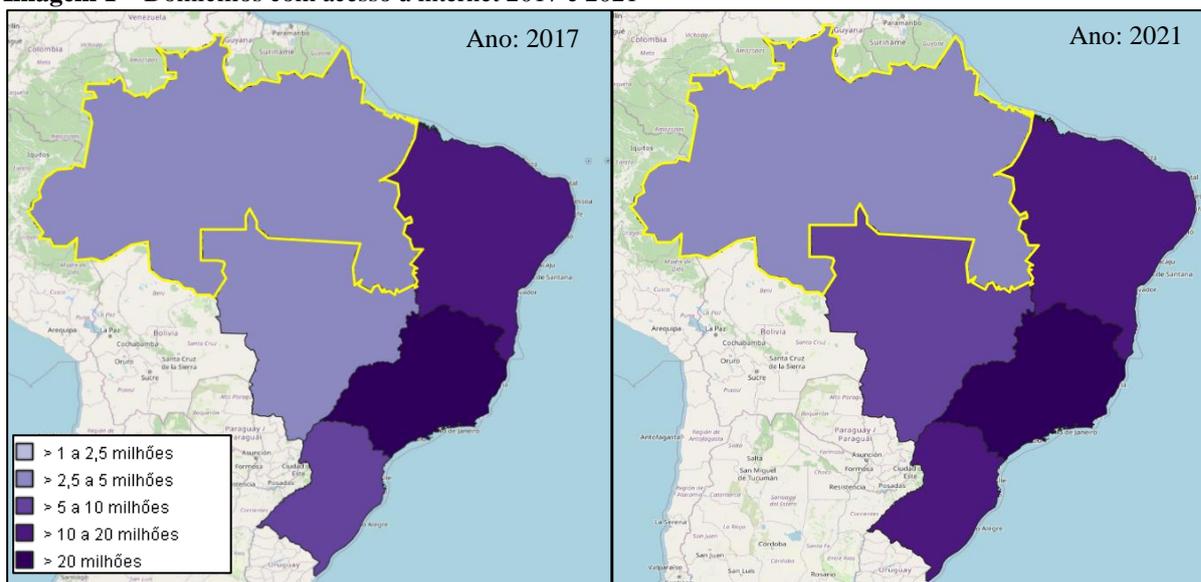
A região amazônica do país é limitada por dois principais motivos. A primeira questão limitadora é a baixa cobertura de acesso à internet: grande parte do território tem baixo ou nenhum sinal de área de internet, e a segunda é a questão financeira, visto que as populações são de baixa renda, o que dificulta às famílias colocar em seus domicílios suas redes próprias.

Essas duas questões fazem com que as populações da região norte do país fiquem parcial ou totalmente isoladas, como é caso de alguns territórios que nem energia elétrica tem, ocasionando a exclusão digital desses cidadãos. Em vista de buscar soluções para essas situações, Barros, Richter e Reis (2016) explanam que

no ano de 2010, o governo federal lançou o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), o qual tinha como objetivo levar Internet de alta velocidade para 40 milhões de domicílios em todo o Brasil até o ano de 2014. No entanto, com a desigualdade do acesso à Internet entre as regiões brasileiras, em especial a região Norte, o plano acabou por não atingir com efetividade a região amazônica (Barros; Richter; Reis, 2016, p. 672).

Este é mais um exemplo de como a região norte ainda se encontra em exclusão do restante do país, sua extensão territorial colabora para que exclusão permaneça e as políticas públicas ainda não consigam superar essas barreiras. O Plano Nacional de Banda Larga – PNBL – fez com milhares de brasileiros pudessem conectar-se, apesar disto o plano não conseguiu atingir seu objetivo na região amazônica. Esse fato pode ser constatado pela Imagem 1, que mostra os domicílios que tem acesso à internet no país por região.

Vemos neste recorte temporal que, em 5 anos, as demais regiões do país conseguiram avançar no acesso à internet. Em especial, as regiões Centro-oeste e Sul tiveram um bom avanço no que tange à disponibilidade de internet nas residências. Já a região norte ficou estagnada no tempo, os dados nos mostram que a região não conseguiu sair de um nível para outro.

Imagem 1 – Domicílios com acesso à internet 2017 e 2021

Fonte: Elaborada pelo painel do PNAD Contínua/ IBGE 2021.

Portanto, houve pouco ou nenhum aumento de residências com rede própria de internet. Na busca de solucionar a situação de cobertura e qualidade de internet nessa região, atualmente há dois projetos governamentais integrados em curso, o Projeto Amazônia Conectada¹⁸ e o Programa Norte Conectado¹⁹, que espera alcançar seus objetivos de conectar ainda mais a região amazônica do país com o restante do mundo e, assim, diminuir pelo menos uma exclusão social.

No Programa Norte Conectado, estão previstas 8 infovias, bloco de cabos que interligam cidades ou países, com cerca de 12 mil quilômetros de extensão, buscando atender mais de 10 milhões de pessoas em 59 municípios da região norte. Contudo, este programa que foi instituído em 2015 pela então Presidente Dilma Rousseff entregou somente a Inforvia 00 e a Inforvia 01. Esta segunda foi inaugurada há pouco tempo, no mês de setembro de 2023, na Universidade Federal do Oeste do Pará e atenderá cerca de 3 milhões de pessoas entre a cidade de Santarém/Pa e Manaus/Am.

Contudo, a exclusão digital que a região norte ainda vive não inviabiliza que os dispositivos tecnológicos e as mídias digitais que conseguem alcançar estes territórios não

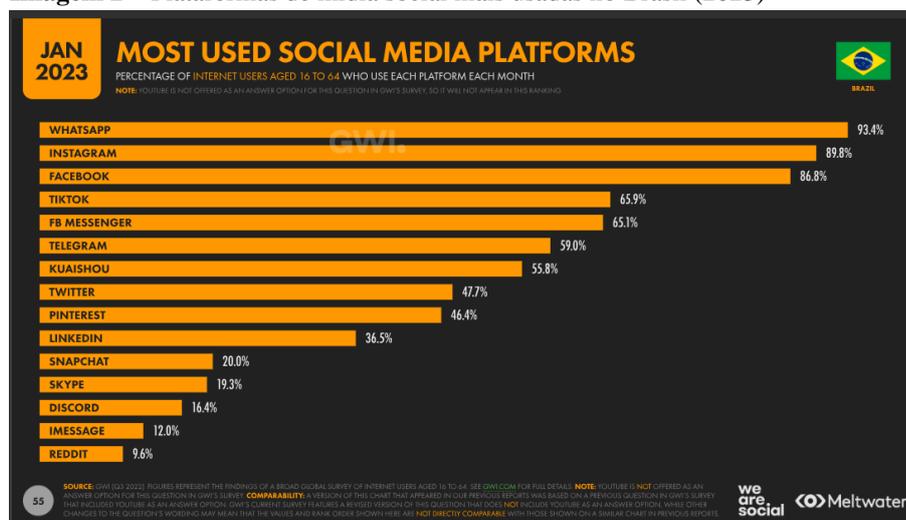
¹⁸ O projeto visa a estabelecer uma infraestrutura de rede de dados de alta velocidade seguros e confiáveis, por meio do lançamento de cabos de fibra óptica pelos leitos dos rios, que dê suporte às atividades de Comando e Controle, administrativas e operacionais, do Ministério da Defesa naquela região.

¹⁹ Tem a finalidade de expandir a infraestrutura de comunicações na Região Amazônica, por meio da implantação de cabos de fibra óptica subfluvial, visando a atender às políticas públicas de telecomunicações, educação, pesquisa, saúde, defesa e do judiciário, e ainda outras políticas públicas que venham a se integrar ao escopo do Programa.

estejam interferindo no modo de vida e também no consumo de informações das pessoas desta localidade, inclusive dos conteúdos que fomentam a desinformação.

O aplicativo de mensagem instantânea “WhatsApp” é a plataforma mais utilizada nos telefones celulares em todo o país, como mostra os dados da pesquisa “We are social”²⁰ 2023, na imagem 2. Na região norte também não é diferente, este aplicativo é muito usado, e é o principal meio pelo qual têm sido distribuídos os materiais fraudulentos que buscam manipular os que vêm a consumir tais materiais.

Imagem 2 – Plataformas de mídia social mais usadas no Brasil (2023)



A região norte, apesar de ser excluída digitalmente, ainda é afetada pelos eventos e mudanças mundiais que ocorrem, já que ela está interligada com restante do mundo através do fenômeno da globalização. Hall (2005) explica que este fenômeno causa uma redução do espaço e tempo colaborando para uma mistura entre as culturas e identidades de diferentes localidades, e a parte amazônica do Brasil não fica de fora deste processo, ela também é afetada e passa por mudanças por conta desses fenômenos.

Outro fenômeno que causou mudanças na região norte foi o avanço tecnológico e a quebra de paradigma na internet. Fez com que houvesse o aparecimento de blogs e sites de pessoas comuns e sem formação que buscavam ganhar espaço entre as populações através dos seus conteúdos. Destaca-se que nos locais onde algumas dessas formas digitais de comunicação não alcança, tais conteúdos chegarão por outros meios, principalmente, a transmissão por meio oral entre as pessoas.

²⁰ Para mais informações acesse: <https://wearesocial.com/us/>.

Ainda que os meios de comunicação de massa, rádio e televisão sejam os veículos mais utilizados pelas populações nesta região para se informar, o que pode ser percebido é que estas novas formas de comunicação por meio das mídias digitais ganham um espaço considerável entre os nortistas; foi assim que alguns desses aproveitaram para propagar desinformações.

Esta situação, como vem se pontuando ao longo deste estudo, está afetando toda uma nação e seus territórios. As tecnologias “são como um vírus, e o vírus como uma tecnologia: eles disparam ações, mobilizando amplas redes, afetando o coletivo” (Lemos, 2021, p. 20). Essa afirmação pode ser comprovada ao observarmos as atitudes durante a pandemia do Novo Coronavírus, quando parte da população foi manipulada a acreditar que este vírus não era nocivo.

Por meio das plataformas digitais foi propagado e incentivado que as pessoas permanecessem suas rotinas normais, que não deveriam tomar as vacinas indicadas pelos órgãos de saúde e que deveriam contrapor governantes locais que viessem a realizar fechamento parcial ou total dos serviços não essenciais. Essas atitudes foram resultantes de muitas desinformações que foram, de forma muito eficaz, propagadas entre as pessoas durante esse período, principalmente, através das mídias digitais.

O que podemos detectar é que as pessoas que foram levadas a acreditar em mentiras e a se posicionar para defendê-las trazem consigo fortes características do descrito pela pós-verdade e pela pós-modernidade. Consolida o argumento de D’Ancona (2018), ao dizer que “nunca houve um modo mais rápido e mais poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la on-line” (D’Ancona, 2018, p. 53).

São pessoas manipuladas com muita facilidade, por terem suas identidades com uma flexibilidade muito maior que antigamente. Podemos ver no exemplo das vacinas, que há muitas décadas vem-se erradicando doenças do Brasil. Mas, agora esse cenário sofre um revés, porque a ciência passou a ser desacreditada juntamente com os meios de comunicação tradicional jornalístico, que comumente seguem procedimentos de checagem e qualificação da notícia, mas deixa-se claro que existe veículos de comunicação em massa que manipulam as notícias.

Há também um grande movimento fundamentalista que utiliza o espaço que teria outras funções sociais para impulsionar estas ideias e ideais que contradizem os fatos. Por terem uma posição de autoridade, suas falas são tidas como verdadeiras sem nenhum questionamento para um grande número de pessoas, estas não só abstraem essas desinformações como também colaboram para propagá-las ainda mais.

Este é um dos métodos muito utilizados na região amazônica do país para ampliar essas desinformações, em vista de que esse território tem limitação de internet em várias localidades. Desta forma, pessoas consideradas como autoridades e/ou lideranças que detêm alto índice de confiabilidade usam esses locais para propagar seus dogmas e preceitos que divergem, por vezes, dos preceitos de uma sociedade democrática, laica e diversa.

Com isso, passamos a entender que a desinformação, que prioritariamente é difundida através das mídias digitais, passa a ganhar uma profusão para além dos ambientes tecnológicos. Ainda que alguns ambientes tenham pouco acesso às tecnologias e/ou mídias digitais, como é caso da região norte, ainda assim haverá uma propagação de desinformação através das conversas interpessoais, mas que foi surgida nas mídias digitais.

É, portanto, indispensável que o debate da educação midiática para o enfrentamento da desinformação inclua a necessidade de pensar como trabalhar essas temáticas na região norte de forma contemplar a realidade local, espacial e temporal que existe neste território. O caminho, de forma geral, pode ser alguns pontos que Lemos (2021) indica para a proteção da privacidade e que podem ser utilizados neste embate também, que inclui a educação como forma de conscientização, o fortalecimento do quadro jurídico da exigência de mudanças das empresas e do próprio governo.

3 OS TRILHOS BASILARES DA PESQUISA

Na presente seção, faremos um detalhamento dos procedimentos da pesquisa, passando pela exposição do recorte espacial macro e micro em que a pesquisa foi realizada, em específico do local de realização. Faremos ainda, a apresentação do perfil dos participantes do estudo e de como é formado o grupo, quais os instrumentos utilizados tanto para identificá-los, como também para avaliar o processo de desenvolvimento da pesquisa.

São ainda apresentadas as âncoras em que o estudo se apoia para a sua realização, em quais bases teóricas se fundamenta para fazer seu levantamento bibliográfico, de instrumentos de coleta de dados durante as aplicações e de organização posterior à coleta. Explana as formas de análise dos dados para construção das compreensões para produção daquilo que sairá como resultado da pesquisa.

3.1 O recorte de belezas: Amazônia, Pará e Santarém

Quando passamos a tratar da Amazônia, é comum que ainda se persista a fantasiosa história de ser uma terra inóspita, com animais silvestres andando pelas ruas e as pessoas com suas vestimentas distintas, e também ligada às belezas naturais existentes neste território, seja a diversidade da fauna e flora como também dos rios e mananciais.

Outro engano é dizer que a Amazônia pertence somente ao Brasil, na verdade a Amazônia enquanto área territorial estende-se por mais 8 países: Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela e “caso fosse um país, seria o sexto maior do mundo, com seus 7 milhões de quilômetros quadrados, [...] com 25 mil quilômetros de rios navegáveis, 20% da água doce e 67% das florestas tropicais do nosso planeta” (Colares, 2018, p. 3).

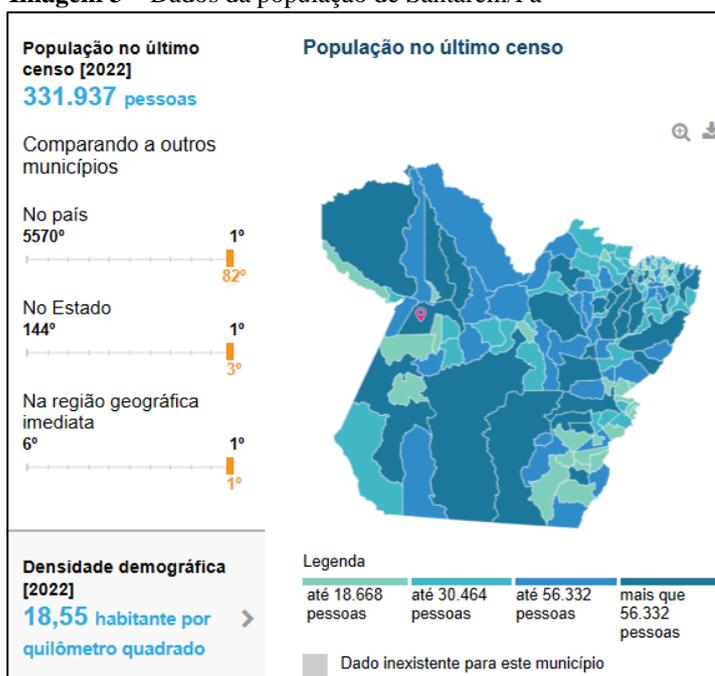
O Estado Nacional tem 27 estados e a Amazônia está presente em “nove estados brasileiros, ao qual chamamos de Amazônia Legal, sendo que sete destes estados estão na região norte” (Silva; Rabelo; Mafra, 2019, p. 179). Esse espaço geográfico enorme é constituído por uma multiplicidade de povos, culturas e realidades distintas, fazendo com que possamos chamar a Amazônia de Amazônia, visto que em cada lugar desse território encontramos diferentes manifestações culturais, de línguas e ritos.

A Amazônia está presente em 100% do território da região norte, já que esta é composta por setes estados brasileiros, e entre eles está o estado do Pará. Ele é o segundo maior estado brasileiro, com uma extensão territorial de 1.247.955,238 km², dividida entre 144 municípios,

tendo como capital a cidade Belém. O Pará é dividido em 6 mesorregiões, são elas: Baixo Amazonas, Sudoeste Paraense, Marajó, Sudeste Paraense, Nordeste do Pará e Belém.

Nosso recorte espacial está presente na mesorregião do Baixo Amazonas. Ela é composta por 13 municípios, dentre eles está a cidade de Santarém, que é o espaço de interesse deste estudo. Santarém tem uma extensão geográfica de 17.898,389 km² e, conforme o censo de 2022 divulgado pelo IBGE, atualmente tem 331.937 mil habitantes, ocupando a terceira posição entre as cidades mais populosas do estado.

Imagem 3 – Dados da população de Santarém/Pa



Fonte: Elaborada pelo sistema do IBGE (2022).

A cidade é banhada pela confluência do Rio Tapajós e do Rio Amazonas e está a 697,24 km de distância em linha reta da capital do Pará. A cidade Santarém é considerada uma das mais antigas do país, com pelo menos mil anos segundo o professor Eduardo Góes Neves, arqueólogo da USP²¹, visto que teve sua “fundação” em “1661, pela missão jesuítica, na aldeia dos índios Tupaiu, que posteriormente ficou conhecida como Tapajós” (Ferreira, 2019, p. 117).

A cidade tem forte potencial turístico por conta das belas praias e igarapés existentes em seu território; ainda conta outras belezas naturais com serras e mirantes. Tem em grande parte de sua história como principal meio de sustento a agricultura familiar e a pesca, mas foi invadida também pela produção da soja e do agronegócio.

²¹ Para mais informações acesse: <https://www.ufopa.edu.br/ufopa/comunica/noticias/arqueologo-da-usp-que-aponta-santarem-como-a-cidade-mais-antiga-do-brasil-participa-de-debate-com-pesquisadores-da-ufopa/>.

Pela sua localização, interliga-se por estrada com as demais regiões do país, é próxima à capital amazonense e com uma boa rota marítima de saída para o oceano. Santarém sempre esteve aos olhos dos grandes empresários nacionais e internacionais. Mas, também é a cidade que recebe os fluxos de destruições e encontro entre as demandas da mesorregião, como Ferreira explicita:

Santarém foi um centro urbano muito importante durante séculos, intermediando a compra e vendas de produtos. Os serviços, tanto público quanto privado, se expandiram, e hoje apresenta atividades prestadas à população nos setores ambientais, hospitalares (há um Hospital Regional que atende pacientes de todo Baixo Amazonas), bancários, imobiliários, dentre outros (Ferreira, 2019, p. 118).

Santarém é a cidade polo dos servidores públicos e privados para toda a mesorregião. A cidade passar a ser também um polo universitário com a presença de um campus da Universidade Estadual do Pará (Uepa) e do Instituto Federal do Pará (IFPA), da sede da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) e de algumas instituições de ensino superior particulares, como: Universidade da Amazônia (Unama); Centro Universitário Luterano de Santarém (CEULS/Ulbra); Instituto Esperança de Ensino Superior (Iespes); Universidade Paulista (Unip), dentre outras de Educação à Distância.

A “Pérola do Tapajós”, como é conhecida a cidade de Santarém, é conseqüentemente um polo de pessoas que buscam ter acesso ao mercado de trabalho. Contudo, segundo o IBGE (2021) somente 49.834 pessoas estavam com alguma ocupação formal, o que vale a 15,8% da população, em comparação com outros municípios do estado; Santarém encontrava-se em posição 14 de 144.

É um município em plena expansão de vários setores da sociedade, mas que encontra muitas dificuldades de proporcionar uma vida de qualidade para grande parte de seus munícipes. Santarém guarda muitas surpresas para aqueles que vêm visitá-la, que gostam de se aventurar em meio as belezas naturais, de conhecer a diversidade cultural e dos povos que se encontram nesse território.

Porém, os santarenos e santarenas ainda sofrem algumas crises que cidades de meio portes também detêm, como falta de qualidade no transporte público, do saneamento básico, acesso à água potável e emprego. Contudo, ainda disponibiliza aos seus moradores uma vida relativamente tranquila em comparação com outras cidades metropolitanas.

3.2 Território percorrido: o lócus de pesquisa

A cidade de Santarém ganhou ainda mais importância na região quando o Governo Federal, na gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, criou e instituiu a sede em Santarém de uma nova universidade a partir da incorporação do Campus de Santarém da UFPA e da Unidade Descentralizada Tapajós da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Assim, é criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009, a Universidade Federal do Oeste do Pará, fortalecendo-se como polo universitário.

A Ufopa, atualmente com seus 13 anos, está presente em Santarém e em mais 6 municípios com campus regionais, disponibilizando anualmente em torno de 1400 vagas em 42 cursos de graduação. Conta ainda com 13 cursos de mestrados e 4 cursos de doutorado, sendo 3 deles em rede. Além disso, ainda atende outros municípios através do Programa Forma Pará²² que é um convênio entre a Ufopa e a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica – SECTET – do Pará.

Dentre os cursos que a Ufopa disponibiliza, nosso lócus de pesquisa foi no curso de Licenciatura em Informática Educacional, que está ligado ao Instituto de Ciências da Educação, localizado na Unidade Rondon, no bairro Caranazal. O curso foi criado em fevereiro de 2013, a partir do desmembramento do curso de Licenciatura em Pedagogia e está organizado em 8 semestres, com a oferta em torno de 40 vagas anuais. Hoje conta com 4 turmas, que contam, em torno de 100 estudantes ativos.

A escolha do curso de Licenciatura em Informática Educacional se deu em virtude das características tecnológicas que este curso possui na formação destes futuros professores, visto que tais participantes poderão se tornar propagadores desta formação, em vista de que os sujeitos que “vivenciam processos de pesquisa-ação têm a possibilidade de refletir sobre as suas próprias práticas, sua condição de trabalhador, bem como os limites e possibilidades do seu trabalho” (Pimenta, 2005, p. 527).

O grupo de participantes das atividades foi composto por 14 estudantes. A princípio, foi indicado que a pesquisa atuaria junto a 12 estudantes, mas houve a necessidade de acréscimo de mais 2 participantes devido as matrículas. Desses participantes, 11 declararam ser do sexo feminino e 3 do sexo masculino.

²² Esta cooperação visa a ampliar e oportunizar o ensino superior para pessoas de municípios que ainda não são atendidos diretamente pelas universidades públicas. Saiba mais em: <https://www.ufopa.edu.br/proen/cursos-de-graduacao/programa-forma-para/>.

Todos estavam cursando o 7º semestre e foram estudantes ingressantes do ano de 2018, assim sendo, estavam em vias de conclusão do curso. Ao longo das conversas, explanaram que prorrogariam um pouco mais o tempo na universidade em detrimento do período paralisado e das aulas remotas ocasionadas pela pandemia de covid-19.

Estes estudantes são oriundos principalmente da cidade sede da Universidade, Santarém, mas 5 deles são da cidade de Monte Alegre. As idades estão entre 18 e 49 anos (sendo que 11 estudantes têm entre 18 e 29 anos, equivalente a 78,6%, e 3 deles têm entre 30 e 49 anos, 21,4% dos participantes). A autodeclaração de cor e raça é de 13 estudantes como pardo/as e somente 1 estudante se declara indígena – foi a única que ingressou na universidade por meio de Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) –; os demais pelo Processo Seletivo Regular (PSR).

É possível concluir que os estudantes participantes da pesquisa são, em sua maioria, mulheres, jovens, pardas e oriundas da cidade de Santarém. É importante destacar que os estudantes da Universidade Federal do Oeste do Pará, em grande parte, são pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, inclusive os participantes desse estudo. Outro ponto a ser explanado é de que os participantes foram listados em AIE01, seguindo a numeração cardinal, e quando necessário serão identificados por meio de um código, quando for necessário mencioná-los.

3.3 Caminhando pela metodologia da pesquisa

As pesquisas científicas são um dos passos necessários para a qualificação de um profissional que esteja trilhando a pós-graduação em *stricto sensu*. Para Gil (2002), essas pesquisas podem ser classificadas em dois grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática, sendo que o segundo decorre do “desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz” (Gil, 2002, p. 17).

É neste grupo que a presente pesquisa se enquadra. Busca refletir e discutir maneiras apropriadas para alocar o debate da desinformação de forma transversal na formação inicial de professores. Para isso, esta pesquisa segue a trilha do que deve pautar uma pesquisa científica; está ancorada nos pressupostos que se exigem para um estudo de pós-graduação, estando relacionada às investigações educacionais.

Além disso, o presente estudo envolve ainda a formação inicial de professores em uma base teórica pautada na perspectiva pós-moderna. Nesse sentido, a abordagem utilizada neste

estudo é a qualitativa, que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2013, p. 19).

Segundo a autora, a pesquisa qualitativa se divide em três fases: a exploratória, do trabalho de campo e da análise e tratamento do material empírico e documental, sendo que a primeira fase, exploratória, também é um objetivo da abordagem. Nesse entendimento, é que uma pesquisa qualitativa exploratória vem “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2002, p. 41).

Essas indicações ajudam a resumir o que se pretende com esta pesquisa, a partir da qual se busca desenvolver na formação inicial de professores elementos que possam apresentar debates que venham a ser possibilidades para a implementação, de forma transversal, da análise e da compreensão das informações midiáticas que estão contidas nas mídias digitais que trazem falsidades numéricas, manipulações, mentiras e distorções, em suma a desinformação.

É nesse sentido que o estudo iniciou com um levantamento bibliográfico de artigos, livros, dissertações e teses em repositórios acadêmicos e/ou fontes de recuperação de trabalhos que viessem colaborar com o processo de desenvolvimento da pesquisa e estivessem associados aos propósitos da presente pesquisa, são eles: desenvolvimento tecnológico, educação midiática, formação de professores e o período da pós-modernidade, cuja finalidade é de identificar “fontes capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto” (Gil, 2002, p. 64).

Este levantamento construiu a revisão de literatura da presente pesquisa, apresentando os estudos já realizados com temáticas parecidas, o que deu sustentação ao desenvolvimento da dissertação. Além disso, este arcabouço teórico colaborou como subsídio para elaboração e organização de um quadro de textos indicativos que podem vir a ser utilizados nos planos de aula e atividades pedagógicas.

Este quadro de indicações de leituras pode ser utilizado em oficinas, cursos e/ou disciplinas que venham a ser realizados, podendo posteriormente ser operacionalizado como componente curricular ou utilizado de maneira a subsidiar um processo de revisão do currículo do curso de formação inicial de professores, como é posto por Soares (2014) e no documento da Organização das Nações Unidas para a Educação - Unesco (2010).

Foi a partir, também, desse levantamento e do quadro elaborado que foi possível organizar algumas propostas de ações, a exemplo das exposições dialogadas e construção

prática-propositiva, para serem aplicadas em conjunto aos participantes da pesquisa, já com o intuito de “contribuir para o equacionamento do problema central na pesquisa, a partir de possíveis soluções e de propostas de ações que auxiliem os agentes (ou atores) na sua atividade” (Pimenta, 2005, p. 532). E tem como base encaminhamentos iniciais da pesquisa as discussões e inferências realizadas através da ação.

No que tange aos instrumentos para realizar a coleta de dados, durante a aplicação das atividades com o grupo de participantes, foram utilizados os seguintes:

- Questionário Inicial e Final

Mediante a importância de mapear o contexto das vivências de cada participante da pesquisa e da compreensão deles com relação aos pontos centrais do que se estava pesquisando, foi utilizado para essa função o instrumento questionário, que é “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 107). Em conjunto, foi disponibilizado aos participantes, para leitura e assinatura, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apêndice B, a partir do qual houve a concordância dos participantes com o uso dos dados coletados nessa fase da pesquisa.

Os questionários foram disponibilizados via formulário eletrônico, visto a possibilidade maior de retorno das respostas, além da facilidade para conferir e gerar formas visuais resultantes do que os participantes responderam.

No que tange ao questionário inicial, este foi organizado em três seções, sendo que na segunda seção “Mapeamento do consumo e compartilhamento de informações” nas redes sociais, apêndice C. As indagações que aplicadas foram classificadas como “perguntas de avaliação”, que consistem em “emitir um julgamento por meio de uma escala com vários graus de intensidade para um mesmo item. As respostas sugeridas são quantitativas e indicam grau de intensidade crescente ou decrescente” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 113).

Já na terceira seção, “Verificação sobre alguns campos de estudos”, foram utilizadas perguntas abertas que também são “chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 110).

Nesta seção, buscamos verificar os conhecimentos dos participantes em relação às temáticas gerais que a pesquisa estava pautando. Eles puderam desenvolver seu raciocínio conforme cada pergunta e temática apresentada, como pode ser visto no apêndice D. Ainda neste questionário, o pesquisador, através da seção 1, realizou o mapeamento do perfil dos

participantes com perguntas pessoais, das quais os resultados já foram apresentados anteriormente.

Ao final da realização das atividades, foi aplicado um questionário repetindo as 4 perguntas subjetivas que haviam sido feitas no questionário inicial. O intuito foi de comparar os conhecimentos do antes e depois das atividades. Além dessas perguntas, foram feitas outras 3 novas perguntas com a finalidade de analisar não somente a compreensão dos assuntos, mas de como estes futuros professores poderiam se colocar como elaboradores de ações pedagógicas frente à desinformação.

- Observação Participante

Como forma de entender o processo de aprendizagem dos conteúdos e da própria apropriação sobre as temáticas pelos participantes, a pesquisa ainda se utilizou do instrumento de observação, que é a “técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade” (Marconi; Lakatos, 2011, p. 96), colocando o pesquisador como o observado, que nesse caso também é participante, para acompanhar e interagir com os participantes da pesquisa, tornando o observador participante como um membro do grupo.

Para que isso que se concretizasse, o pesquisador esteve acompanhando todas as aplicações das atividades como também dialogou com os participantes a cada etapa da proposta que foi apresentada a eles. Com isso, o observador participante pôde colher dados e compreender o contexto da sala de aula da formação dos professores.

Assim, o pesquisador pôde reconhecer os fatos com suas representações, encontrar as contradições das normas e regras vividas no ambiente onde esteve acontecendo a pesquisa, em alinhamento com o que Minayo aponta ao dizer que a observação participante é “um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (Minayo, 2013, p. 67).

Como forma de relatar os acontecimentos dos ambientes da aplicação da pesquisa, o “instrumento de trabalho de observação é o chamado diário de campo, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades” (Minayo, 2013, p. 68). Nesta pesquisa, portanto, foi utilizado um caderno que recebeu o relato de cada atividade realizada. Apesar de muitas movimentações e colocações distintas, foi possível descrever pontos interessantes para o desenvolvimento do estudo.

- Entrevista em grupo

Foi utilizada ainda a ferramenta de entrevista que é “acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa” (Minayo, 2013, p. 62), como também é um procedimento que consegue obter diretamente do participante a sua reflexão sobre aquilo que está sendo colocado através da entrevista.

Assim, os participantes estiveram como sujeitos ativos até na avaliação da proposta educacional que havia sido aplicada a eles, em vista de que foi considerada a importância que os participantes da pesquisa têm no processo de desenvolvimento de uma proposta sobre essas temáticas e que possa vir a ser incorporada no escopo da formação dos estudantes de licenciaturas, para que então haja uma preparação para sua futura atuação dentro do ambiente escolar.

Além do que já foi exposto, estes dispositivos também podem colaborar com uma melhor interação entre o pesquisador e o participante, abrindo espaço de escuta aos participantes para buscar suprir as dúvidas e até uma forma mais adequada de formular as perguntas. Abre margem para que o entrevistador possa avaliar as condutas, expressões e atitudes, ampliando o campo da coleta de dados; possibilita verificar as discordâncias entre os participantes e as informações mais precisas; dentre outras possibilidades (Marconi; Lakatos, 2011).

Pode ainda ser acrescentado que o diálogo em coletivo consegue fluir melhor as opiniões e posições que de outras formas poderiam não vir com tanta nitidez por parte dos participantes. Para esta pesquisa, foram utilizadas perguntas classificadas como aberta ou em profundidade, como pode ser visto no apêndice F, para que os entrevistados pudessem ter espaço para avaliar ou propor sugestões a partir da sua própria vivência de vida, estudo e formação.

Tais perguntas encontram consonância com o que Minayo (2013) pontua, ao dizer que perguntas abertas ou em profundidade são consideradas entrevistas com finalidades e que no instante de tais perguntas “o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (Minayo, 2013, p. 62). A referida entrevista foi realizada ao final da aplicação das atividades e consistiu em dialogar sobre as aprendizagens que foram desenvolvidas durante aquele período, de como elas puderam ampliar o escopo de sua atuação como profissional e como cidadão no seu dia a dia.

3.4 Os passos da sistematização e da análise

Como já apresentado no tópico anterior, o presente estudo utilizou dos procedimentos de questionários, observação participante e de entrevista em grupo para realizar a coleta dos dados desta pesquisa. Estes dados estão em alinhamento com Bogdan e Blikem (1993) que afirmam que os dados são “as páginas de materiais descritivos recolhidos no processo de trabalho de campo (transcrições de entrevistas, notas de campo, artigos de jornal, dados oficiais, memorandos escritos pelos sujeitos, etc.)” (Bogdan; Blikem, 1993, p. 232).

Ao final do processo de coleta de dados e da pesquisa de campo, os dados passaram a ser sistematizados para que pudesse haver uma composição que viesse a colaborar com a etapa da análise de dados. Esta etapa é conceituada como “o processo de busca e de organização sistemático de transações de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo, acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão” (Bogdan; Blikem, 1993, p. 205).

Ademais, esta sistematização dos dados deve ser um momento que “processa por meio de procedimentos analíticos, até que se transformem em uma análise clara, compreensível, criteriosa, confiável e até original” (Gibbs, 2009, p. 16). Assim sendo, é um trabalho cuidadoso de seleção e transcrição para haver uma boa estrutura dos dados para que seja proporcionado, uma boa sustentação de evidências. Para além disso, uma boa organização é um ótimo colaborador quando for necessário

ler e recuperar os dados à medida que se apercebe do seu potencial de informação e do que pretende escrever. As técnicas de trabalhar mecanicamente com os dados são inestimáveis porque dão uma direcção aos seus esforços após o trabalho de campo, e, por isso, tornam manejável algo de potencialmente complexo (Bogdan; Blikem, 1993, p. 232).

Esta maleabilidade que surge em seguida da sistematização dos dados, através das planilhas das respostas que foram constituídas a partir dos questionários e da entrevista em grupo em conjunto com a observação participante descritiva ao longo da aplicação das atividades, foi essencial para que fossem percebidas tanto as características dos participantes até suas posições em relação às temáticas que foram apresentadas.

Oportunizou que os dados pudessem ser confrontados uns com outros, considerando os entendimentos iniciais com as aprendizagens geradas no decorrer das atividades, dando abertura para extrair aquilo que foi agregado aos participantes neste processo e como eles viam e avaliavam a proposta.

É importante destacar que os dados, ainda que tenham sido organizados, sistematizados e analisados através de procedimentos posteriores à aplicação e à pesquisa de campo, foi possível fazermos, ainda durante a aplicação, alterações para que pudesse ser melhor aplicável a partir da análise que foi sendo feita durante o processo.

Esta situação se encaixa com que Gibbs (2009) relata ao dizer que imperativamente a análise qualitativa “é guiada e enquadrada por ideias e conceitos preexistentes. Muitas vezes, o que os pesquisadores estão fazendo é verificar pistas, ou seja, estão deduzindo explicações particulares a partir de teorias gerais e observando se as circunstâncias que observam realmente são consistentes” (Gibbs, 2009, p. 20).

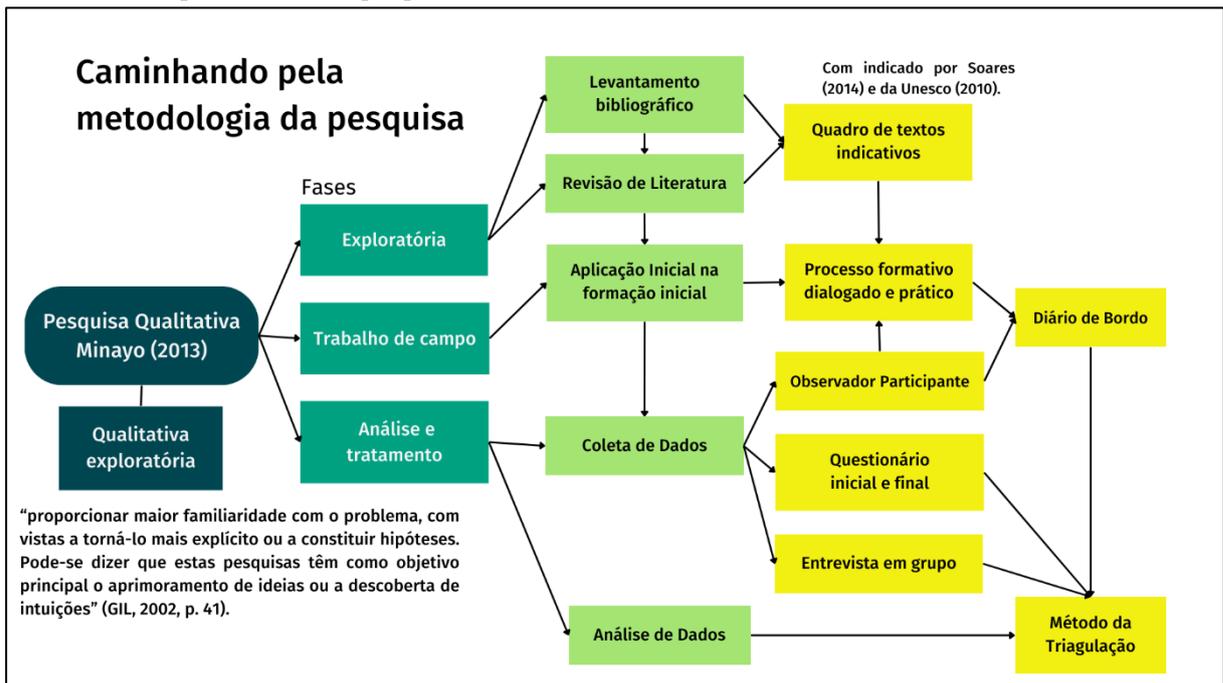
Para tanto, não há como deixar de serem feitas inferências e constatações a partir do contexto que está sendo observado e de onde serão coletados os dados. A cada ação é possível que possamos ir alterando e melhorando pequenas ações e questionamentos que são cruciais para que a pesquisa seja realizada com mais efetividade, desta forma obtendo dados mais concretos e cristalinos. Assim, reordena-se a observação para uma nova observação, agora com novas formas (Stake, 2011).

Nessa perspectiva, a análise se deu por meio da triangulação dos três procedimentos (questionários, observação participante e entrevista em grupo) que foram constituídos na coleta de dados. Considerando seus aprendizados ou não sobre as temáticas antes e depois da aplicação das atividades, a avaliação das atividades foi a partir de suas concepções pessoais e estudos e também aquilo que foi observado ao longo da aplicação.

Essa vinculação de três ângulos distintos pode “nos dar mais confiança de que determinamos corretamente o significado ou pode nos dar mais confiança de que precisamos analisar as diferenças para enxergar significados múltiplos e importantes” (Stake, 2011, p. 139). O que possibilita a compreensão mais ampla a partir da multiplicidade de campos de visões sobre a aplicação e a temática estudada.

No intuito de que seja mais bem visualizados todos os aspectos e procedimentos que aconteceram ao longo de todo o estudo, apresentamos no gráfico 3 um mapa conceitual com todas essas informações. Nele pode ser observado tanto as fases, como também cada momento de cada fase, bem como as ferramentas que foram usadas nesses momentos.

Gráfico 3 – Mapa conceitual da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor.

Estes foram os passos que este estudo trilhou desde sua elaboração, passando pelo aprofundamento e construção das atividades para que fosse possível apresentar o conjunto de ações aplicadas de forma dialogada e prática, e assim obter os dados do estudo que serão apresentados na próxima seção.

4 DESCRITORES DAS ATIVIDADES FORMATIVAS

Ao longo da quarta seção, será descrito o processo de desenvolvimento dos encaminhamentos educacionais com as bases teóricas que sustentaram a construção do que foi utilizado. Apresentaremos ainda os dados do questionário de verificação de consumo e compartilhamento de informação em conjunto com algumas análises preliminares de comparação entre os grupos de respostas dos estudantes de graduação que participaram da formação.

Outras atividades que serão descritas são as explanações dialogadas que foram realizadas durante o processo de formação com os participantes da pesquisa, o processo formativo dialogado. Assim como será descrito o formativo prático que é a construção e a apresentação dos planos de aula elaborados pelos estudantes participantes da pesquisa, e alguns apontamentos iniciais sobre estas atividades.

4.1 A construção dos encaminhamentos educacionais

A presente pesquisa, iniciada em vários sentidos do zero, sendo um deles no sentido da necessária mudança de tema que o pesquisador precisou realizar durante sua trajetória inicial, possibilitou que este ganhasse essa ótima oportunidade de dialogar com a sociedade e com o campo científico sobre uma temática bastante nova e que tem sido muito cara para o mundo.

A desinformação, como mostrado ao longo do texto, é um fenômeno que não é atual, mas que vem, nos últimos anos, afetando com muita força o contexto das sociedades, aliado à pós-verdade e à pós-modernidade, que são fenômenos atuais, tem tensionado a credibilidade de campos que outrora foram consenso entre as pessoas.

É nesse sentido que o presente estudo visa a dialogar com essa situação no campo educacional, visto que o lócus da escola tem sido indicado como o adequado para liderar a ofensiva contra a desinformação. Em vista disso, buscamos ao longo do estudo desenvolver encaminhamentos educacionais que visassem a colaborar com a formação inicial de professores para que possam lidar com estas questões ao adentrarem a sala de aula na posição de docentes.

Salientamos que não temos intenção de apresentar um conteúdo ou plano que devam ser replicados, mas o fazemos na condição de poder abrir espaço de discussão dentro das instâncias cabíveis sobre a importância e a forma de inclusão dessa perspectiva na formação inicial de professores.

Como forma de poder verificar a real necessidade de ter e já de ser um ambiente inicial de formação, entendemos que seria necessário aplicar esse debate com uma turma de graduação. Em vista disso, avaliamos os cursos de licenciatura existentes na Ufopa e, a partir desta avaliação, foi escolhido o curso de Licenciatura em Informática Educacional.

Mediante o que já foi explicitado anteriormente, a escolha da Informática Educacional se deu em virtude da sua característica de ser um curso com base tanto nas questões tecnológicas atuais como também na educação. Entendemos que poderia também ser uma possibilidade para que esses futuros professores já fossem propagadores desta formação.

A aplicação do conjunto de atividades construídas no período do estudo se deu com os estudantes da turma de 2018 do curso escolhido, na disciplina “Tópicos Especiais em Educação, Comunicação e Cultura” que tem 60 horas de carga horária e que, em sua ementa, já indicava a possibilidade de trabalhar com temáticas emergentes.

Dessa maneira, passamos a construir uma proposta que considerava questões formativo-teóricas: com o uso de textos que poderiam trazer contribuição significativa no campo da educação, das tecnologias e do contexto contemporâneo, pós-verdade e o período da pós-modernidade; questões formativo-práticas: em que os estudantes pudessem, a partir dos textos e da discussão em sala, desenvolver uma proposta de ação para ser aplicada em uma aula.

Através desses dois grandes núcleos de atividades, questões formativo-teóricas e questões formativo-práticas visaram à promoção do entendimento e da análise crítica sobre essas temáticas e também sobre o desenvolvimento da prática docente que é a futura atividade profissional que estes estudantes estarão exercendo.

Neste processo formativo, foram inseridos instrumentos que pudessem recolher aspectos e entendimentos diretamente dos próprios participantes sobre os ambientes que eles consumiam, notícias e informações, que recolhessem as visões anteriores e posteriores à formação da qual eles participaram e ainda indicar a possibilidade de uma entrevista em grupo na qual pudesse melhor captar suas análises sobre a formação que eles haviam passado naquele período.

Este plano de curso constituído de 14 encontros, sendo 6 encontros para o debate das temáticas, 3 encontros para a organização das propostas de ação, 3 encontros para as apresentações e 2 encontros para abertura e avaliação. A proposta se deu a partir do que foi estudado até aquele momento da pesquisa, como por exemplo, Silva (2021); Alencar (2021); Chaves e Melo (2019); Soares (2014), que vieram a colaborar com a construção dessa proposta utilizada com os estudantes.

Quadro 2 – Cronograma dos encontros

Data	Temas	Referências
26/09	Apresentação da proposta e avaliação diagnóstica.	-
03/10	Educação, comunicação e cultura	Buckingham (2010); Mídi makers (2022); Scolari (2018)
17/10	Tecnologias digitais, mídias e conflitos geracionais	Pariser (2012), Gonsales e Amiel (2020) e Selwyn (2008)
22/10	Cultura digital e sociedade da informação (ou seria desinformação?)	Buckingham (2008); Selwyn (2007)
24/10	Debates pós-modernos: mídias e tecnologias na educação	Bévort e Belloni (2009); Fantin (2011)
31/10	Pós-verdade e desinformação	Cruz Junior (2019); Cruz Junior (2021), Recuero (2021)
05/11	Formação de professores na contemporaneidade	Cordeiro e Costa (2021); Selwyn (2016)
14/11	Revisão e aplicação de atividade	-
21/11	Delineamento de propostas ou atividades de ação pedagógica e educacional (encaminhamentos e orientações).	Referências da disciplina e outras que forem pertinentes.
24/11	Encontro extraclasse para tiragem dúvidas e colaborações com os grupos.	-
28/11	Encontro disponível para o desenvolvimento e organização do trabalho	-
06/12	Apresentação dos grupos	-
12/12	Entrevista em grupo – avaliação	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Vale ainda dizer que a proposta teve algumas alterações ao longo de sua execução, por conta de algumas atividades institucionais e outros acontecimentos externos à universidade. No entanto, conseguiu ser executada em sua plenitude, ainda que alguns momentos tenham sido necessários unir atividades por conta compressão do tempo.

4.2 Consumo e o compartilhamento de informações nas mídias sociais

Ainda durante o primeiro encontro, através do questionário eletrônico inicial²³, foi feito um levantamento dos meios de consumo e compartilhamento de informações, visto que hoje a população, em sua grande maioria, utiliza algum meio digital para se comunicar de alguma forma. Estes dados colaboraram de forma que o estudo pudesse compreender como os

²³ Veja no apêndice C.

graduandos daquela turma estavam se comunicando, ainda ajudaria a montar melhor as posições e diálogos que seriam feitos ao longo das aulas.

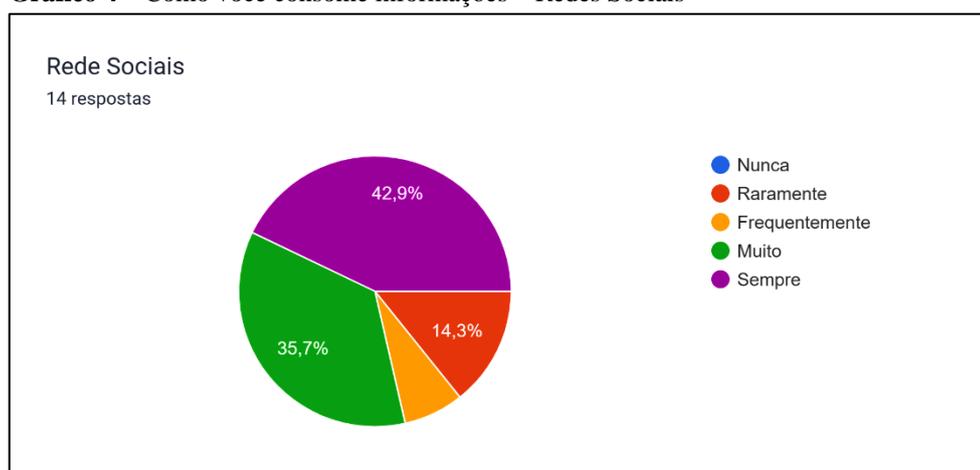
A primeira questão que fora colocada era “como você consome informações?”; buscava verificar entre as formas de consumir informações quais eram mais utilizadas pelos estudantes, sendo colocado para cada meio a possibilidade de marcação: “nunca”, “raramente”, “frequentemente”, “muito” ou “sempre”, nas categorias: redes sociais, WhatsApp e similares, site e jornais conhecidos – redes de atuação nacional e com repercussão de massa, site e jornais independentes – redes locais ou regionais, tv, rádio e jornais impressos. Cada estudante poderia marcar uma única vez em cada uma dessas categorias.

De antemão, observamos com as respostas, que as redes sociais e o WhatsApp são, sem dúvida, os meios de informações mais comuns utilizados pelos estudantes. Já os jornais, sejam eles digitais e/ou impressos, são bem pouco usados para consumir informações, como poderemos observar e analisar nos gráficos que são apresentados abaixo.

No Gráfico 4, verificamos que 78,6% dos estudantes que participaram da formação consomem “muito” ou “sempre” informações das redes sociais, enquanto não aparece nenhum estudante informando que nunca consome informações pelas redes sociais.

Esses dados confirmam a mudança na sociedade, explanada no subtópico 2.1, em vista da quebra de paradigma que não foi somente em relação ao usuário ativo e passivo, mas também no sentido do tempo de transmitir informações, o que antes poderia demorar horas ou dias para ser noticiado, agora é feito de forma instantânea.

Gráfico 4 – Como você consome informações – Redes Sociais



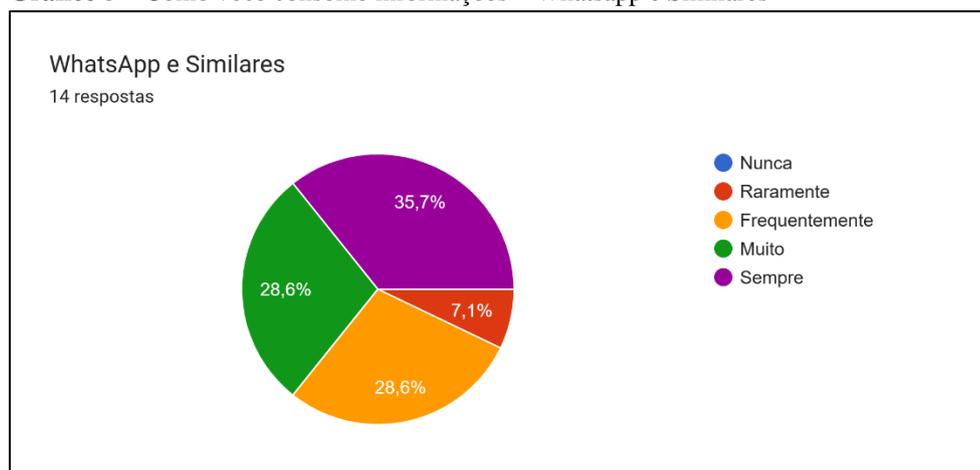
Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

É o que passamos a observar no gráfico 5: os meios de comunicação por mensagem instantânea é um do fenômeno mundial, visto que se pode se comunicar com outras pessoas

próximas e, também, bem distante através de um aplicativo e internet em seu dispositivo. De acordo com dados os da pesquisa “*We are social*”, como mostrado anteriormente, 93,4% dos brasileiros/as utilizam esta plataforma.

Assim como as redes sociais, o WhatsApp e os similares passaram a ser mecanismos muito importantes não somente para pessoas, como também para empresas se comunicarem com seus clientes e também para que pessoas/grupos com estrutura gigantesca pudessem propagar desinformações, como foi visto nas últimas duas eleições presidenciais do Brasil.

Gráfico 5 – Como você consome informações – Whatsapp e Similares

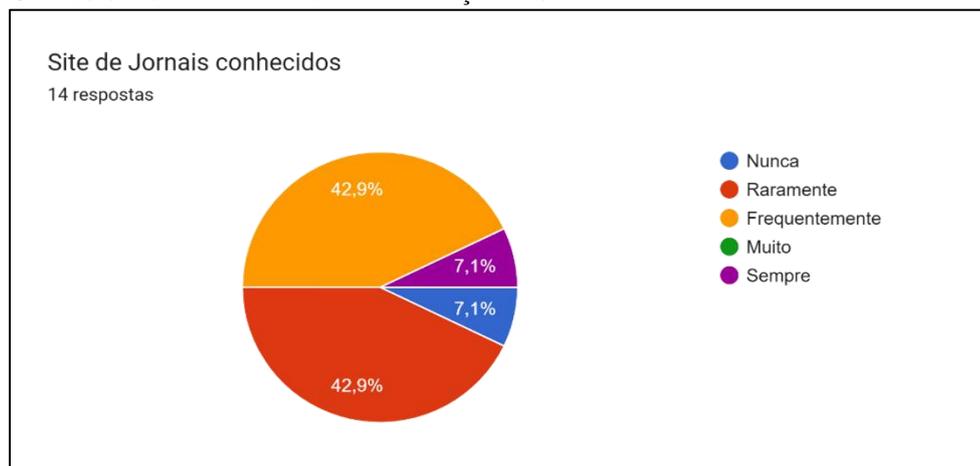


Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

Retornando a análise dos dados dos estudantes, conseguimos perceber que as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas têm grande presença no processo de se informar, “muito” ou “sempre”, por esses meios na vida dos estudantes participantes da formação, no caso das redes sociais é de 78,6% e no WhatsApp e os similares é de 64,3%.

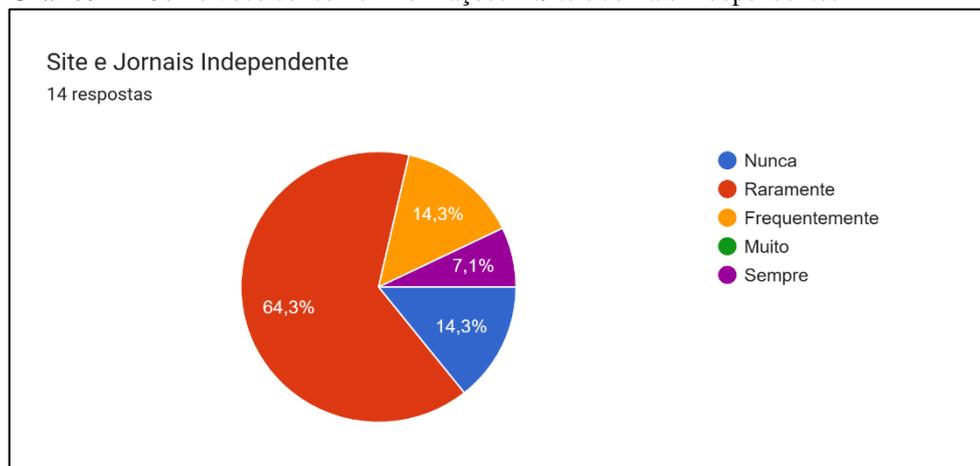
Nesse tópico, novamente, nenhum estudante participante considerou que não consome informações pelos aplicativos de mensagens instantâneas e somente 7,1% “raramente” consome, demonstrando a força dessas plataformas de propagar informações e/ou desinformações.

Se, enquanto as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas têm sido muito utilizados para o consumo de informações, em contrapartida os meios digitais de notícias têm sido pouco utilizados, como podemos ver nos gráficos posteriores. Conseguimos verificar no gráfico 6, ainda que haja uma incidência de utilização “sempre” de site de jornais conhecidos, há uma incidência muito maior de “frequentemente” e “raramente” na utilização destas plataformas para se informar: nos dois casos é de 42,9% para cada opção.

Gráfico 6 – Como você consome informações – Site de Jornais conhecidos

Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

Ao avaliarmos o gráfico 6 e o gráfico 7, vemos que a taxa de utilização dos meios digitais de comunicação e noticiário, sejam eles conhecidos ou independentes, tem baixo uso para se informar. Verificamos que a resposta “sempre” se mantém na mesma porcentagem nas duas formas de comunicação. Entretanto, os sites e jornais independentes aumentam consideravelmente a porcentagem de uso, chegando ao patamar de 64,3%.

Gráfico 7 – Como você consome informações – Site e Jornais Independentes

Fonte: Elaborada pela google formulário com base em dados dos estudantes.

Aproveitamos o ensejo para verificar outras formas de consumo de informações. Tivemos outros resultados nesta primeira: no caso da TV, a maior incidência foi de 35,7% de “frequentemente” no seu uso para se informar; Rádio teve “raramente” com 57,1%, sendo maior; os Jornais impressos foi a que teve a maior discrepância, ficou com 71,4% para “nunca” e 28,6% para “raramente”, demonstrando a baixíssima utilização dessa forma de informação.

Na esteira de melhor qualificar e analisar estes dados, apresentamos a seguir um quadro com as incidências de utilização destes meios de comunicação, com exceção dos jornais

impresso visto o resultado apresentado acima, agrupados com os dados de “frequentemente”, “muito” e “sempre”. Este agrupamento se faz necessário para que possamos avaliar de forma comparativa os usos mais constantes destas plataformas de comunicação.

Ao priorizarmos estas opções de respostas, conseguimos verificar quais destes meios de comunicação são mais utilizados por estes estudantes. Visto que a soma desses parâmetros, que equivalem de médio para alto uso destes meios, passam a nos mostrar as maiores incidências de utilização.

Verificamos então, no quadro 2, que, ao somarmos essas três opções de respostas, chegamos à porcentagem de 92,9% dos participantes, ficando muito evidente que o WhatsApp e seus similares são os ambientes que são mais utilizados para se informar, entre estes participantes.

Quadro 3 – Níveis de uso das plataformas para se informar

Respostas Plataformas	Frequentemente	Muito	Sempre	Total
Redes Sociais	7,1%	35,7%	42,9%	85,7%
WhatsApp e os Similares	28,6%	28,6%	35,7%	92,9%
Sites e Jornais Conhecidos	42,9%	0%	7,1%	50,0%
Sites de Jornais Independentes	14,3%	0%	7,1%	21,4%
TV	35,7%	0%	7,1%	42,7%
Rádio	0%	0%	7,1%	7,1%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados dos estudantes.

Isto explicita que as mídias sociais, redes sociais e os aplicativos de mensagens instantânea são os únicos que têm um resultado acima de 50%, os demais estão abaixo desta marca, o que nos mostra que, mesmo que os veículos de imprensa mais renomados tenham seus sites de notícias, ainda são mais utilizadas as mídias sociais, contudo consideramos que o resultado de 50% de uso dos sites de jornais conhecidos para se informar é um bom resultado.

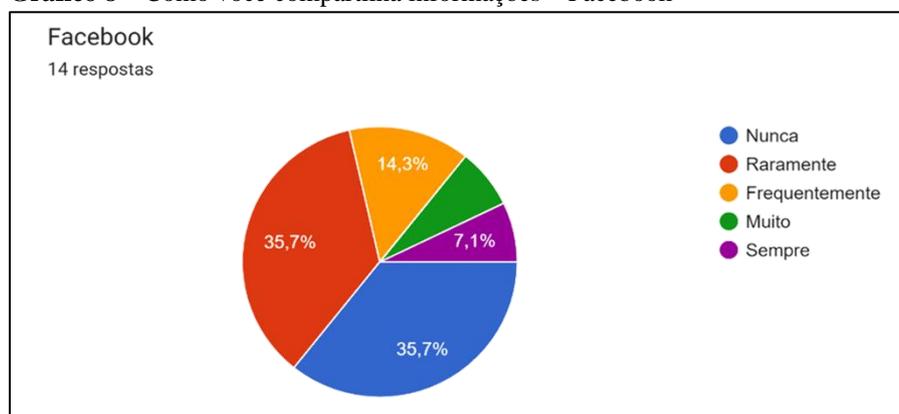
Em contrapartida, os sites de jornais independentes são consumidos por 21,4% dos participantes, número considerável considerando um contexto de proliferação de conteúdos de desinformação; é evidente que nem todos os sites de jornais independentes são utilizados para desinformar. Mas, são um dos ambientes utilizados para passar “confiabilidade” quando os promotores de desinformação fazem as mensagens que correm nos grupos e nos chats privados dos aplicativos de mensagens instantâneas, em vista de que estes aplicativos que são muito

utilizados para se informar, como visto anteriormente, conseguem replicar com muita rapidez uma informação em especial.

Buscamos ainda neste primeiro questionário verificar os meios em que os participantes mais compartilhavam informações. Nesse sentido, perguntamos “Com que frequência você compartilha informações?” nas categorias: Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp, com as possibilidades de marcação: “nunca”, “raramente”, “frequentemente”, “muito” ou “sempre”.

Já na primeira categoria, mostrada no gráfico 8, vemos que o Facebook tem sido pouco utilizado pelos participantes da formação. Foram mais de 2/3 dos participantes que marcaram que “nunca” ou “raramente” compartilham informações por este ambiente.

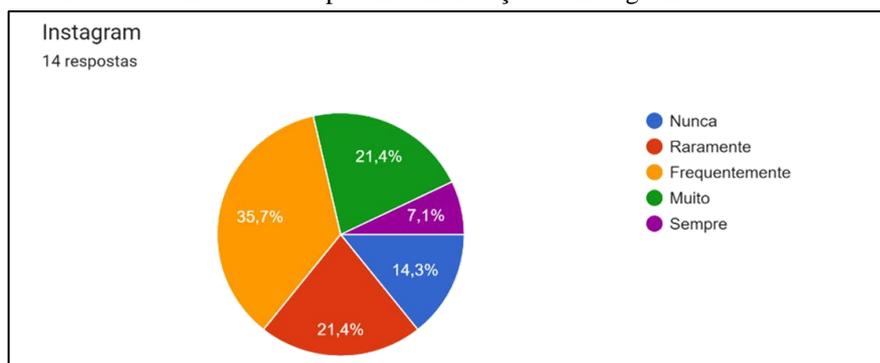
Gráfico 8 – Como você compartilha informações – Facebook



Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

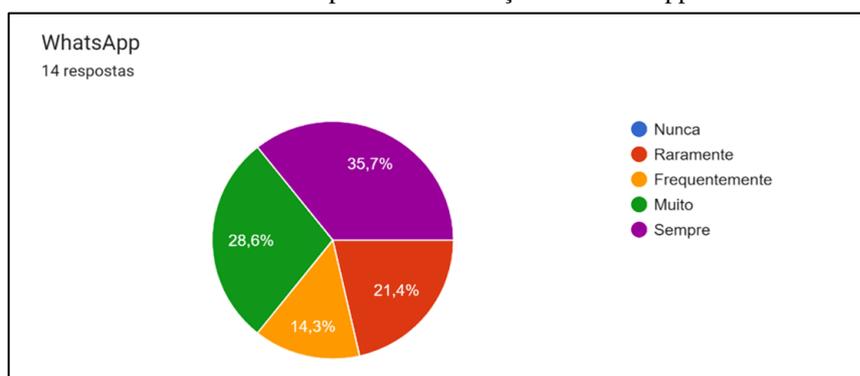
Por outro lado, os que mais compartilham informação pela plataforma Facebook é de apenas 14,2% dos participantes, dado resultante da união das respostas “muito” e “sempre”, o que demonstra que estes participantes não costumam utilizar esta plataforma como meio de compartilhamento de informações. Se acrescentássemos à soma os 14,3% que responderam “frequentemente”, ainda não chegaria a 1/3 dos participantes. Ao contrário disto, os dados da plataforma Instagram nos mostram que estes estudantes de graduação tem uma maior atuação no compartilhamento das informações por meio desta rede social. Foram quase 2/3 dos participantes que responderam que compartilham “sempre”, “muito” ou “frequentemente” informações no Instagram, como pode ser visto no gráfico 9.

Porém, esta rede social ainda obtém baixa incidência por parte dos participantes da formação, somente 7,1% destes utilizam “sempre” e 21,4% que usam “muito” a rede para o compartilhamento de informações. E ainda há um grupo significativo que não utiliza o Instagram para este tipo de ação, cerca de 35% destes estudantes “raramente” ou “nunca” compartilham informações nesta rede.

Gráfico 9 – Como você compartilha informações – Instagram

Fonte: Elaborado pela google formulário com base em dados dos estudantes.

Quando se trata do WhatsApp, vemos que há uma grande diferença com relação a estas outras redes sociais. De início, observamos que as respostas “sempre”, “muito” e “frequentemente” para o compartilhamento de informações nesta rede é de 78,8%. Isso mostra que o WhatsApp é muito utilizado por estes estudantes para compartilhar informações. Destes 35,7%, portanto, mais de um terço usa sempre esse mecanismo para compartilhar informações. O oposto do “sempre”, que é o “nunca”, nem aparece no gráfico 10, pois não houve nenhuma resposta nesta opção, destacando que todos os participantes utilizam em algum momento essa rede social para compartilhar informações, é o que demonstra o resultado da opção “raramente” que ficou com 21,4% das respostas.

Gráfico 10 – Como você compartilha informações – WhatsApp

Fonte: Elaborado pelo google formulário com base em dados dos estudantes.

Outra plataforma sobre qual foi feita a pergunta foi o Twitter. Nela, tivemos destes participantes resultados discrepantes dos demais dados. Esta rede “nunca” é utilizada para o compartilhamento de informações por uma grande maioria, foram 71,4% dos estudantes. As demais respostas foram de 21,4% para “raramente” e de 7,1% para “muito”, o que mostra que este grupo não tem o costume de usar o Twitter para o compartilhamento de informações.

Contudo, podemos analisar, a partir destes dados, que os estudantes de graduação que participaram da formação, em sua maioria, têm nas mídias sociais o espaço para consumir e

também para compartilhar informações. Nos dois casos, o WhatsApp e os aplicativos de mensagens instantâneas são os campeões nesse processo.

Esta rede social é o ambiente que mais foi citado para esta utilização, no que tange ao uso para consumir ficou com 92,9% e no compartilhamento ficou 71,4%. Nesta segunda situação há uma diferença de 50,1% de uso do Facebook e de 14,4% de uso do Instagram para ação de compartilhamento. Números que fortalecem com que estes meios de comunicação sejam, dentro deste grupo, muito eficazes para os compartilhamentos de informações.

Estes dados foram obtidos em um pequeno grupo de estudantes de graduação, mas podem vir a demonstrar que parte da população que tem acesso às mídias digitais da sociedade brasileira, amazônica e santarena, em sua maioria usa as mídias sociais, em especial, o WhatsApp e os aplicativos de mensagens instantâneas para consumir e compartilhar informações.

Dito isto, eles vêm ao encontro da grande problemática que temos pontuado nesta pesquisa, a desinformação, a qual tem se utilizado principalmente dessas plataformas para disseminá-la e em alguns casos causar alvoroço na sociedade com assuntos que não tem base fática.

4.3 Processo formativo dialogado: desinformação e educação midiática em foco

Mediante os dados que foram apresentados no subtópico anterior, fica explícito que este grupo de participantes, assim como pode a vir demonstrar uma parte significativa da sociedade está sujeita ao bombardeamento de desinformação que existe nas mídias sociais, as quais são bastante utilizadas por ela para consumir e também compartilhar informações.

Portanto, os dados reforçam que “uma vez que os sujeitos já estão previamente em interação com a mídia (objeto), mas o desenvolvimento crítico dessa interação exige uma atenta combinação de aspectos de diferentes dimensões” (Alencar, 2021, p. 76) para fazer frente ao fenômeno da desinformação. E isto diz respeito a uma formação crítica.

Buscava-se através deste espaço formativo a abertura de um ambiente que pudesse realizar debates sobre o contexto contemporâneo da sociedade no que tange ao avanço das tecnologias e de como isso tem colaborado para dar amplitude a desinformações, de como o fenômeno da pós-verdade tem contribuído para aprimorar e fortalecer as narrativas criadas e propagadas pelos meios digitais de comunicação (D’Ancona, 2018).

Esta ação pedagógica foi realizada junto a uma turma que está caminhando para a conclusão do curso de Licenciatura em Informática Educacional da Ufopa. A turma escolhida teve como parâmetro o nível em que se encontrava, pois entendemos que uma turma mais avançada no percurso curricular poderia colaborar mais com o processo de pesquisa.

O espaço utilizado foi da disciplina “Tópicos Especiais em Educação, Comunicação e Cultura” com 60h de carga horária, que inclusive em sua ementa consegue absorver uma parte daquilo que estamos propondo nesta pesquisa. Ela tem a seguinte redação:

Temas emergentes na interface entre educação, comunicação e cultura. Tecnologias digitais e suas implicações para domínios como a política, a participação civil, os direitos humanos, a arte, o trabalho e o lazer. Considerações éticas e estéticas sobre as manifestações das mídias no cotidiano (Ufopa, 2017, p. 69).

Os encontros aconteceram no Laboratório de Aplicação das Novas Tecnologias Educacionais – Lanted – que fica situado na Unidade Rondon do Campus de Santarém da Ufopa. E teve como participantes 14 estudante da turma escolhida, vale frisar que inicialmente haviam sido previstos 12 participantes, mas houve o interesse de mais duas estudantes que passaram a compor o grupo de participação.

No primeiro encontro formativo, foi realizada a apresentação do plano de curso da disciplina, nele continha também os momentos mais objetivos da formação, foi feita uma explanação sobre a pesquisa e como se dariam as ações dentro da disciplina. Ainda tiramos um momento para ouvi-los e também para respondê-los sobre possíveis questionamentos sobre o curso formativo. No último período deste primeiro encontro, foi aplicado o questionário eletrônico inicial sobre as temáticas da disciplina.

Nos encontros seguintes, foram feitas aulas expositivas e dialogadas com os estudantes. Sendo que no segundo e terceiro encontros, os participantes tiveram a indicação de três textos para leitura, sendo Buckingham (2010), Mídi makers (2022) e Scolari (2018) para o segundo encontro; Pariser (2012), Gonsales e Amiel (2020) e Selwyn (2008) no terceiro encontro.

Estes textos trazem temáticas gerais, como a cultura digital vinculada à educação, as armadilhas dos ambientes digitais e as habilidades iniciais de como lidar com tais armadilhas. Ao longo desses encontros, o pesquisador explanou os pontos que os textos traziam de contribuição para aquele processo de formação. Neste período também houve a participação dos estudantes participantes, trazendo os apontamentos dos textos, contribuições pessoais e também questionamentos para o grupo.

Ainda nestes dois primeiros encontros, ficou visível que as temáticas da desinformação e dos cuidados com os conteúdos que se consomem nas mídias sociais ainda eram um pouco

fora do campo de conhecimento destes estudantes. Em compensação, eles tinham bastante diálogo ao tratarmos das evoluções tecnológicas, o que ajudava a demonstrar os pormenores destas situações.

Neste processo, observamos que dois estudantes tinham visões críticas sobre estas temáticas. Estes tinham mais conhecimento daquilo que estávamos tratando de forma inicial com eles, enquanto outros ainda estavam incipientes no assunto, talvez por falta de mais leituras até aquele momento.

Nisto, seguimos para os encontros posteriores que davam continuidade ao debate da cultura digital, agora entrando no debate de como a desinformação tem se ampliado no meio digital e como isso tem se interligado com a pós-verdade, fenômeno atual tem colaborado para sua propagação. Estes encontros tiveram a necessidade de ajustes de planejamento. No caso do quarto encontro, foi preciso realizá-lo de forma virtual, e isso levou a uma baixa participação por parte dos estudantes de graduação, visto a dificuldade de acesso à internet e também por questões pessoais em suas residências.

Havia sido previsto os textos Buckingham (2008) e Selwyn (2007) para este quarto encontro, que ocorreu de forma mais objetiva em relação aos anteriores ainda com um pouco mais que a metade do grupo de participantes. O pesquisador precisou tomar mais a palavra para explanar os textos, comentários e posições analíticas sobre as temáticas em debate, visto que os participantes tiveram também pouca participação durante o período do encontro.

No quinto encontro, retornamos ao presencial, obtendo novamente a participação geral do grupo de participantes. Para este encontro, foi indicado Bévort e Belloni (2009) e Fantin (2011) para a leitura antecipada dos estudantes; a metodologia continuou sendo a mesma, com a explanação dos textos pelo pesquisador e com a colaboração dos estudantes, também aberto para perguntas e questionamentos, uma formação dialogada.

Foi nesse encontro que passamos a perceber um melhor contato com a temática. Ainda que durante este período do quinto encontro tenha tido diversos questionamentos sobre as temáticas e os textos, os participantes expuseram muito mais posições sobre o que estava sendo discutido em sala.

Houve ainda exposição de exemplos, uma das participantes falou sobre o período da pandemia, em que ela recebeu muitas mensagens pelo WhatsApp com relação às vacinas que estavam sendo aplicadas e que ela ficou receosa com as informações negativas, mas que buscou sites “confiáveis” para verificar a veracidade daquilo que ela estava recebendo, em virtude de ter um filho ainda bebê.

Ainda nesta aula, outro participante da aplicação das atividades pontuou, ao dialogarmos, sobre a educação midiática: que é necessário ter essa preparação dos estudantes da educação básica, mas que ela deveria ser de algo numa perspectiva transversal nas disciplinas. Segundo ele, seria trabalhar estas temáticas em conjunto e durante algum dos assuntos das disciplinas.

Para os dois seguintes encontros a metodologia da formação foi modificada para trazer os participantes mais para dentro dos debates, colocando-os também para assumirem a posição de mediadores do debate a ser feito em sala. Nesse sentido, ao final do quinto encontro foi organizado entre os participantes três trios e uma dupla. Cada uma das duplas e do trio ficou com um dos textos das aulas seguintes: os estudantes deveriam ler e nas aulas posteriores fariam a mediação da aula dentro daquilo que o texto traria para contribuir com o processo de formação.

No sexto encontro, demos início aos momentos de exposição dos textos e da mediação do debate pelos estudantes, começando com a única dupla que havia sido organizada, cujo texto era o de Cruz Junior (2019), que dava abertura para o aprofundamento do significado e do contexto da pós-verdade. A dupla apresentou o autor que fala que a pós-verdade está alinhada à pós-modernidade e que este alinhamento tem causado a erosão da confiança, dando espaço ao apelo, à crença e à emoção.

Na segunda apresentação, ainda durante o sexto encontro, o trio trouxe um texto de Cruz Junior (2021), que avançava na concepção da pós-verdade para o campo da educação tecnológica nesta era digital. Eles fizeram apontamentos sobre o discernimento de verdade e mentira de cada pessoa ao receber alguma informação, falaram que as bolhas vem colaborar com o fato de tantas pessoas acreditarem no que estão recebendo, visto que vem de uma pessoa na qual elas têm confiança, em detrimento da confiabilidade em órgãos, veículos de comunicação e de governos, que antes tinham em sua essência a função de repassar informações qualificadas.

Dando continuidade às explicações dos textos, no sétimo encontro foi realizada a exposição dos três trios restantes. Sendo a terceira explicação de um texto de Recuero (2021), que trazia informações da desinformação durante o período da pandemia da covid-19, apresentando algumas visões de como a desinformação avança com rapidez, em especial quando se é repercutido por uma pessoa pública.

A quarta apresentação trouxe para o debate a necessidade de formação de professores frente às problematizações das tecnologias digitais, com o texto Cordeiro e Costa (2021),

debatendo isso mais próximo ao contexto amazônico. E encerrando as explanações, o último trio apresentou um texto Selwyn (2016), que visava a tratar de mecanismos para colaborar com a pesquisa acadêmica no campo da educação tecnológica.

Nestes dois encontros, após as explanações foi realizado um debate com o grupo dentro das temáticas apresentadas nas explanações dos textos. Os participantes puderam dialogar entre si e com o pesquisador, junto com a presença do professor orientador do pesquisador, apresentando visões, análises e questionamentos, que foram sendo respondidas a partir do diálogo entre os presentes de cada encontro.

Passada a explanação e debates dos textos, o oitavo encontro se deu com objetivo de uma revisão do que foi debatido até ali, do que se havia aprendido e dos pontos principais das temáticas. No segundo momento, foi realizada a exposição de alguns materiais em vídeos que apresentavam casos reais em que a desinformação causou muitos danos para pessoas, famílias e até comunidades.

Estes vídeos tinham uma ligação explicativa e reflexiva sobre os assuntos abordados. Após a exibição deles, o pesquisador dialogou com os estudantes sobre o que eles haviam assistido e sobre o que estávamos estudando desde o início da formação; algumas das falas foram no sentido de que aquilo havia deixado muito mais evidente e explícito o que eles vinham debatendo nos encontros, foi uma explicação mais que realista.

Ao longo do processo formativo, conseguimos verificar que os estudantes participantes da pesquisa foram desenvolvendo seus conhecimentos sobre como o avanço tecnológico foi um dos causadores do aumento da desinformação na sociedade atualmente, como já foi pontuado por Lemos (2021) e Martins (2020) ao indicarem que as mídias digitais ajudaram na expansão desses conteúdos.

É preciso destacar que assim como em qualquer aula, houve participantes que não conseguiram seguir o planejamento apresentado no primeiro encontro. Tendo alguns que não faziam a leitura dos textos, que faltaram em alguns encontros e não acompanharam o desenvolvimento das atividades com a devida atenção e foco.

Ainda assim, é perceptível que grande parte conseguiu perceber que eles têm uma significativa importância para o enfrentamento da desinformação e de como isso tanto interfere na vida de milhares de pessoas. Observamos também que os participantes compreenderam as reais motivações e consequências dessa onda de desinformações na sociedade, como é possível ver também no livro de D'Ancona (2018).

E de que é necessário que haja formação desde muito cedo para que se possa barrar minimamente o efeito da desinformação. Compreendemos que a educação é um processo a longo prazo, como Novoa (2022) já havia sinalizado, que precisa de tempo e preparo por aqueles e aquelas que vão compartilhar com os estudantes essas situações do cotidiano.

4.4 Processo formativo prático: construindo proposições educacionais

A formação dialogada apresentada no subtópico anterior orientou o caminho e preparou no campo teórico os participantes para refletirem sobre a desinformação contida na sociedade com muita força, com o intuito de poder utilizar estes conhecimentos de uma forma mais prática.

Os participantes tiveram que elaborar uma proposta de aula que pudesse lidar com a situação da desinformação, tratando do assunto e agindo com alguma ação prática com os estudantes que fossem receber a aula. Foi nesse sentido que ao final do encontro oito, os participantes se organizaram em quatro equipes, sendo duas equipes de quatro pessoas e duas equipes de três pessoas, para assim poderem, de forma coletiva, desenvolver suas proposições.

Após o encontro oito, as equipes tiveram dois dias de encontros livres para utilizarem como espaço para que pudessem se reunir e construir suas propostas. O pesquisador e o professor orientador estiveram à disposição nesse período para ajudar com alguma indicação e reflexão sobre o que as equipes estavam desenvolvendo.

No primeiro dia de encontro livre, as equipes conversaram entre si e fecharam as temáticas em que iriam construir as propostas, sendo que em algumas foram bastante dialogadas até chegarem em uma proposição de consenso. As equipes ficaram organizadas da seguinte forma: a Equipe 1 indicou a proposição sobre a “desinformação nas redes sociais com ênfase na plataforma Instagram”; já a Equipe 2 aprofundou ainda mais o debate, escolhendo trabalhar com a “rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News”; avançando ainda mais, a Equipe 3 decidiu trabalhar com “os vícios comportamentais no uso das redes sociais”; e a Equipe 4 indicou que apresentaria uma proposição no contexto da “educação midiática na era da desinformação”.

Durante os dias posteriores, as equipes tiveram a disposição do pesquisador para alguma nova colaboração, além de um dia de encontro livre que estava programado para a disciplina. Neste período, duas equipes pediram colaboração, sendo que uma delas solicitou mais esclarecimentos com relação ao que se queria que eles apresentassem e algumas outras dúvidas.

A outra equipe reuniu com o pesquisador e apresentou inicialmente a proposta que haviam constituído até aquele momento, solicitando uma colaboração para que pudessem melhorar o que haviam desenvolvido.

- Equipe 1 - Desinformação nas redes sociais

Esta primeira equipe veio trazendo as perspectivas das desinformações nas redes sociais; pontuaram a conceituação do termo e buscaram conectar esta temática com as recompensas que são os feedbacks das redes sociais (curtidas, comentários, seguidores, dentre outras formas). A proposta foi direcionada a estudantes do 1º ao 3º ano do ensino médio com o seguinte objetivo: *“Relatar os problemas que são gerados através desinformação e racismo que circula nas redes sociais (Instagram)”*.

Os participantes da equipe 1 consideraram que a rede social Instagram é um ambiente que é utilizado para a propagação de conteúdos discriminatórios por uma parte de usuários e que alguns destes utilizam, inclusive, de desinformação para fortalecer seus conteúdos criminosos, com o intuito de receber recompensas. Além disso, destacam que a plataforma não consegue responder com celeridade às denúncias realizadas e que em diversas vezes retorna com a negativa de retirada do conteúdo, alegando que não fere as diretrizes da comunidade, de acordo com a equipe.

A proposta apresentada pela equipe 1, conforme a imagem 4, consistia em desenvolver como conteúdo de aula a conceituação do que é desinformação e racismo. Tratariam dessas temáticas através de análise de textos que seriam disponibilizados antes da aula e fariam menção ao documentário “Dilema nas redes”²⁴. Estes dois itens seriam explanados de forma oral aos estudantes. Para sua fixação, a equipe propôs algumas dinâmicas sobre o tema.

No primeiro momento da aula, seria proposto aos estudantes que formassem pequenos grupos para que discutissem sobre o seguinte assunto proposto através de uma pergunta elaborada pelo grupo, que seria “o que vocês sabem sobre desinformação, informação incorreta e má informação?”, com o tempo de 10 a 15 minutos. Em seguida, cada grupo receberia um fragmento de texto para leitura e ainda teria uma explanação do grupo aos estudantes, que seriam questionados se as conclusões iniciais que o grupo teve se aproximariam do apresentado no texto e na explanação.

²⁴ Documentário em que Especialistas em tecnologia e profissionais da área fazem um alerta: as redes sociais podem ter um impacto devastador sobre a democracia e a humanidade. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81254224>.

Imagem 4 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Desinformação nas redes sociais”

Conteúdos a serem desenvolvidos

- O que é Desinformação?
- O que é Racismo?
- Como a Desinformação contribui para o racismo nas redes sociais.

Método de desenvolvimento da ação pedagógica

Análise de textos sobre os temas Menção ao documentário “o dilema das redes” e dar outros exemplos, além de apresentar oralmente o que é a desinformação. Dinâmica para inserção do tema abordado.

Fonte: Elaborado pelos participantes da equipe.

Em um segundo momento, a equipe apresentou as atividades práticas que haviam sido elaboradas que pediam aos estudantes que buscassem notícias que tratassem de postagens de cunho racista na rede social Instagram. Após, os estudantes apresentariam à turma e ao final a equipe faria uma interligação entre os achados com a explanação sobre existir empresas especializadas na checagem de fatos. Encerrariam o momento com a exposição de outros exemplos.

Por fim, a proposta indica que

Após a aula os alunos deverão listar algumas questões importantes, tais como: o local de publicação da notícia, o contexto da notícia, quem escreveu, o uso de links para outros textos que reforçam o que está sendo noticiado etc. É necessário que os alunos entendam a necessidade de buscar de onde surge a informação e o conteúdo, além de verificar a veracidade dos fatos.

- Equipe 2 - A rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News

Nesta proposta, a equipe visou a adentrar na rede social Twitter para debater a disseminação de Fake News nesse ambiente. Para isso, eles organizaram a proposta de aula em três momentos, quais sejam: primeiro uma apresentação desta rede social, logo após um debate com os estudantes sobre alguns exemplos de desinformação e ao final realizar uma atividade prática através de um jogo.

De início, trazem os dados desta rede social e suas características. Apresentam ainda sobre a atuação da plataforma durante a pandemia da covid-19 e os recursos que estavam testando para combater a desinformação, mas destacaram que estes mecanismos não eram

suficientes e que as punições propostas pela plataforma eram irrisórias, como demonstrado na imagem 5. Nas considerações da equipe, a plataforma Twitter não busca realmente combater a desinformação.

Imagem 5 – Slide de apresentação da proposta – equipe “A rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News”

TWITTER E SEU TRABALHO EM TORNO DA DESINFORMAÇÃO SOBRE A VACINA DE COVID-19

Punições para quem tweetar fake news sobre a COVID-19

Quem publicar fake news sobre a vacina da COVID-19 pode receber as seguintes punições:

- Uma violação: não será realizada nenhuma ação na conta, mas o tweet será sinalizado com um alerta;
- Duas violações: 12 horas de bloqueio;
- Três violações: 12 horas de bloqueio;
- Quatro violações: 7 dias de bloqueio;
- Cinco ou mais violações: suspensão permanente

https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2020/atualizacao-no-trabalho-desinformacao-sobre-vacina-Covid-19

Fonte: Elaborado pelos participantes da equipe.

Em seguida, a equipe indicou a apresentação de alguns exemplos de desinformações que estão contidas no Twitter. As postagens apresentadas vão desde assuntos sobre a covid-19 até relacionados à política. A equipe destaca que essas postagens servem para manipular os usuários da plataforma em situações do dia a dia, mas que existem perfis que também buscam combater à desinformação, como é demonstrado pela imagem 6.

A proposta do último momento apresenta algumas formas de abordar sobre Fake News em sala de aula, de acordo com a equipes, são algumas delas: ensinar os estudantes a não compartilharem conteúdo sem pensar, verificar antes se a notícia está sendo noticiada por outras mídias e também não confiar somente nas manchetes, que eles devem ler a matéria por completa. Encerrou indicando que os estudantes utilizariam do jogo “bad news”.

Imagem 6 – Slide de apresentação da proposta – equipe “A rede social Twitter como ferramenta de disseminação de Fake News”



Fonte: Elaborado pelos participantes da equipe.

- Equipe 3 – Vício comportamental em redes sociais

Esta equipe apontou como ponto central os vícios comportamentais causados pelos usos das redes sociais. O objetivo da proposta é de “conscientizar os alunos sobre os riscos do uso excessivo de redes sociais” e seu público-alvo são as crianças e adolescentes do ensino fundamental. Foi informado ainda que a equipe não encontrou trabalhos nesta temática voltados para a área da educação. Destacaram também que a

utilização desenfreada das mídias sociais ocasionam em mudanças de comportamento das pessoas trazendo destaque ao vício comportamental, que se configura pela compulsão causada pelo empenho repetitivo de uma ação até o ponto de causar consequências negativas para o indivíduo fisicamente, mentalmente e socialmente.

A proposta de aula consiste em três momentos, são elas: 1º - dinâmica com os alunos através da plataforma mentimeter²⁵, para saber seus conhecimentos referentes ao tema; 2º - apresentação teórica sobre o assunto e, posteriormente, seria executada uma roda de conversa com os alunos; e o 3º - uma atividade através da plataforma kahoot²⁶ para que os alunos respondessem a perguntas referentes às explicações.

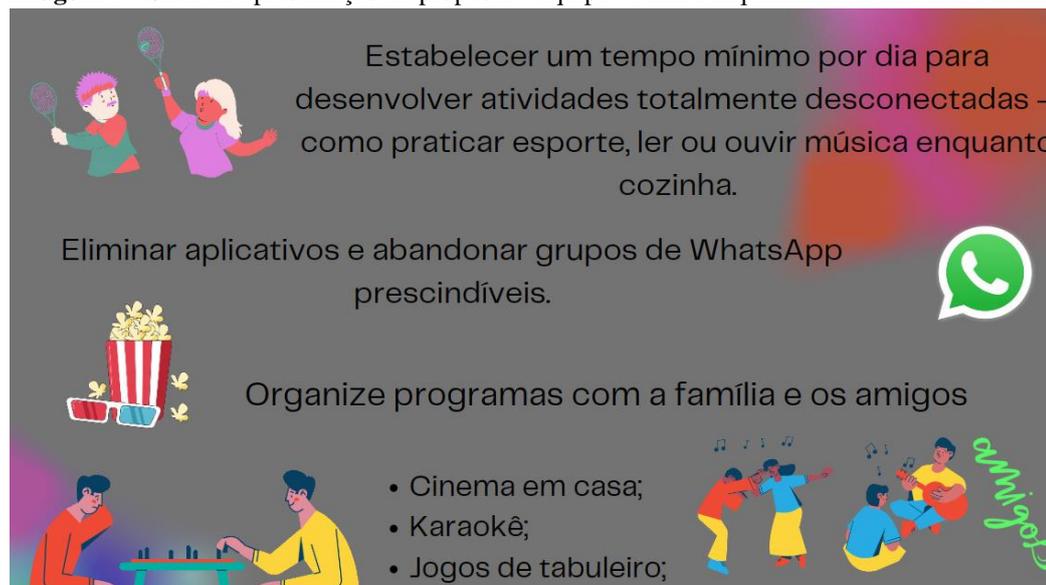
Durante o segundo momento em que a equipe dialoga por mais tempo e diretamente com os estudantes, eles apresentam os sintomas que podem caracterizar que uma pessoa é viciada e exibem também que a ansiedade, mal-estar, irritabilidade e/ou obsessão compulsiva, que podem ser algumas das consequências do vício.

²⁵ Acesse em: <https://www.mentimeter.com/pt-BR>.

²⁶ Acesse em: <https://www.canva.com/>.

Mas, destacaram, como mostrado na imagem 7, algumas ações que podem prevenir a dependência das redes sociais, algumas são: estabelecer um tempo de 15 minutos entre conexões, evitar usar o celular durante as refeições e também desativar as notificações automáticas. O encerramento da aula proposta é a utilização da plataforma kahoot para aplicar uma avaliação acerca da apresentação para que os alunos respondessem a perguntas referentes às explicações.

Imagem 7 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Vício comportamental em redes sociais”



Fonte: Elaborado pelos participantes da equipe.

- Equipe 4 - Educação Midiática na Era da Desinformação

A proposta da equipe 4 foi construída para estudantes de ensino de fundamental com o objetivo de “Formar estudantes com senso crítico e mais conscientes dos acontecimentos da realidade. Proporcionar habilidades e ferramentas para consumir, analisar e produzir conteúdo de qualidade, diante de um mundo digital sobrecarregado de informações”.

De início, a proposta de aula indica a explanação aos estudantes da conceituação de educação midiática, letramento midiático, cultura digital e cibercultura. Estes termos ainda seriam comparados um com outro, a exemplo da educação midiática e letramento midiático, segundo a equipe.

Em seguida, a equipe realizou a apresentação de algumas proposições de atividades pedagógicas que poderiam ser utilizadas durante aulas ligadas à disciplina de geografia, pois as indicações foram para os casos do terraplanismo e das queimadas na Amazônia, e também da disciplina de biologia com as temáticas de epidemias e o movimento antivacina. E, dentro destas

questões, a equipe indica que também seja feita uma explanação sobre a desinformação e o viés de informação.

Posteriormente, a proposta dos estudantes é de que seja feita uma explicação sobre a educação midiática e a atuação de influenciadores para a propagação das desinformações. Com isso, a equipe passa a apresentar e também a ensinar algumas habilidades para verificar qual a intenção daquele conteúdo que se está consumindo, para que os estudantes não sejam levados a acreditar em postagens de pessoas que são influenciadores de pessoas, mas que usam de conteúdos fraudulentos para isso, como é caso mostrando na imagem 8 pela equipe.

Imagem 8 – Slide de apresentação da proposta – equipe “Educação Midiática na Era da Desinformação”

INFLUÊNCIA PERIGOSA

Dominar a tecnologia não é sinônimo de ter competência para identificar os maus usos dela. Só através da educação midiática as pessoas deixarão de ser manipuladas por conteúdos enganosos.

Afinal, as redes estão emaranhadas e é preciso capacitação para discernir os conteúdos enganosos dos confiáveis. O Facebook, sozinho, puniu 33,6 milhões de postagens violentas que feriram as regras de comunidade da plataforma.

- Mais do que nunca, influenciadores precisam estar preparados para exercer uma influência positiva e quebrar as correntes de desinformação. Afinal, apenas robôs não são capazes de viralizar a tal da “fake news”. Somos nós que caímos nas armadilhas.



Influenciando as pessoas a não vacina

Fonte: Elaborado pelos participantes da equipe.

Ao fim das exposições das propostas de ação dos estudantes participantes da pesquisa, consideramos que as equipes chegaram ao objetivo da atividade que havia sido apresentada ao final do encontro oito. Tais atividades foram desenvolvidas com o intuito de trabalhar o contexto e o combate à desinformação na sociedade, alinhando ao ambiente escolar.

Estas propostas buscaram apresentar um conjunto criativo e diversificado para envolver as temáticas com os estudantes que viessem a participar da aula. Além disso, estão em alinhamento com o que Silva (2021) e Imbernón (2016) propõem, de que seja uma formação que envolva a coletividade, trabalhe com o social e o democrático e que desenvolva a leitura crítica.

É nesse sentido que a partir da avaliação das atividades pode ser considerado quase todas conseguiram desenvolver uma proposta que tivesse uma ligação direta com um assunto

específico e/ou disciplina escolar, com exceção de uma, mas que ainda sim, enquadrava-se no contexto geral da proposta.

Posto isso, a explanação das propostas de aulas que os participantes da formação elaboraram ao longo de duas semanas deixou evidente que conseguiram abstrair bastante o que havia sido dialogado e debatido ao longo dos encontros. Ao serem questionados ao final das apresentações, grande parte dos participantes apontaram respostas adequadas para o que havia sido arguido pelo pesquisador e pelo professor orientador da pesquisa.

4.5 Avaliação do questionário inicial e final

Como já destacado nos tópicos anteriores, foi aplicado aos participantes da pesquisa um questionário logo no início da aplicação das atividades e reaplicado ao final, o qual pode ser visualizado nos apêndices D e E. Esta reaplicação do questionário teve como objetivo avaliar o avanço das aprendizagens sobre as temáticas em questão a partir da realização dos processos formativos dialogado e prático que proporcionou o compartilhamento coletivo referentes a esses assuntos.

Posteriormente à aplicação, o pesquisador organizou os resultados em uma tabela, apêndice G, colocando as respostas iniciais e finais de cada pergunta ao lado uma da outra. Com esta estrutura organizada sucedeu a avaliação de cada resposta individualmente e, em seguida, a comparação entre elas para então verificar se houve avanço nas compreensões sobre cada temática.

De forma geral do grupo de participante, avaliamos que houve um aprendizado entre mediano e bom daquilo que se propôs estudar e desenvolver com os respectivos professores em formação inicial.

Vale salientar que o pesquisador avaliou as respostas nos seguintes parâmetros: Insuficiente – resposta totalmente contrárias aos conceitos; Medianas – respostas que conseguissem parcialmente trazer os conceitos; Suficiente – aquelas que conseguissem apresentar os conceitos adequados minimamente. Dada essa avaliação inicial das respostas, passamos a detalhar os resultados por pergunta, apresentar exemplos e proceder com uma análise preliminar sobre as aprendizagens a partir das respostas do questionário:

- Pergunta 1: Você sabe o que é Educação Midiática?

Este foi um dos eixos debatidos em conjunto com os participantes. Utilizamo-nos para fundamentar o diálogo e o compartilhamento de conhecimento os seguintes textos “Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização” (Buckingham, 2010), “Educação para

informação: leitura crítica das mídias e avaliação da informação” da coleção MídiaMakers (2019) e outros correlatos nos 3 primeiros encontros.

Contudo, antes de terem este espaço de compartilhamento, eles já haviam respondido o questionário inicial, para o qual a avaliação do pesquisador das respostas apresentadas foi de que somente 1 obteve suficiente, enquanto 6 participantes tiveram avaliação mediana e outros 6 insuficiente. A mesma pergunta foi feita ao final das atividades, desta vez 7 participantes passaram a ter avaliação suficiente, 1 mediano e 4 participantes permaneceram com avaliação insuficiente.

Entre os participantes que mais aprimoraram suas respostas tivemos o destaque do AIE12 que respondeu no final que educação midiática *“é uma educação que buscar auxiliar os internautas a navegar de forma consciente nas mídias, e utilizar de forma adequada, evitando compartilhar fake news, e trabalhar junto as disciplinas escolares”*.

Anteriormente, o mesmo participante havia respondido com bem menos qualidade, dizendo que é *“Educação por meio de multimídias, por imagens, sons, e vídeos”*. Em contrapartida, o participante AIE07 não conseguiu sair do nível insuficiente em relação às suas respostas nessa pergunta, já que respondeu ao final que é a *“Educação através de mídias, como TV, rádio, redes sociais, etc.”*

Avaliamos que grande parte dos participantes conseguiu compreender a educação midiática, seu conceito e sua aplicação, ainda que alguns tenham se mantido com respostas insuficientes perante ao questionário. Para tanto, um dos conceitos que a pesquisa utiliza para definir a educação midiática é o conceito da EducaMídia, que é um *“conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional em todos os seus formatos, dos impressos aos digitais”* (Educamídia, 2019, p. 50).

É preciso também colocar como ponto de reflexão que quase metade do grupo obteve avaliação insuficiente sendo que eles se encontravam no 7º semestre do curso, em vias de conclusão, e ainda não tinham conhecimento sobre essa temática, que é bastante ligada ao curso em que foram aplicados as atividades.

- Pergunta 2: Você sabe o que é Desinformação?

Na mesma linha, a temática desinformação foi debatida em conjunto com os participantes ao longo da aplicação das atividades. Teve como textos auxiliares a *“Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil”* (Recuero, 2021), *“Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação dos conteúdos e das fontes de informação”*

(Zattar, 2017) e o vídeo/palestra “A guerra da informação na sociedade polarizada”, de Pablo Ortellado (2018), que está disponível no Youtube.

Das respostas que foram obtidas no primeiro questionário que foi aplicado antes dos estudos, conforme avaliação do pesquisador, nenhum aluno conseguiu dizer o que é a desinformação; apenas 4 tiveram resposta mediana, e as respostas de 9 participantes foram insuficientes, demonstrando um grande desconhecimento da temática. Contudo, ao finalizarmos as aplicações das atividades, inclusive sobre desinformação, os resultados mudaram para os seguintes números: as respostas de 6 participantes passaram a ser suficiente, outros 6 foram avaliados como medianos e apenas 1 permaneceu no parâmetro insuficiente.

Nesta pergunta, a resposta que mais se destacou com relação ao avanço na compreensão da temática foi do AIE01 que respondeu ao final das atividades que a desinformação “*é a distribuição deliberada e intencional de informações falsas. O termo é geralmente usado para descrever uma campanha organizada para distribuir enganosamente material falso destinado a influenciar a opinião pública*”. Antes, sua resposta havia sido “*Pela palavra PARECE ser algo voltado à falta de acesso ou então à falta de busca ou até mesmo aquilo que a pessoa não tem conhecimento, mas compartilha sem uma pesquisa prévia. Porém o significado verdadeiro ou mais profundo, AINDA será aprendido*”.

Em comparação entre as duas respostas, o que pode ser percebido é que houve um avanço bastante considerado, mas ainda nesta pergunta também aconteceu de ter participante que teve sua resposta considerada insuficiente tanto no questionário inicial como também no questionário final.

Entretanto, ainda que tenha havido participantes que permaneceram na mesma avaliação nas duas etapas, entendemos que, de forma geral, a maior parcela dos estudantes de licenciatura que participou das atividades conseguiu desenvolver suas respostas a contento, ao percebermos que no parâmetro suficiente no questionário inicial, que não havia nenhum, passou a ter 6 participantes avaliados neste parâmetro ao final. E dos 9 que tinham sido avaliados com insuficiente, apenas 1 continuou com a mesma avaliação.

Para este estudo, entendemos por desinformação o conceito apresentado por Martins que compreende como “a intencionalidade na produção e na propagação de informações falsas, equivocadas ou descontextualizadas para provocar uma crise comunicacional e, assim, obter ganhos econômicos e/ou políticos” (Martins, 2020, p. 8).

- Pergunta 3 - Você sabe o que é Pós-verdade?

Neste eixo da aplicação das atividades, foram colocados para serem utilizados como base teórica o artigo “Ver o que temos diante do nariz exige uma luta constante”: a pós-verdade como desafio à educação na era digital” (Cruz Junior, 2021); a resenha “Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News” (Cruz Junior, 2019) e o filme “Não olhe para cima”, que teve direção de Adam McKay, de 2021, e é distribuído pela plataforma Netflix. É com estes textos e a indicação do filme que ocorreu o estudo da temática durante a aplicação das atividades, a partir das quais os participantes puderam compartilhar os conhecimentos sobre a pós-verdade.

Este termo, como já mencionado, ganha seu *boom* a partir de 2016, quando é eleita a palavra do ano pela *Oxford*. A pós-verdade traz para o debate a inversão de valores sobre os fatos concretos ao afirmar que “a racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia” (D’Ancona, 2018, p. 19). Assim, as pessoas passam a validar as informações em alinhamento com suas próprias crenças pessoais, deixando as comprovações relegadas ao filtrar ou compreender o que vem a receber, como dito anteriormente neste estudo.

Nesta base, fizemos a pergunta aos participantes e, antecipadamente, já pontuamos que eles não tinham qualquer conhecimento inicial desta temática, com exceção de um participante. Tanto que os resultados foram de 12 com respostas insuficiente; nenhum ficou no parâmetro mediano e somente o participante AIE12 teve sua resposta avaliada como suficiente, ao dizer que “*é as circunstâncias nas quais os fatos objetivos tem menos influencia em moldar a opinião do que apelos as emoções e crenças pessoais.*”

Ao final da pesquisa, os resultados foram de 4 participantes com respostas suficiente, inclusive o participante AIE12. Somente 3 tiveram avaliação mediana e ainda 6 participantes foram avaliados insuficiente. Com esses números, podemos considerar que foi a pergunta que mais teve respostas insuficientes e de que essa temática foi a que os participantes menos conseguiram compreender seu conceito, em vista de que metade estava e permaneceu no último parâmetro de avaliação.

Já o parâmetro suficiente, que tinha uma resposta no questionário inicial, subiu para o quantitativo de 4 respostas no final, entre elas a resposta do participante AIE09 que no inicial havia dito que nunca tinha ouvido falar sobre, respondeu no final que pós-verdade “*Refere-se as circunstâncias nas quais os fatos tem menos influência do que o apelo emocional e as crenças pessoais.*”

- Pergunta 4 - Os termos “Desinformação” e “Fake News” tem o mesmo sentido?

A presente pergunta buscou verificar junto aos participantes sobre suas compreensões relacionadas às duas expressões apresentadas. Isso porque o termo Fake News foi muito difundido nos últimos anos, em especial, em períodos eleitorais. Como já foi debatido neste estudo, que também afirmou que a complexidade das questões que são vivenciadas atualmente pela sociedade não cabe nesta expressão, já que passa a ser abarcada muito mais pela expressão desinformação. Questão que também foi debatida e compartilhada no decorrer da aplicação das atividades com os participantes.

No questionário inicial, as respostas dos participantes foram de um no parâmetro suficiente, que é o mesmo quantitativo para o mediano e de 11 participantes com insuficiente; números maiores de respostas insuficientes do que na pergunta sobre desinformação, demonstrando como a expressão Fake News está mais difundida e presente na vida das pessoas. É o que pode ser observado nas respostas do questionário inicial, em que grande parte dos participantes deram as seguintes respostas para Fake News: *“é uma mentira criada”*; *“são mentiras repassadas a um determinado grupo”* e *“são mentiras repassadas a um determinado grupo”*. Enquanto a desinformação foi considerada como: *“fica como algo a ser falado sem ter os dados corretor sem ser intencional”*; *“é a falta dessa notícia”* e *“acredito que seja a falta de informação de um indivíduo em relação a um determinado assunto”*

Ao final, com as respostas do questionário já é possível ver um outro cenário. Sendo que foram 5 respostas suficientes, 5 no parâmetro mediano e 3 permanecendo como insuficientes. O participante de quem se percebe um melhor avanço foi o AIE09 que, ao final, respondeu que a *“desinformação é o ato de induzir ao erro ou dar uma falsa imagem da realidade, mediante a ocultação de informações, ou modificação o seu sentido, enquanto que a fake news é uma mentira inventada e espalhada, ou seja, notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais”*

Contudo, de modo geral, houve uma boa compreensão da diferença entre fake news e desinformação, ainda que tenham ficado 3 participantes no último parâmetro. Mas, passamos de 5 participantes nos outros dois parâmetros cada, assim consideramos uma avaliação do grupo de forma mediana para bom nesta pergunta.

No entanto, entendemos necessário explicar que foi percebido, tanto durante o momento de responderem e também na hora de avaliar as respostas, que tiveram alguns participantes que não se empenharam o suficiente para responder ao questionário final. Podem ser considerados os seguintes motivos: fim do período letivo e do ano corrente, desconhecimento causado pela falta em algum dos encontros e/ou em último caso, desinteresse.

Mas, de forma geral, a avaliação dos participantes com relação às temáticas apresentadas nos questionários e que foram trabalhadas no decorrer das aplicações das atividades é de que houve um aproveitamento de médio para bom. Considerando que houve muitos participantes que desconheciam os termos e as temáticas, tiveram respostas insuficientes no questionário inicial, mas que após o estudo conseguiram apresentar respostas boas e até algumas ótimas.

4.6 Entrevista em grupo

Esta etapa da pesquisa de campo ocorreu após o encerramento das atividades. Teve como intuito a verificação das avaliações e ponderações sobre as temáticas por parte dos participantes em relação às atividades aplicadas e de como isso pode ou poderia influenciar na formação inicial de professores, para a educação e a sociedade, visto que a entrevista em grupo tem o intuito de buscar “informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (Marconi; Lakatos, 2011, p. 101).

A constituição das perguntas se deu através dos objetivos da pesquisa, baseados nas atividades e no intuito de verificar as avaliações dos participantes, como já mencionado anteriormente. Foram organizadas 8 perguntas em dois blocos, o primeiro relacionado diretamente às atividades das aulas que foram aplicadas, e o segundo bloco de reflexões pessoais e sobre a sociedade como pode ser visto no apêndice F, entretanto a última pergunta da entrevista foi ainda relacionada ao conjunto de atividades.

Na primeira pergunta, buscamos sondar as contribuições das temáticas ao perguntar: **“Mediante ao estudo realizado na disciplina, como vocês avaliam que as temáticas podem contribuir na sua formação inicial?”**.

As respostas dos participantes foram circuncidadas na possibilidade de ter tido contato com as temáticas com mais antecedência, ao que a participante AIE 05 relata dizendo que *“se tivesse estudado antes poderia ter trabalhado as redes sociais em outras atividades do estágio”*. Ainda na linha do estágio, outra participante comentou que as atividades deram *“noção para levar para sala de aula, a partir das atividades práticas”*.

Tais respostas vão ao encontro do que Alencar (2021) destaca, ao dizer que atividades com essas visam a “contribuir para uma formação de professores criticamente competentes e capazes de transformar a relação utilitária com a informação em uma mediação crítica, que se desdobre em sua prática docente” (Alencar, 2021, p. 87).

Em conjunto com a primeira pergunta, questionamos aos participantes: **“Você acredita que os cursos de formação inicial de professores precisam ter espaço de debate como estes? Se sim, por quê?”**.

Ao que responderam sobre a importância deles nesse processo: de que perpassa pela atuação dos professores de informática colaborar com o uso adequado e crítico das ferramentas tecnológicas, a participante AIE 03 disse que não é *“somente a informática que vamos ter que aplicar na escola. É preciso também que seja trabalhado em conjunto, porque isso também tá relacionado ao uso da internet e da informática”*, e a participante AIE 09 completou *“Acredito que deveria ser obrigatório, para ser esclarecido conceitos e abrir os olhos. É uma questão bem ampla”*.

Essas falas fortalecem a afirmação de que a *“formação inicial docente, oriunda de uma proposta curricular engessada, levando, em alguns momentos, a ações incólumes”* (Silva, 2021, p. 64). Assim, os cursos de formação inicial não conseguem preparar os futuros professores para uma atuação que visualize o contexto atual da sociedade.

Após essa avaliação mais técnica das temáticas, as perguntas 3 e 4 passaram a trazer as avaliações sobre como as atividades impactaram na vida pessoal e qual momento das atividades foi mais marcante, ao perguntar **“para você, qual foi o ponto principal/importante durante as aulas?”** e **“para sua vida pessoal, estes debates fizeram diferença?”**.

Os participantes, nesse momento, declararam quase que unanimemente de como ficaram surpresos com o impacto da desinformação na sociedade, em especial, após os vídeos dos casos do Alex Jones e da Carolina de Jesus, e o outro ponto marcante foi durante as atividades práticas. Eles tiveram que desenvolver uma proposta de aula que buscasse trabalhar a desinformação. Mas, houve também participantes que destacaram as mudanças na vida pessoal após as atividades. Duas participantes relataram que: AIE 12 - *“na minha vida pessoal passei até mais atenção, analisar as notícias do grupo de família. E avisa minha mãe e o meu padrasto”* e AIE 01 - *“Agora ficou mais desconfiada, olho primeiro sites de confiança antes de compartilhar”*.

Estes depoimentos concretizam o que havia sido pontuado inicialmente nesta pesquisa, de que os participantes já poderiam sair como propagadores desse enfrentamento ao compartilharem os aprendizados com familiares e amigos. Assim, esta formação propicia um *“olhar para um conjunto de aspectos que entrecruzam suas relações pessoais, familiares e profissionais”* (Silva, 2021, p. 94).

Na pergunta seguinte, passou a serem questionadas as percepções dos participantes fora do âmbito das atividades que eles haviam participado. Portanto, a quinta pergunta foi: **“considerando os debates realizados, como você caracteriza o impacto da desinformação na sociedade?”**.

O que foi respondido integralmente como um impacto com grandes proporções, passando pelos conflitos até a temeridade sobre a vida, em vista da dificuldade que há em diferenciar certos conteúdos, como destaca a participante AIE 06, ao dizer que *“o impacto é de grande relevância e às vezes muito para o lado negativo, pois muitos não sabem a diferença do conteúdo manipulado”*.

É destacado também pelos participantes a influência das mídias sociais no crescimento na distribuição desses conteúdos, esse “papel negativo desempenhado pelas Fake News sobre a visão de mundo das pessoas e, sobretudo, seus impactos sobre a ordem democrática (Cardoso, 2019, p. 60). Assim como também de pessoas com grande influência na sociedade que também são propagadoras dessas concepções.

Isso interfere em pautas que são historicamente comuns para a sociedade, mas a partir deste negacionismo vem transformar essas visões, como é destacado por D’Ancona (2018). E que é colocado por outra participante, a estudante AIE 10 diz que *“A desinformação causou um grande impacto na sociedade, principalmente na época da pandemia, como foi discutido na sala de aula, prejudicando a vacinação da população na sociedade”*.

A sexta pergunta foi **“na opinião de vocês, quais são os mecanismos necessários para combater à desinformação?”**.

As respostas dos participantes versaram bastante pelo campo da educação como foi priorizado na discussão durante as atividades. Uma das participantes comentou que

AIE 05 – “um dos mecanismos necessários está ligado a educação. Tratar sobre essa temática da sala de aula despertaria nos alunos uma personalidade mais crítica em relação ao tipo de conteúdo que circula na rede, fazendo assim com que eles passassem a ter mais cuidado em acreditar em certas notícias e até mesmo em compartilhá-las. A educação midiática seria um desses mecanismos”.

Mas, também teve pontuações de outras metodologias de combate à desinformação, como é colocado por outra participante: AIE 09 *“pesquisar a fundo as notícias e visitar sites como FactCheck para saber se a notícia era verdadeira ou não e sempre verificar a fonte de onde se originou a notícia”*.

Mas, também teve participante que pontou a importância de leis que visem a estabelecer regras para a produção e propagação de conteúdos na internet. Corroborando com que Silva (2021) afirma ao dizer que “o caminho de combate ao sistema de desinformação, gerado pela fake news, deve acontecer pela formação crítica do cidadão” (Silva, 2021, p. 39).

Já a sétima pergunta voltou o foco para o ensino, mas pensando a aplicação na educação básica a partir do que foi pontuado na pergunta anterior, as formas de combate à desinformação. Assim, buscou-se refletir as formas que podem ser desenvolvidas junto com os estudantes. A pergunta aos participantes foi a seguinte: **“Como estes mecanismos podem ser pensados para o campo educacional?”**.

Foram apresentados várias formas de trabalhar as temáticas, principalmente porque houve uma atividade para pensar isso, mas que nesses momentos surgem novas ideias a serem compartilhadas. Apresentaram as propostas de que fazer palestras, usar as próprias redes sociais para tratar do assunto, da necessidade de preparar os docentes para terem incidências nesses assuntos. Mas, de forma geral versou sobre a realização de

AIE 02 - “atividades que envolvam o aluno a querer saber se aquela informação é verdadeira ou não, com aulas dinâmicas levando as redes sociais como ponto de partida já que eles já estão ambientados com a mesma e onde há mais proliferação de desinformações” como foi dito por umas das participantes”.

Foi destacado, ainda, por outro estudante que é preciso também *“apresentar sites confiáveis de informações, orientações a não acreditar em tudo que ler nas redes sociais. E acima de tudo, saber onde checar as fakes news e desinformações. Proporcionando alunos conscientes”*.

A entrevista em grupo caminhou para o seu encerramento, deixando aberto aos participantes um espaço para apresentarem o que poderia melhorar nas atividades que foram desenvolvidas. Os destaques apresentados foram a quantidade de textos por aulas na indicação de redução; que poderiam dinamizar mais as aulas expositivas, como aconteceu em duas aulas, ao dividirmos em duplas e trios para apresentar os textos. E que poderiam ter sido realizadas as aplicações das atividades desenvolvidas por eles em outras turmas do curso deles ou de outros cursos.

Pontua-se que a proposta de atividades que foi aplicada em conjunto com os participantes e que foram preparadas à luz deste estudo tiveram limitações devido a ser um campo incipiente de base teórica e prática. Se fosse reaplicada poderia ter adequações que possibilitaria a melhoria das atividades.

No entanto, entendemos que cumprimos o objetivo que era chamar a atenção destes professores em formação inicial para a complexidade que têm essas temáticas e que eles podem ser agentes para ajudar no enfrentamento às desinformações e de verificar a importância de preparar professores para lidarem com essa crise, em sala de aula, buscando realizar ações de preparação de cidadãos conscientes e críticos nas plataformas e demais meios existentes na internet.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que foram trilhados pela presente pesquisa foram muito distintos, ainda que estejamos com a temática da desinformação em voga, especialmente no campo da política, e que isso está interferindo em muitas frentes. Quando tratamos desta temática no campo na educação, especificamente na formação inicial de professores, é um tema ainda muito recente e com poucos estudos publicados.

Mas ao longo desta pesquisa, dos dados e atividades, fica cada vez mais evidente o quanto este debate tem que ser ampliado e colocado em execução para que possa surtir efeito com a máxima brevidade. Ainda que tenhamos o entendimento consensuado de que os resultados da educação são vistos a longo prazo (Novoa, 2022).

É nesse intuito que esta pesquisa buscou responder à indagação de como desenvolver, na formação inicial de professores, a análise e compreensão de informações midiáticas através de propostas e práticas pedagógicas. A partir desse objetivo, procuramos verificar indicativos de ambientes, neste nível de formação, que promovessem práticas e estudos que viessem a analisar e compreender o contexto da sociedade permeada por informações falsas, manipuladas e/ou descontextualizadas.

Considerando que este estudo se propôs ser um locus de debate que pudesse subsidiar e fundamentar a pertinência dessa temática por meio do período histórico da pós-modernidade na formação inicial de professores, é que foi utilizado o sociólogo Lyotard (2009) em conjunto com Martins (2020), trazendo-os para o debate no contexto do campo educacional em alinhamento a outros autores para subsidiar esta discussão.

Os autores anteriormente citados pontuam que as pessoas deste século passaram a ter identidades fragmentadas e consideram que houve transformações na sociedade que fragilizaram a ciência e os conhecimentos consensuados historicamente. De acordo com o segundo, ao serem analisados, esse tipo de conteúdo conseguiu, minimamente, ser “aceitável” por parte da população.

Os textos apresentados neste estudo conseguem dar uma base inicial para o debate da desinformação no ambiente educacional de formação de professores, desta forma é palpável que exista arcabouço introdutório, mas que já demonstra a pertinência da inclusão destas temáticas nestes ambientes.

No que tange à formação inicial de professores e, posteriormente, através destes profissionais deve ocorrer a superação da desinformação por meio da sua atuação junto às crianças e adolescentes. Consideramos que, a partir deste estudo e de bases textuais como

D’Ancona (2018) e de Alencar (2021), há a inviabilidade de vencer a manipulação da sociedade e do uso de mentiras para controle de pessoas, em especial, pela realidade tecnológica que vivenciamos e que tende a avançar cada vez mais, somente pelas vias educacionais.

Contudo, a educação é um caminho fundamental para que se construa uma sociedade mais preparada para lidar com este contexto, seja no meio digital e até mesmo no meio físico. Com dito por Silva (2021), é preciso preparar cidadãos em uma base crítica e colaborativa sobre temas da atualidade e partir do apresentado no presente estudo. Esta preparação deve ser iniciada pela formação dos professores que, posteriormente, serão propagadores dessas formações. Mas, também é preciso que essa formação seja realizada extrapolando os conceitos e práticas meramente instrumentais, como bem colocado por Alencar (2021).

Nesse sentido, entende-se que, ao serem analisados estes estudos e com base no contexto da presente pesquisa, a formação inicial de professores é um caminho de grande importância para o enfretamento da desinformação, mas não para sua superação. Além de que é preciso também outros mecanismos sendo aplicados conjuntamente para que se tenha um efeito mais eficiente; a educação é somente um dos pilares para que isso ocorra.

Vale destacar que o período histórico da pós-modernidade, em conformidade com o Lyotard (2018), daria explicações de como as pessoas ficaram mais suscetíveis para aceitarem estes conteúdos fraudulentos. Em seguida, a pós-verdade apresentada por D’Ancona (2018) corrobora com o entendimento dos motivos de como há grupos da sociedade que preferem estes conteúdos circulando entre as pessoas. E, por fim, Castells (1999) e Kenski (2012) mostram como o avanço tecnológico ajudou exponencialmente a propagar tais materiais.

Por este motivo, é que se reforça a importância e necessária promoção da formação inicial dos professores para trabalhem estes assuntos em suas disciplinas, de forma que faça o confronto com teorias conspiracionistas que tenham alinhamento com os assuntos que forem ser estudados nas aulas. Assim como se deve ser apontada também a importância de ser ampliada para a formação continuada dos docentes que já estão atuando. Destaca-se que a formação continuada não foi objeto central da presente pesquisa, mas que se salvaguarda sua grandiosa importância para o sistema educacional.

É por isso que se propôs desenvolver um conjunto inicial de encaminhamentos educacionais que envolvesse a análise e compreensão de informações midiáticas, em sua diversidade. Com esse objetivo e, a partir dos textos estudados, foi organizada uma proposta que contemplasse a construção de um ambiente de trocas dialogadas, para isso foram usados textos como Cordeiro e Costa (2021) e Buckingham (2010), e o uso de vídeos que passassem

reflexões sobre a temática, desta forma entende-se que é possível alcançar essa intencionalidade.

E também que este espaço fosse um ambiente que propiciasse a construção de práticas que pudessem olhar para a sua futura atuação. Por isso que foi proposto aos participantes que fosse desenvolvida uma proposta de atividade que pudesse ser aplicada durante uma aula da educação básica de forma criativa, coletiva e articulada com algum assunto, como proposto por Imbernón (2016).

Dessa maneira, ainda que com parcialidade, este estudo desenvolveu uma proposta inicial de encaminhamentos educacionais, visto que foram colocadas questões indicativas que poderão ser utilizadas pelos cursos de formação que considerarem um encaminhamento risonável para sua realidade. Esta pesquisa compreendeu ainda que não cabia ao estudo desenvolver e apresentar um modelo pronto e acabado para que seja replicado em todo e qualquer lugar.

Entretanto, as atividades que foram aplicadas com os participantes demonstram que, mesmo cursos de formação inicial no campo da tecnologia, caso do curso de licenciatura em informática educacional – no qual foi realizada a aplicação –, ainda existe o desconhecimento sobre temáticas que estão, de certa forma, atreladas à conjuntura tecnológica das últimas décadas, tal como apresentado neste estudo.

Salienta-se ainda que mesmo não sendo o lócus desta pesquisa e, portanto, não temos os dados necessários que sejam ligados diretamente aos demais cursos de licenciatura, entendemos que cabe aos Núcleos Docente Estruturante – NDE – dos cursos realizarem o exercício de reflexão sobre a importância da inclusão desta formação sobre a desinformação em seus respectivos cursos de licenciatura.

Portanto, é impreterível a necessidade de que avançar no debate sobre a importância desta inclusão. Como dito, a população está constantemente consumindo e compartilhando informações no mundo virtual. Assim, todos os usuários precisam de uma formação mínima para poderem utilizar estes ambientes de forma crítica, pois “todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. Da mesma forma que crianças são ensinadas a como entender textos impressos, suas faculdades críticas devem ser treinadas para enfrentar os desafios muito diferentes de um feed digital” (D’Ancona, 2019, p. 101).

Porém, avalia-se que o conjunto de atividades de encaminhamento educacional poderia ter sido mais bem elaborado e aplicado, todavia o curto período de elaboração e aplicação foi um motivo que gerou esses desarranjos. Mas, deve ser considerado para estudos futuros a

inclusão ou então troca de alguns textos, do uso de outros materiais de multimídia para além dos que foram usados.

Ademais, poderia ter sido incluída no plano de curso a aplicação das propostas de ação que foram elaboradas pelos participantes da pesquisa durante as atividades, como foi pontuado por uma das participantes da aplicação. Ressalta-se que mesmo com estes indicadores de melhorias do conjunto de atividades, esta proposta cumpriu um fim importante na formação daqueles que participaram, tanto na avaliação dos proponentes como dos próprios participantes, levando aqueles futuros professores ao “desenvolvimento da crítica necessária para analisar, criar e participar de maneira consciente, responsável e ética do cotidiano midiático atual” (Alencar, 2021, p. 6).

Como dito, a educação por meio da formação de professores e da propagação destas formações, inclusive, pelas escolas é um dos pilares de enfrentamento da desinformação. Mas, é preciso que sejam incorporados neste debate outros pilares importantes para construir uma rede maior de enfrentamento com os grupos de disseminação de desinformação, tanto para os dias atuais como também pensando no futuro próximo.

Um destes pilares é a autorregulação das próprias plataformas, como mostrado por algumas das equipes dos participantes deste estudo. Foi apresentado por elas que tais plataformas são coniventes com atitudes e práticas de divulgação de desinformação e outras formas que causam danos à sociedade e à democracia. Também apresentaram que o algoritmo de algumas plataformas colabora com a propagação de conteúdos, especialmente, com teor racista e misógino.

Parte dessas plataformas apresentaram nos últimos anos, após muita pressão popular, meios de combate a algumas práticas corriqueiras nesses ambientes. Implementaram mecanismo de denúncia, de moderadores para avaliar as denúncias e dos conteúdos ao vivo, e até inteligência artificial para barrar ou destacar que certos conteúdos são fraudulentos.

Contudo, algumas dessas ferramentas não foram suficientes ou até mesmo nem funcionaram como havia sido apresentadas. Estes fatos detectados e apresentados encontram alinhamento com o que D’Ancona afirma, que “esses compromissos dos gigantes da tecnologia só terão eficácia se a pressão pública for mantida: muito do que é apresentado como responsabilidade social empresarial não passa de falsa virtude, de fala benevolência” (D’Ancona, 2018, p. 106).

Outro pilar que deve ser pontuado é a popularização dos sites de checagem de materiais divulgados nas redes sociais, seja no formato de imagens, vídeos e/ou áudios, que são

conhecidos como *fact checking*. É oportuno empreender esforços para impulsionar e popularizar estes ambientes. Podem ser um bom espaço para combater a desinformações e os seus produtos. Isso perpassa por vários setores da sociedade, inclusive pelo poder público e também pelas instituições educacionais.

Vemos ainda mais um pilar para este enfrentamento: que seja elaborada e aplicada uma legislação que criminalize os grandes produtores e disseminadores da desinformação, estabelecendo diretrizes para as plataformas se autorregularem; propor ações educacionais para o desenvolvimento de habilidades de detecção de desinformação, e comunicações institucionais que pautem as divulgações dos sites de *fact checking*. Desta maneira, acredita-se que avançará o embate com os grandes produtores de conteúdos que deturpam os fatos.

Será por meio de uma legislação direcionada para este fim que poderemos combater os métodos de propagação da desinformação e da conhecida frase “terra sem lei” nos ambientes digitais. Contudo, o que vemos na legislatura do congresso nacional brasileiro é a imposição de grande parte dos parlamentares em não pautar essa temática. Houve a tentativa de aprovar um Projeto de Lei, mas ele foi retirado de pauta logo após muita pressão de diversos deputados que se denominam como sendo de *direita*. E não se vislumbra prazo para o seu retorno à pauta da casa legislativa.

Os pilares apresentados podem ser considerados caminhos fundamentais para a contenção e o esfriamento dos grupos disseminadores de desinformação e todo este cenário de crise comunicacional que está sendo vivenciado pela sociedade. Assim como será essencial para quebrar com o clima de normalidade que vem se criando com o passar do tempo (D’Ancona, 2018), em que a população se tornou indiferente, como se fosse algo habitual toda a excreção que tem sido despejada todos os dias nas mídias digitais.

Vale reforçar que historicamente o uso da informação foi utilizada para manipular a sociedade. E que atualmente tem se compreendido que a desinformação permanecerá em nosso meio, em vista de que uma de suas impulsionadoras, a pós-verdade, também não passará com brevidade, como dito por D’Ancona ao falar que “não é hora de ser otimista ou ter confiança presunçosa de que aquilo que chamamos de pós-verdade seja apenas a última moda sobre a passarela intelectual que desaparecerá espontaneamente na insignificância” (D’Ancona, 2018, p. 15).

Com o encerramento do estudo, o pesquisador consegue firmar sua avaliação do início da pesquisa: de que o cenário de interferência da desinformação na sociedade era bastante temeroso. Porém, hoje este pesquisador consegue compreender melhor a complexidade que está

sendo vivenciada na sociedade brasileira, mas também em todo o mundo. E de que, como educador, precisa colaborar ainda mais com a propagação da importância da formação de outros professores.

Além disso, entende e corrobora que as universidades e escolas, a educação como um todo é o ambiente apropriado para a difusão dessas formações. Além disso, é preciso que seja ampliado ainda mais o arcabouço referencial necessário para debater as questões da desinformação na sociedade e de como isso tem afetado, inclusive, a educação.

Ao passo que ratifica a importância de autores como D'Ancona (2018), Alencar, (2021), Martins (2020), Silva (2021), dentre outros, que foram usados para o subsídio do presente estudo e que também podem ser fortes colaboradores teóricos nos referenciais de cursos de formações no momento de preparar as ementas e/ou planos de curso que venham a tratar dessas temáticas para a formação dos futuros professores da sociedade brasileira.

Por fim, ainda que com uma literatura incipiente, visto que a própria temática ainda é muito nova no campo educacional, consideramos que alcançamos alguns indicativos que podem ser caminhos que respondam à nossa questão inicial, à medida que foram sendo apresentados meios, práticas e materiais que podem colaborar com o debate na desinformação no campo da formação inicial de professores.

É preciso ainda salientar a necessidade de continuar o debate que este estudo inicial apresentou, ampliando o escopo teórico e procedimental de pesquisas correlatas, além do aperfeiçoamento das atividades e o desenvolvimento de novas frentes investigativas e resultados que venham a surgir. No mais, o estudo consegue apresentar encaminhamentos educacionais iniciais que podem ajudar nesses próximos passos.

A racionalidade deve estar casada com a imaginação e a inovação. [...] Haverá reveses, reviravoltas e momentos de exasperação. No entanto, se a verdade ainda importa para nós como civilização, não é uma missão da qual podemos nos esquivar (D'Ancona, 2018, p. 127).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Paula de. **Competência crítica em informação e prática docente: uma análise sobre a relação do professor com a desinformação.** Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider. 2021. 145 p. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

ALBUQUERQUE, Flávia. **Brasil atingiu em 2021 menor cobertura vacinal em 20 anos.** Agência Brasil, 04 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-08/brasil-atingiu-em-2021-menor-cobertura-vacinal-em-20-anos>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ALMEIDA, Kêmeron Chagas dos Reis. **Fato ou Fake: como lidar com as Fake News em sala de aula.** Orientador: Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa. 2021. 62 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Instituto Vale do Cricaré, São Mateus, 2021.

ANDRADE, Allison Guimarães. **O exercício do pensamento crítico na leitura de Fake News.** Orientador: Prof.^a Dra. Elisabeth Ramos da Silva. 2021. 112 p. Dissertação (Mestrado em m Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2021.

ANDRIOLO, Eric Veiga. **Pós-verdade compreendida como estratégia: táticas de desinformação e deslegitimação.** Orientador: Prof. Dr. Carlos Sávio Gomes Teixeira. 2020. 191 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

BARROS, Bruno Mello Corrêa de; RICHTER, Daniela; REIS, Patrícia dos. **As tecnologias informacionais e os excluídos digitais da Amazônia: o papel da jurisdição na consecução de direitos.** Revista Jurídica Cesumar, Maringá: Unicesumar, v. 16, n. 3, p. 657-682, set./dez. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9184.2016v16n3p657-682>.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **Educação Crítica Midiática: Formação para Cidadania de Jovens no Contexto de Pós-Verdade e Fake News.** Orientador: Prof. Dr. Marcello Baquero. 2021. 318 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2021.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceito, história e perspectivas.** Educação & Sociedade, Campinas, Vol. 30, n. 109, set/dez, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?format=pdf&lang=pt>

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1993.

BLOCH, Marc. Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas da guerra. In: BLOCH, Marc. **Historia e historiadores.** 1^a. ed. São Paulo: Teorema, 1998. v. 31, cap. 4, p. 177-198.

BUCKINGHAM, David. Aprendizagem e Cultura Digital. **Revista Pátio,** Porto Alegre, ano XI, n. 44, p. 1-5, Jan 2008.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educ. Real,** Porto Alegre, ano set./dez, v. 35, n. 3, p. 37-58, set/dez 2010.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. 6. Ed. ver. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V.1. ISBN 85-219-0329-4.

CHAVES, Mônica; MELO, Luísa. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. Rio de Janeiro: **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, ed. 3, p. 62-82, 5 dez. 2019.

CLAUSSEN, Emma; ZENOBI, Luca. Fiction and Disinformation in Early Modern Europe: An Introduction. **Past&Present**, Oxônia, v. 257, p. 1-35, 1 nov. 2022.

COLARES, Anselmo Alencar. Prefácio “Amazônia”: Para Além Do Território”. In: COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; PEREZ, José Roberto Rus ; COLARES, Anselmo Alencar. (orgs.). **Educação e realidade amazônica**. Uberlândia/Minas Gerais: Navegando, 2018, p. 3.

CORDEIRO, Leonardo Zenha; COSTA, Renato Pinheiro da. Problematizações das Tecnologias Digitais na Formação do Professor de História no Contexto Amazônico. **História digital e global: novos horizontes para a investigação histórica**, Florianópolis, v. 27, ed. 45, p. 228-248, 19 jun. 2020.

CRUZ JR, Gilson. “Ver o que temos diante do nariz requer uma luta constante”: a pós-verdade como desafio à educação na era digital. ETD- Educação Temática Digital, ETD- **Educação Temática Digital**, ano 2021, v. 23, n. 1, p. 273-290, 2021.

CRUZ JR, Gilson. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 21, n. 1, p. 278– 284, 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

EDUCAMÍDIA. Cidadania para o mundo conectado. In: **Habilidades**. Porto Alegre: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: < <https://educamidia.org.br/habilidades> >. Acesso em: 13 agosto 2022.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de professor**, Ponta grossa, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011.

FERREIRA, Gisele Vidal. **Usos e sentidos das TDICS na Amazônia: os desafios em implantar a ti verde em uma escola de ensino médio de tempo integral em Santarém-pa**. Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Tania Suely Azevedo Brasileiro. 2019. 262 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

GIBBS, Graham; FLICK, Uwe. **Análise de dados qualitativos. (Métodos de pesquisa)**. Artmed Editora: 2009. *E-book*. ISBN 9788536321332.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, Ed. 4, 2002.

GONSALES, Priscila; AMIEL, Tel. Inteligência Artificial, Educação e Infância, Educação na contemporaneidade: entre dados e direitos. **Panorama Setorial da Internet**, v. 3, n. 12, 2020.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy. The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. **The National Association for Media Literacy Education**, [s. l.], ano 2009, v. 1, ed. 1, p. 1-11, <https://doi.org/10.23860/jmle-1-1-1>.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do Ensino e a formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016. 232 p. ISBN 9978-85-249-2430-9.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LAZZARINI, Isabella. Part II Diplomacy as a political action. In: **Communication and Conflict: Italian Diplomacy in the Early Renaissance, 1350–1520**. Nova York, EUA: Oxford University Press, 2015. cap. Information, p. 69-85. ISBN 978-0-19-872741-5.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. Editora Atlas Ltda, 2021. E-book. ISBN 9788597026610.

LEMONS, André. **A Tecnologia é um vírus: Pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021. 150 p. ISBN 978-65-5759-029-4.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-moderna**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MÍDIAMAKERS. **Educação para informação: leitura crítica das mídias e avaliação da informação**.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARTINS, Helena (org.). **Desinformação: crise política e saídas democráticas para as Fake News**. São Paulo: Veneta, 2020. ISBN 978-65-86691-04-7. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-crise-politica-e-saidas-democraticas-para-as-fake-news/>. Acesso em: 11 out. 2022.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.

RECUERO, Raquel et al. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate**. Pelotas, RS: MIDIARS – Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e análise de Redes Sociais, 2021.

SCOLARI, Carlos. **Literacia transmedia na nova ecologia mediática**: livro branco. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2018.

SELWYN, Neil. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: Uma perspectiva crítica do Reino Unido. **Revista Educação e Sociedade**, v. 29, n. 104, 2008, p. 815-850.

SELWYN, Neil. Dez sugestões para melhorar a investigação académica em educação e tecnologia. **Educação, Formação & Tecnologias** - ISSN 1646- 933X, América do Norte, 9, dez. 2016.

SELWYN, Neil. **Educação e tecnologia**: questões críticas. In: FERREIRA, Gisele Martins dos Santos; ROSADO, Luis Alexandre da Silva; CARVALHO, Jaciara de Sá. **Educação e Tecnologias**: abordagens críticas. Rio de Janeiro: SESES, 2017.

SILVA, Lucinalva de Almeida. **A influência da Fake News e da desinformação na era da pós - verdade**: saberes e estratégias de professoras do ensino fundamental no contexto de uma pesquisa - formação. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Souza Ribeiro. 2021. 209 p. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares) - Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina, Petrolina, 2021.

SILVA, Aniele Domingas Pimentel; RABELO, Neliane Mota; MAFRA, José Ricardo de Souza. **Pesquisas educacionais e tecnologias**: um panorama inicial na região oeste do Pará. In: COLARES, Maria Lilia Imbiriba Soares; PEREZ, José Roberto Rus; CARDOZO, Maria José Pires Barros (Orgs.). **Educação e Realidade Amazônica**. 1. ed. Uberlândia / Minas Gerais: Navegando, 2018. v. 3, cap. VIII, p. 179-218.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Artmed: 2011. E-book. ISBN 9788563899330.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV Online**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/41468>> Acesso em 12/02/2021.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204-/220418por.pdf>> Acesso em: 15/03/2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. **Projeto político pedagógico do curso de licenciatura em Informática Educacional**. Santarém: Ufopa, 2017.

VERSUTI, Christiane Delmondes. **Literacia midiática no ensino de jovens e contribuição para participação cidadã**: experiência intercultural entre Brasil e Portugal. Orientador: Prof. Maximiliano Martin Vicente. 2021. 287 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO/ANUÊNCIA INSTITUCIONAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

Termo de Autorização/Anuência Institucional

Solicito anuência/autorização para realização do projeto de pesquisa “Análise e compreensão de informações midiáticas: debates pós-modernos para a formação de professores”, do pesquisador Igor Pereira dos Santos, do Programa de Pós- graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.

Comunico que a coleta/produção de dados será realizada no período de 01/10/2022 a 31/01/2023, através de atividades pedagógicas em um componente curricular do curso de Licenciatura em Informática Educacional, a ser ofertada no Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.

Informo que o pesquisador se compromete a:

1. Iniciar a coleta de dados somente após a aprovação final do protocolo de pesquisa pelo Sistema CEP/CONEP. Informo que este projeto será avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Oeste do Pará, em relação a análise ética.
2. Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos possíveis.
3. Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos nas Resoluções No 466/12 e N° 510/16 do CNS.
4. Como benefício para a instituição, após a finalização do projeto de pesquisa, trazer aos interessados os resultados obtidos, de maneira a auxiliar possíveis tomadas de decisão em relação a temática, nas futuras reformulações dos Projetos Pedagógicos de Curso.

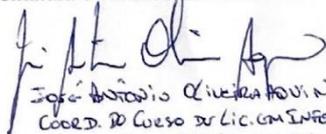
Data: 29/08/2022

Nome do Pesquisador: Igor Pereira dos Santos

Assinatura do pesquisador:

Eu, José Antônio Oliveira de Aquino, coordenador(a) do curso de Licenciatura em Informática Educacional do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA – Campus Santarém, autorizo a realização da pesquisa conforme solicitado acima.

Assinatura e carimbo institucional:


José Antônio Oliveira de Aquino,
Coord. do Curso de Lic. em Informática Educacional
Portaria: 084/2022 de 11/04/2022.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidar você para participar desta pesquisa de forma voluntária.

Eu, **Igor Pereira dos Santos**, desenvolvo pesquisa para o Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PGGE, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), intitulada “Análise e compreensão de informações midiáticas: debates pós-modernos para a formação de professores”, sendo orientado pelo Prof. Dr. José Ricardo e Souza Mafra. A pesquisa justifica-se pelo fato de haver poucos estudos focados em apresentar e discutir formas e métodos de se trabalhar, na formação inicial de professores, ambientes de ensino e aprendizagem que visem desenvolver a análise e compreensão de informações midiáticas frente a desinformação.

Os participantes serão convidados a preencher um questionário diagnóstico no início da pesquisa, e ao final do curso, feitas pelo proponente por meio presencial onde deverão ser observados os critérios éticos definidos pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/2012 junto com o Ofício Circular de Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS de 24 de fevereiro de 2021 que trata das orientações para procedimentos em pesquisas que utilizem o ambiente virtual.

i) Das orientações do Ofício Circular de Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS:

- Esse convite é individual e foi entregue em mãos para participante.
- Enfatizamos aos participantes de pesquisa que guardaremos em nossos arquivos uma cópia do documento e que esta poderá ser inutilizada a qualquer momento caso essa seja a decisão do participante.
- Garantimos ao participante de pesquisa o direito de, mesmo tendo aceitado o convite, não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.
- Garantimos ao participante da pesquisa o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada.
- Assumimos quaisquer custos diretos e indiretos da pesquisa no que se refere à utilização de ferramentas eletrônicas.

ii) Dos cuidados para evitar constrangimentos ou estigmatização:

Em nenhum momento o rosto do aluno participante será divulgado. Assim, a privacidade do aluno participante será resguardada com intuito de evitar eventuais riscos ou danos decorrentes do estudo. Os resultados desta pesquisa que serão publicados na dissertação de mestrado e em artigos científicos, quando necessária a descrição de alguma resposta, utilizarão códigos ou pseudônimos no texto do trabalho a ser publicado.

Ou seja, todas as informações pessoais, imagem, áudio ou qualquer outro dado que possa, de qualquer forma, identificar o aluno participante, será mantido em completo sigilo. Para isso, o pesquisador fará o download dos dados coletados para um dispositivo próprio e apagará todo e qualquer registro da plataforma virtual utilizada para a entrevista, conforme recomendação do Ofício Circular de nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

Ademais, o pesquisador responsável compromete-se em tomar quaisquer encaminhamentos necessários à reparação de algum eventual dano físico, financeiro ou psicológico decorrente das atividades realizadas no estudo.

* * *

Para a participação é necessária à sua assinatura neste documento de consentimento.

Após esta assinatura, você terá a garantia de plena liberdade para participar. E, caso desista, mesmo após o andamento da pesquisa, terá o direito de deixar de participar, sem nenhum prejuízo ou penalidade. Para isso, bastará informar ao pesquisador, sem a necessidade de nenhuma justificativa. É garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Desta maneira, qualquer informação pertinente ao estudo estará disponível antes, durante e depois da execução do estudo. Para isto também, bastará entrar em contato com o pesquisador responsável.

Comunico que a pesquisa não terá nenhum tipo de gasto ou despesa para você e sempre que achar necessário, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável pelo telefone (93) 99105-4508, e-mail: igorsantos459@gmail.com ou endereço: Avenida Marechal Rondon, SN – Bairro da Caranazal – CEP: 68020-820. Além disso, as pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil são submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que tem a função de avaliar e acompanhar as pesquisas em andamento, considerando, para sua atuação, diretrizes nacionais e internacionais de ética em pesquisa. No caso desta pesquisa, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Oeste do Pará, localizado na Rua Vera Paz, s/n – Prédio da Reitoria, Sala nº 03. Bairro Salé. Município: Santarém-PA. CEP 68040-255. Telefone: (93)2101-4924. E-mail: cep@ufopa.edu.br. Horário

de funcionamento: das 8:00 às 18:00 horas, estando sob a coordenação da Prof.^a Flávia Garcez da Silva.

Enfim, caso concorde em participar desta pesquisa, peço, gentilmente, que acrescente a sua assinatura nas duas vias deste documento. Sendo que uma das vias permanecerá com você e a outra deverá ser escaneada e enviada ao pesquisador responsável pelo e-mail igorsantos459@gmail.com. Antecipadamente, agradeço por sua colaboração a esta pesquisa.

Santarém – PA,// 2022.

Nome do(a) participante

Telefone: _____; *E-mail:* _____

Todas as informações sobre a pesquisa foram fornecidas e as dúvidas sanadas. Ademais, obteve-se a assinatura do(a) participante seguindo as normas éticas previstas na resolução nº 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS de 24 de fevereiro de 2021 que trata das orientações para procedimentos em pesquisas que utilizem o ambiente virtual.

Igor Pereira dos Santos
Pesquisador Responsável

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE VERIFICAÇÃO DE CONSUMO E COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO

Identificador

 igorsantos459@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Mapeamento do consumo e compartilhamento de informações

Como você consome informações:

Rede Sociais *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre

WhatsApp e Similares *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito



Sempre

Site de Jornais conhecidos *

Nunca

Raramente

Frequentemente

Muito

Sempre

Site e Jornais Independente *

Nunca

Raramente

Frequentemente

Muito

Sempre

TV *

Nunca

Raramente

Frequentemente

Muito

Sempre



Rádio *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre

Jornais impressos *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre

Com que frequência você compartilha informações:

Facebook *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente



- Muito
- Sempre

Instagram *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre

Twitter *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre

WhatsApp *

- Nunca
- Raramente
- Frequentemente
- Muito
- Sempre



APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO TEMÁTICO INICIAL

Identificador

 igorsantos459@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Verificação sobre alguns campos de estudos

Você sabe o que é Educação Midiática? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Você sabe o que é Desinformação? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Você sabe o que é Pós-verdade? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Os termos "Desinformação" e "Fake News" tem o mesmo sentido? (Justifique) *

Sua resposta



APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO TEMÁTICO FINAL

Identificador

 igorsantos459@gmail.com (não compartilhado) [Alternar conta](#)



*Obrigatório

Verificação sobre alguns campos de estudos

Você sabe qual é a definição de Educação Midiática? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Você sabe qual é a definição de Desinformação? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Você sabe qual é a definição de Pós-verdade? (Se sim, descreva) *

Sua resposta

Os termos "Desinformação" e "Fake News" tem o mesmo sentido? (Justifique) *

Sua resposta



APÊNDICE F – LISTA DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA EM GRUPO

1. Mediante ao estudo realizado na disciplina, como vocês avaliam que as temáticas podem contribuir na sua formação inicial?
2. Você acredita que os cursos de formação inicial de professores precisam ter espaço de debate como estes? Se sim, porquê?
3. Para você, qual foi o ponto principal/importante durante as aulas?
4. Para sua vida pessoal, estes debates fizeram diferença?
5. Considerando os debates realizados, como você caracteriza o impacto da desinformação na sociedade?
6. Na sua opinião, quais são os mecanismos necessários para combater a desinformação?
7. Como estes mecanismos podem ser pensados para o campo educacional?

APÊNDICE G – Planilhas de respostas

Você sabe o que é Educação Midiática? (Se sim, descreva)		
Part.	Resposta Inicial	Resposta Final
AIE01	Educação com a utilização de mídias voltadas para o ensino e aprendizagem	A educação midiática é o estudo de competências para a formação de pessoas com pensamento crítico e a consumir, analisar e produzir conteúdos e informações verídicas na era digital.
AIE02	Sim, é uma educação vinda através das mídias, televisão, radio, internet,etc.	Educação relacionada com o ensino do uso da mídias digitais e atuais.
AIE03	Acredito que seja a educação de se passa através de mídias e o uso ou valor que pode ser dado dentro de uma sala de aula a uma ferramenta midiática como o whatsapp por exemplo que e usado com bastante frequência para o compartilhamento de informações.	E ensinar o uso da mídias dentro de um contexto onde através de uma mídia se repasse um conhecimento.
AIE04	A educação midiática tem como base os diversos meios de comunicação, seja ela digital ou não, ocorre por meio da interação entre professor e alunos.	e a educação que se dar por diferentes meios, utilizando da tecnologia ou sem o apoio dela
AIE05	ainda não, mas espero aprender com essa disciplina	Busca reunir habilidades em manusear mídias eletrônicas em ambientes informatizados.
AIE06	Não lembro	Não
AIE07	Informações repassadas através de mídias presentes no cotidiano.	Educação através de mídias, como TV, rádio, redes sociais, etc.
AIE08	NÃO, DESCONHEÇO O CONCEITO	A TENTATIVA DE FAZER USO DAS MÍDIAS PARA COM A EDUCAÇÃO DE FORMA TRANSVERSAL.
AIE09	Sim, acredito que a educação midiática tenha por objetivo fazer com que o individuo tenha capacidade de interpretar, criticar, pesquisar aquilo que ele ver de informações através das redes, de uma forma responsável e reflexiva.	Sim, é uma série de competências que faz com que os alunos tenham um pensamento crítico, onde possam analisar o tipo que conteúdo/imformações que consomem na era digital.
AIE10	Acredito que seja o uso das mídias sociais a favor da educação, ou seja utilizar as midias para um meio educativo, uma oficina virtual por alguma rede social por exemplo no youtube ou outros.	Ter um pensamento crítico e aptas a consumir, analisar e produzir conteúdos e informações verídicas na era digital.
AIE11	acredito que seja educação por meio das mídias	é estimular o senso crítico no ambiente escolar
AIE12	É uma educação que se dá através de mídias.	Sim, educação Midiática é a educação através das mídias para as Mídias, com o intuito de formar cidadãos críticos e conscientes.
AIE13	Por enquanto não.	Não.
AIE14	Educação por meio de multimídias, por imagens, sons, e vídeos.	Sim, é uma educação que buscar auxiliar os internautas a navegar de forma consciente nas mídias, e utilizar de forma adequada, evitando compartilhar feek news, e trabalhar junto as disciplinas escolares.

Você sabe o que é Desinformação? (Se sim, descreva)

Part.	Inicial	Final
-------	---------	-------

AIE01	Pela palavra PARECE ser algo voltado a falta de acesso ou então a falta de busca ou até mesmo aquilo que a pessoa não tem conhecimento, mas compartilha sem uma pesquisa previa. Porém o significado verdadeiro ou mais profundo, AINDA será aprendido.	é a distribuição deliberada e intencional de informações falsas. O termo é geralmente usado para descrever uma campanha organizada para distribuir enganosamente material falso destinado a influenciar a opinião pública.
AIE02	É ter uma informação sem fontes concretas, que provem o real da informação.	Não lembro
AIE03	e não saber de determinado assunto.	E uma informação falsa que e repassada principalmente pra obtenção de likes e visualizações.
AIE04	A desinformação ocorre quando a pessoa não tem o conhecimento de um tal assunto específico, e que acaba passando a informação errada sem ter a certeza.	e a informação que é modificada ou manipulada
AIE05	sim, quando pessoas não tem as informações corretas sobre assuntos.	Divulgar uma notícia, sem ter a certeza de sua veracidade.
AIE06	Sim. Sim quando se utiliza tecnicas que mudam a verdade que de alguma induz o erro do sujeito que recebe essa informação	Sim. E quando é utilizado de técnicas de comunicação e informação para induzir a erro ou dar uma falsa ideia de realidade
AIE07	Falta de informação sobre algo específico.	É o repasse de uma informação errada de forma proposital, mesmo que saiba que existe a informação correta.
AIE08	SERIA UMA INFORMAÇÃO DETURPADAS?	A TENTATIVA DE TRAZER INFORMAÇÕES TENDENCIOSAS COMO VERDADE AFIM DE MANIPULAR O PUBLICO COM IDEOLOGIAS E PARADIGMAS SEM NENHUMA BASE CIENTIFICA.
AIE09	Sim, acredito que seja a falta de informação de um individuo em relação a um determinado assunto.	Sim, a desinformação é o ato de induzir ao erro ou dar uma falsa imagem da realidade, mediante a ocultação de informações, ou modificação o seu sentido.
AIE10	creio que seja algo que você conheça mais você não procura meios, se a informação é verídica.	Notícias que são publicadas qu contribuem para o aumento de informações falsas.
AIE11	acredito que seja quando não há repasse de uma informação sobre uma situação que ocorreu ou que está ocorrendo deixando as pessoas desinformadas.	são informações fabricadas com o intuito de enganar
AIE12	É a falta de acesso a informações.	Sim, desinformação é a propagação de informações falsas da realidade, com o intuito de confundir e desinformar seus consumidores.
AIE13	Sim, repassar informações que não condizem com a verdade.	Não.
AIE14	É a informação de modo contrário, no qual omite a verdade da informação.	Uma informação repassada de forma a alterar negativo a informação verdadeira. Seja em uma fala, ou cortes de uma cena.

Você sabe o que é Pós-verdade? (Se sim, descreva)		
Part.	Inicial	Final
AIE01	Não	é quando a opinião pública reage mais a apelos emocionais do que aos fatos verdadeiros. O que os agrada e suas crenças é sua verdade.
AIE02	Não	Não sei

AIE03	não .	E um conceito que pra uma determinada pessoa e verdade independentemente dos fatos apresentados.
AIE04	É o ato de concretizar algo que já foi dito, ou seja, reforçar aquilo que já sabemos	sim, é acreditar na informação que lhe é favorável.
AIE05	ainda não, espero aprender	É divulgar uma notícia com sua autenticidade distorcida.
AIE06	Não	Não lembro
AIE07	Não	A pós verdade é o que acreditamos a cerca de nossas vivências quando recebemos uma informação, mesmo que a ciência diga seu conceito, tomamos como verdade aquilo que acreditamos.
AIE08	SERIA UMA MEIA VERDADE, UMA FASE FORA DE CONTEXTO?	A TENTATIVA DE CRIAR UMA CENÁRIO SENSACIONALISTA AFIM DE TRANSMITIR UMA IDEIA ERRONIA DE ALGO QUE PODE SER VERÍDICO. AFIM DE CRIAR MANIPULAÇÃO EM MASSA.
AIE09	Não, nunca havia ouvido falar do termo.	Refere-se as circunstância nas quais os fatos tem menos influência do que o apelo emocional e as crenças pessoais.
AIE10	É quando você verifica se a informação é de fato verdadeira, então você passa a saber a realidade o que é de fato.	influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais.
AIE11	não	não lembro mais
AIE12	É as circunstancias nas quais os fatos objetivos tem menos influencia em moldar a opinião do que apelos as emoções e crenças pessoais.	Sim, pós verdade é tudo aquilo que pode não ser verdade, mas para seus usuários tem um valor simbólico e portanto não importa se aplica ou não a realidade.
AIE13	Não.	Não.
AIE14	Não sei.	Não sei conceituar ao certo.

Os termos "Desinformação" e "Fake News" tem o mesmo sentido? (Justifique)		
Part.	Inicial	Final
AIE01	Não, A Fake News é voltada a uma notícia que falsa que geralmente é voltada para geral um pouco de caos, que tem o propósito de espalhar uma mentira. Já a desinformação já fica como algo a ser falado sem ter os dados corretor sem ser intencional.	Não, a desinformação está ligado ao intencional, enquanto a fake news não
AIE02	Não porque a fake news é uma informação falsa publicada, e só acredita se não buscar outras fontes para se basear.	Não, a desinformação é a informação manipulada. E as fake news é mentira.
AIE03	(não)são termos diferentes a desinformação e não saber de algo e as fake news são informações falsas que chegam ao conhecimento da população.	Não, fake news são noticias falsas a desinformação e quando se e repassado uma noticia sem se contestar as fontes e não se ter acesso a informação verdadeira.
AIE04	Não, desinformação ocorre quando o individuo não tem aquela informação e acaba repassando algo errado, pois não buscou saber; e a Fake News é ato de repassar informação errada, boato ou noticias	não, a desinformação é uma noticia manipulada para ser falsa, e a fake news é uma noticia falsa

	falsas, espalhada por pessoas que querem causar algum tipo de desentendimento.	
AIE05	não, desinformação e quando você não tem a informação correta, a fake news é produzida por pessoas de má índole.	Não, o autor da Desinformação não busca os reais fatos da notícia, e a fake news é transmitida a notícia ou informação enganosa.
AIE06	Não. Fake new trata-se de uma notícia e infamação falsa e quanto a desinformação são os mecanismo pela qual e criado a deturpação dessa informação	Pode ate parecer ter o mesmo sentido, mas não tem o mesmo sentido
AIE07	Não, pois fake news é uma noticia falsa, e desinformação é a falta dessa noticia.	Não. Desinformação é o repasse de informações erradas propositadamente, e fake news, é uma notícia falsa repassada sem checagem.
AIE08	HA CONOTAÇÕES DISTINTAS PORÉM É DIFÍCIL DISTINGUIR	ENQUANTO DESINFORMAÇÃO TRÁS A IDEIA DE UMA IDEIA VERÍDICA DE FORMA ERRONIA, FAKE NEWS E DE FATO UMA NOTICIA FALSA COM O OBJETIVO DE ENGANAR.
AIE09	Acredito que sim, pois desinformação acredito que seja a falta de informação de um individuo em relação a um determinado assunto, já fake news é uma mentira criada.	Não, desinformação é o ato de induzir ao erro ou dar uma falsa imagem da realidade, mediante a ocultação de informações, ou modificação o seu sentido, enquanto que a fake news é uma mentira inventada e espalhada, ou seja, notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais.
AIE10	Desinformação você não é conhecedor da verdade, por exemplo você ouviu falar mas você não verificou se a informação é um fato. Fake News é uma noticia falsa de alguém ou algo que não procede, que não é verdadeiro acredito que não sejam iguais, porque quem é desinformado, não possui meios de comprovar a notícia e no fake news usa meios para espalhar essa informação.	Não. Desinformação é uma informação falsa que são publicadas e afasta os cidadãos do do é a realidade. Já fake news já é algo preposital, notícia falsa.
AIE11	não, desinformação é quando a informação não é disseminada, e fake news são mentiras repassadas a um determinado grupo.	na desinformação as informações são criadas com a intenção de enganar e fake news são noticias falsas publicadas ou distorcidas sobre algo que aconteceu
AIE12	Não, enquanto a desinformação é a falta de acesso a informações, fake news é o acesso a informações falsas.	Não, pois enquanto desinformação é a propagação de informação falsa conscientemente com o objetivo de desinformar seus usuários, a propagação das fakes news acontecem normalmente por acidente.
AIE13	Sim.	Acredito que não.
AIE14	Não. É uma informação informada de modo negativo. Fake news é uma informação inventada, mentira.	Não, pois fale news é uma informação mentirosa e desinformação é uma notícia alterada.

ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise e compreensão de informações midiáticas: debates pós-modernos para a formação de professores

Pesquisador: IGOR PEREIRA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63218222.4.0000.0171

Instituição Proponente: Universidade Federal do Oeste do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.680.469

Apresentação do Projeto:

O século XXI iniciou sendo marcado pela transformação nos meios de comunicação e informação, estamos vivendo um tempo com imenso volume de informações sobre os mais variados temas e que estão sendo propagados nos mais diversos meios de compartilhamento ao nosso redor. Toda essa transformação pode ser acrescida na conta de dois marcos importantes na história da humanidade, o primeiro é processo de transição da modernidade para pósmodernidade, os sujeitos estavam mudando, a identidade das pessoas que até então era fixa e única foram sendo descentradas e ampliadas (HALL, 2005), e o outro ponto foi quando o uso do computador e a internet se tornaram mais frequentes após a liberação para o uso popular destes artefatos no final do século XX, é pelos menos nesses dois pontos que podemos da calçar para entender a grande e rápida expansão do uso dessas tecnologias.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar na formação inicial de professores, ambientes de ensino e aprendizagem que visem desenvolver a análise e compreensão de informações midiáticas frente a desinformação.

- Discutir questões teóricas sobre a temática numa perspectiva pós-moderna que venha subsidiar e fundamentar a pertinência em ambientes educacionais;
- Analisar a relevância da proposta, na formação inicial de professores, como possíveis caminhos necessários para a superação da desinformação;

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03

Bairro: Salé **CEP:** 68.040-255

UF: PA **Município:** SANTAREM

Telefone: (93)2101-4924

E-mail: cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



Continuação do Parecer: 5.680.469

- Apresentar uma composição inicial de encaminhamentos educacionais, visando realizar a análise e compreensão de informações midiáticas, envolvendo conteúdos textuais e informações matemáticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Considera-se que em virtude dos participantes se submeterem de forma voluntariada da aplicação de atividades e de questionários, os mesmos correm o risco de estigmatização ou constrangimento. Contudo, tomaremos os cuidados necessários para que os participantes tenham suas identidades totalmente preservadas, que a pesquisa publicizada não deprecie a conduta e nem a instituição das pessoas que venham ter contato com algum momento da pesquisa. Ademais, o pesquisador responsável compromete-se em tomar quaisquer encaminhamentos necessários à reparação de algum eventual dano físico, financeiro ou psicológico decorrente das atividades realizadas no estudo. Benefícios: Como benefício direto, corresponde aos conhecimentos que serão produzidos sobre ambientes que venham a tratar da desinformação na formação inicial de professores. Indiretamente, vislumbrando a possibilidade de ampliação e melhoria do currículo acadêmico dos cursos de graduação no que tange os ambientes anteriormente citados, além disso, acreditamos que indiretamente algumas escolas e, portanto, um determinado público já sentirá onda inicial de combate a desinformação como resultado do período da pesquisa

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

É um projeto importante para a comunidade acadêmica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão completos

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03
Bairro: Salé **CEP:** 68.040-255
UF: PA **Município:** SANTAREM
Telefone: (93)2101-4924 **E-mail:** cep@ufopa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
OESTE DO PARÁ - CEP -
UFOPA



Continuação do Parecer: 5.680.469

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1988077.pdf	27/09/2022 12:30:11		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa_Igor Santos_27_09.pdf	27/09/2022 12:29:48	IGOR PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pesquisalgor_versao_27_09_2022.pdf	27/09/2022 12:23:54	IGOR PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Anuencia_Igor.pdf	12/09/2022 10:44:38	IGOR PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Igorassinado.pdf	12/09/2022 10:38:27	IGOR PEREIRA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTAREM, 03 de Outubro de 2022

Assinado por:
Flavia Garcez da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Vera Paz s/n - Prédio da Reitoria, Sala nº 03

Bairro: Salé **CEP:** 68.040-255

UF: PA **Município:** SANTAREM

Telefone: (93)2101-4924

E-mail: cep@ufopa.edu.br